



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS  
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDO LINGUÍSTICOS**

**ANDRÉ FABIANO BERTOZZO**

**DE CONECTOR A MARCADOR DISCURSIVO: “*COMO*”, “*QUE NEM*” E  
“*TIPO*” EM CHAPECÓ/SC**

**CHAPECÓ**

**2014**

**ANDRÉ FABIANO BERTOZZO**

**DE CONECTOR A MARCADOR DISCURSIVO: “COMO”, “QUE NEM” E  
“TIPO” EM CHAPECÓ/SC**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

CHAPECÓ  
2014

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D  
CEP: 89802-210  
Caixa Postal 181  
Bairro Jardim Itália  
Chapecó - SC  
Brasil

### Ficha catalográfica

#### DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Bertozzo, André Fabiano  
DE CONECTOR A MARCADOR DISCURSIVO: *COMO, QUE NEM E TIPO* EM CHAPECÓ/SC/ André Fabiano Bertozzo. -- 2015.  
126 f.

Orientadora: Cláudia Andrea Rost Snichelotto.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2015.

1. Marcador Discursivo. 2. Gramaticalização.  
3. Funcionalismo linguístico. 4. Variação via  
Gramaticalização. 5. Articuladores linguísticos. I.  
Snichelotto, Cláudia Andrea Rost, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANDRÉ FABIANO BERTOZZO

TÍTULO: DE CONECTOR A MARCADOR DISCURSIVO: “COMO”, “QUE  
NEM” E “TIPO” EM CHAPECÓ/SC

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 18/12/2014.

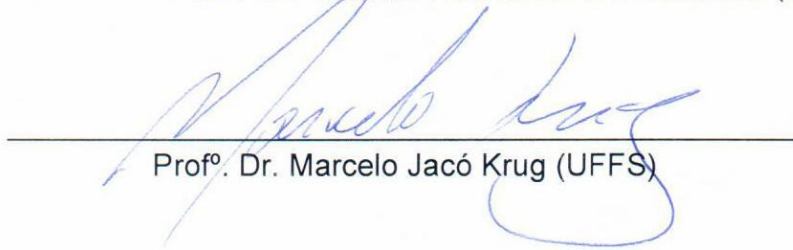
Aprovado em: 18 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA:


Orientadora:



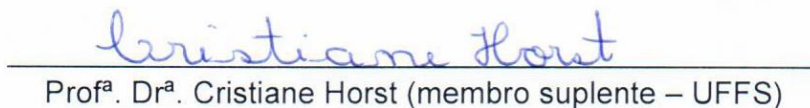
Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Cláudia Andrea Rost Snichelotto (UFFS)



Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcelo Jacó Krug (UFFS)



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiana Schwochow Pimpão (FURG)



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristiane Horst (membro suplente – UFFS)

Chapecó/SC, dezembro de 2014

*Aos meus antepassados, todos, em especial  
à Alice e Darci, in memoriam, dedico.*

## **AGRADECIMENTOS**

*À Professora Cláudia Andrea Rost Snichelotto*

*Pela confiança.*

*Por aceitar meu projeto.*

*Pela orientação.*

*Pelos comentários, sempre, valiosíssimos que contribuíram de maneira decisiva para o desenvolvimento deste trabalho.*

*Aos Professores do Programa*

*Por contribuírem direta ou indiretamente para meu amadurecimento intelectual e acadêmico.*

*Aos professores Tatiana Schwochow Pimpão, Marcelo Jacó Krug, Morgana Cambrussi, pelas importantes sugestões dadas, quando do exame de qualificação;*

*À minha família, irmãos, cunhados e sobrinhos, sempre presentes,*

*Pelo carinho, apoio e incentivo.*

*Aos amigos, de longa data e os recentes,*

*Pelo apoio e pela amizade sempre demonstrados.*

*À FAPESC/ CAPES*

*Pelo apoio financeiro (Chamada Pública FAPESC nº. 02/2013 e Portaria Conjunta Capes/CNPq nº. 1).*

*A todos que colaboraram para a realização desse trabalho, agradeço.*

O mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras.  
[...]

E Javé disse: “Eles são um povo só e falam uma só língua. Isso é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nenhum projeto será irrealizável para eles. Vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro”.

(Genesis 11:1, 6-7).

## RESUMO

Esta pesquisa visa a descrever e analisar o uso de *como*, *que nem* e *tipo* numa amostra sincrônica de fala de 12 informantes chapecoenses, monolíngues em português, do “Projeto Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” (Chamada Pública FAPESC nº 04/2012 - Universal). Pelo fato de os itens em foco serem frequentes na fala, postulamos que, em alguns contextos, atuem como elementos linguísticos que permitem a coesão, ligando partes do discurso. Para melhor entendimento do funcionamento dos itens, procedemos a um breve levantamento bibliográfico de *como*, *que nem* e *tipo* em gramáticas (SACCONI, 1995; NEVES, 2000; CUNHA e CINTRA, 2001; LUFT, 2002; PERINI, 2002) e dicionários (NASCENTES, 1955; FERREIRA, 2001; MICHAELIS, 2008; BECHARA, 2011(a); e BECHARA, 2011(b)) de língua portuguesa. Também rastreamos alguns estudos descritivos dos itens *tipo*, *feito*, *igual* e *como* (LIMA-HERNANDES, 2005) e *que nem* (DIAS, 2011) no português. Efetuaremos uma análise qualitativa, sob a perspectiva do Funcionalismo Linguístico (TRAUGOTT e HEINE, 1991; HOPPER e TRAUGOTT, 1993 e GIVÓN, 1995), que se efetivou através do mapeamento dos contextos de uso de *como*, *que nem* e *tipo*. Verificamos que os condicionantes linguísticos e extralinguísticos não atuam isoladamente, mas como um conjunto de elementos que favorecem ou coíbem as manifestações inovadoras da língua. Como condicionadores linguísticos, controlamos os contextos de uso, a posição, a relação sintática dos itens pesquisados com a estrutura oracional, o tipo de sequência discursiva que se emprega o *como*, *que nem* e *tipo* e a manutenção de tópico e inclusão de subtópico discursivo. Já quanto ao grupo de condicionadores extralinguísticos foram controlados, a *idade*, o *sexo/gênero* do informante, a escolaridade e o estilo.

Palavras-chave: Variação via gramaticalização. Funcionalismo. Articuladores textuais. Marcadores Discursivos.



## ABSTRACT

This research describes and analyzes the use of textual articulators “like, neither and kind” in a synchronic example of speaking of twelve “Chapecoenses” interviewers, monolingual in Portuguese, of the “Project Variation and Changes of Portuguese language in the West of Santa Catarina” (Chamada Pública FAPESC nº 04/2012- Universal). Because the items in focus are frequent in the speaking, it postulates that in some contexts, they act like linguistics elements that allow the coherence, it is connecting the parts of speech. For a better understanding of the items, we proceeded a brief bibliographic research of “like, neither, and kind” in the grammars (SACCONI, 1995; NEVES, 2000; CUNHA E CINTRA, 2001; LUFT, 2002; PERINI, 2002) and dictionaries (NASCENTES, 1955; FERREIRA, 2001; MICHAELIS, 2008; BECHARA, 2001(a); and BECHARA, 2001(b)) of Portuguese language. We also followed some descriptive studies of the items “kind, done, the same and as” (LIMA-HERNANDES, 2005) and neither (DIAS, 2011). We will perform a qualitative analysis, about the Linguistic Operation perspective (TRAUGOTT and HEINE, 1991; HOPPER and TRAUGOTT, 1993 and GIVÓN, 1995), that occurred through the contexts of use mapping of “like, neither and kind”, and their categorical changes, in a variation perspective through grammar. The group of linguistics and extra linguistics variables do not act isolated, but as a set of elements that favor or restrain the innovative manifestations of language. As linguistics factors in this research, we controlled the context of use, the terms position, the syntactic relation of researched items with the causal structure, the kind of discursive sequence that makes the use of “like, neither, and kind” and the topic maintenance and inclusion of subtopic discursive. As for the group of extralinguistics factors, this research, the age, the genre, the graduation and the style of the interviewer were controlled.

Key-words: Variation through grammar. Functionalism. Textual articulators. Markers discursive.

## LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

### LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As funções de <i>como</i> nas gramáticas e dicionários.....	29
Quadro 2 - As funções de <i>que nem</i> nas gramáticas e dicionários.....	32
Quadro 3 - As funções de <i>tipo</i> em dicionários.....	34
Quadro 4 - Demonstrativo de células sociais projetadas para o PVMPOSC.....	73
Quadro 5 - Demonstrativo de células sociais coletadas para o PVMPOSC.....	74
Quadro 6 - Condicionadores linguísticos e extralinguísticos .....	76

### LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da frequência de <i>como</i> , <i>que nem</i> e <i>tipo</i> na amostra do PVMPOSC.....	78
Tabela 2: Frequência de uso de <i>tipo</i> segundo os condicionadores linguísticos controlados.....	98
Tabela 3 Frequência de uso de <i>tipo</i> segundo os condicionadores extralinguísticos controlados.....	108

### LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –Frequência de <i>tipo</i> segundo os contextos de uso.....	83
Gráfico 2 – Frequência do item <i>tipo</i> segundo a POSIÇÃO.....	86
Gráfico 3 - Frequência de uso de <i>tipo</i> quanto à relação sintática com estrutura Oracional.....	89
Gráfico 4 – Frequência de uso de <i>tipo</i> quanto à Sequência discursiva.....	93
Gráfico 5 – Frequência de <i>tipo</i> segundo o Tópico e subtópico frasal.....	97
Gráfico 6 – Frequência de uso de <i>tipo</i> em relação à IDADE.....	101
Gráfico 7– Frequência de usos de <i>tipo</i> segundo o SEXO/GÊNERO.....	103
Gráfico 8 – Frequência de uso do item <i>tipo</i> segundo a ESCOLARIDADE.....	105
Gráfico 9 – Frequência de uso segundo o ESTILO.....	107

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1	OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES.....	18
1.1.1	<b>Objetivo geral</b> .....	18
1.1.2	<b>Objetivos específicos</b> .....	19
1.1.3	<b>Questões e hipóteses</b> .....	19
<b>2</b>	<b>A DESCRIÇÃO DO FENÔMENO</b> .....	24
2.1	A VISÃO TRADICIONAL E DESCRITIVA DO <b>COMO</b> .....	24
2.1.1	<b>A visão das gramáticas tradicionais</b> .....	24
2.1.2	<b>A visão das gramáticas descritivas</b> .....	25
2.1.3	<b>A visão dos dicionários</b> .....	27
2.2	A VISÃO TRADICIONAL E DESCRITIVA DO <b>QUE NEM</b> .....	29
2.2.1	<b>A visão das gramáticas tradicionais</b> .....	29
2.2.2	<b>A visão das gramáticas descritivas</b> .....	31
2.2.3	<b>A visão dos dicionários</b> .....	32
2.3	A VISÃO TRADICIONAL E DESCRITIVA DO <b>TIPO</b> .....	33
2.3.1	<b>A visão das gramáticas tradicionais e descritivas</b> .....	33
2.3.2	<b>A visão dos dicionários</b> .....	33
2.4	ESTUDOS SOBRE <b>COMO, QUE NEM E TIPO</b> .....	35
2.4.1	<b>Enunciados comparativos</b> .....	37
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	40
3.1	O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO.....	40
3.1.1	<b>Definição de gramática</b> .....	41
3.2	A GRAMATICALIZAÇÃO: CONCEITOS.....	42
3.2.1	<b>A Unidirecionalidade como lei geral da gramaticalização</b> .....	44
3.2.2	<b>Metáfora e metonímia: os mecanismos da gramaticalização</b> .....	45
3.2.2.1	A metáfora.....	45
3.2.2.2	A metonímia.....	46
3.2.3	<b>Os princípios da gramaticalização</b> .....	47
3.2.3.1	Estratificação.....	47
3.2.3.2	Divergência .....	48

3.2.3.4	Especialização.....	48
3.2.3.4	Persistência .....	49
3.2.3.5	Decategorização.....	49
3.3	ARTICULADORES TEXTUAIS.....	51
3.3.1	<b>Articuladores de conteúdo preposicional.....</b>	<b>53</b>
3.3.2	<b>Articuladores discursivo-argumentativos.....</b>	<b>54</b>
3.3.3	<b>Articuladores organizadores textuais.....</b>	<b>54</b>
3.3.4	<b>Marcadores discursivos continuadores.....</b>	<b>55</b>
3.3.5	<b>Articuladores metadiscursivos.....</b>	<b>55</b>
3.3.5.1	Modalizadores.....	55
3.3.5.2	Metaformativos.....	58
3.3.5.2.1	<i>Sinalizadores de busca de denominações.....</i>	<i>58</i>
3.3.5.2.2	<i>Indicadores de estatuto de um segmento.....</i>	<i>59</i>
3.3.5.2.3	<i>Introdutores de tópico.....</i>	<i>59</i>
3.3.5.2.4	<i>Introdutores e interruptores de tópicos.....</i>	<i>59</i>
3.3.5.2.5	<i>Indicadores do tipo de ato discursivo.....</i>	<i>60</i>
3.3.5.3	Metaenunciativos.....	60
3.4	OS MARCADORES DISCURSIVOS.....	61
3.4.1	<b>Marcadores de modalidade epistêmica.....</b>	<b>67</b>
3.4.2	<b>Marcadores de modalidade deôntica.....</b>	<b>67</b>
3.4.3	<b>Marcadores de enfocadores de alteridade.....</b>	<b>68</b>
3.4.4	<b>Marcadores metadiscursivos conversacionais.....</b>	<b>69</b>
4	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>72</b>
4.1	O CORPUS.....	72
4.2	CONSIDERAÇÕES DOS GRUPOS DE FATORES.....	75
4.3	TRATAMENTO DOS DADOS .....	76
5	<b>O FUNCIONAMENTO DE COMO, QUE NEM E TIPO.....</b>	<b>78</b>
5.1	CONDICIONADORES LINGUÍSTICOS.....	79
5.1.1	Contextos de uso do item <i>tipo</i> .....	79
5.1.1.1	Função de delimitador aproximativo.....	79
5.1.1.2	Função Pragmático-interativo.....	80

5.1.1.3	Função de Contexto de solicitação de esclarecimento.....	81
5.1.1.4	Função de Introdutor de conclusão.....	81
5.1.1.5	Função de Introdutor de descrição.....	82
5.1.1.5.1	<i>Resultados e análises</i> .....	82
<b>5.1.2</b>	<b>Posição no Contexto: inicial, medial ou final</b> .....	<b>83</b>
5.1.2.1	Resultados e análises.....	86
<b>5.1.3</b>	<b>Relação sintática de <i>dependência</i> ou <i>independência</i> com a estrutura oracional</b> .....	<b>87</b>
5.1.3.1	Resultados e análises.....	89
<b>5.1.4</b>	<b>Sequências Discursivas: descritiva, narrativa e dissertativa</b> .....	<b>90</b>
5.1.4.1	Resultados e análises.....	92
<b>5.1.5</b>	<b>Mantenedor de Tópico ou inclusão de Subtópico Discursivo</b> .....	<b>94</b>
5.1.5.1	Resultados e análises.....	96
5.2	CONDICIONANTES EXTRALINGUÍSTICOS .....	99
5.2.1	<b>Idade</b> .....	99
5.2.1.1	Resultados e análises.....	100
<b>5.2.2</b>	<b>Sexo/Gênero</b> .....	<b>101</b>
5.2.2.1	Resultados e análises.....	102
<b>5.2.3</b>	<b>Escolaridade</b> .....	<b>103</b>
5.2.3.1	Resultados e análises.....	104
<b>5.2.4</b>	<b>Estilo (entrevistador/entrevistado)</b> .....	<b>105</b>
5.2.4.1	Resultados e análises.....	107
<b>6.</b>	<b>TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DE TIPO</b> .....	<b>110</b>
<b>7.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>116</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>119</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A língua é um instrumento de comunicação humana e forma de interação social. Nesse universo dinâmico, a língua, como elemento inerente à sociedade, é mutável e heterogênea.

Este estudo intenciona descrever e analisar os contextos de uso dos itens *como, que nem e tipo* numa amostra sincrônica de fala de 12 informantes chapecoenses<sup>1</sup>, monolíngues em português, do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”<sup>2</sup> (doravante PVMPOSC), sob a perspectiva teórica do Funcionalismo Linguístico da Costa Oeste norte-americana (TRAUGOTT; HEINE, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995). A premissa que se debruça sobre estudos baseados no uso da língua no contexto real de fala é o aporte teórico que embasa este estudo.

Apresentamos, a seguir, as ocorrências (1), (2) e (3), extraídas do PVMPOSC, em que se verifica o uso dos itens estudados:

(1) Entrevistador: – Em Chapecó, tem alguma festa típica que você costuma ir? Ou que você conheça que você frequentou, que ouviu alguém comentar que frequentou? Festa junina ou alguma festa típica?

Informante: - Ehh... *Como* eu moro no Maria Gorete e eu falei inclusive na ficha, tem a festa da padroeira lá do meu bairro, que é da Maria Gorete. Que todo o ano a gente frequenta, eu o meu esposo, embora nem seja católico, a gente frequenta. [...] (PVMPOSC BF4-11)

(2) Entrevistador: – [...] Você moraria no Efapi, por exemplo?

Informante: - Ah! Sim, eu moraria, mas eu vejo assim que tem uma dificuldade de acesso, né? Pra todos os bairros mais distantes assim

<sup>1</sup> O PVMPOSC prevê a coleta de um total de 32 entrevistas nos moldes da Sociolinguística Variacionista. Como as entrevistas encontram-se em fase de coleta, nesta dissertação, nos dedicamos à análise de 12 entrevistas já coletadas, conforme Quadro 2, na seção 4.

<sup>2</sup>Este projeto é uma iniciativa do grupo de pesquisa de Estudos GeoSociolinguísticos, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), é coordenado pela Professora Doutora Cláudia Andrea Rost Snichelotto. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS (Processo 17011413.2.0000.5564).

da área central, pra qualquer lado que tu pega. Seja aqui o Efapi, o Seminário lá tem uns loteamento novo, pra frente do Seminário. Própria, lá pro lado do... Santa Maria, Esplanada lá né? Os acessos pra esses bairros assim é muito complicado né?

Entrevistador: – São mais distantes e o acesso?....

Informante: - É eu não sei se porque minha vida acontece muito aqui nessa região assim da cidade, mas... Eu vejo assim, *que nem* agora eu tenho a possibilidade de ir morar lá no Santa... Lá perto, pra lá do Regional, tem um apartamento de um conhecido que é um apartamento barato. Um apartamento novo e coisa, mas eu não iria morar lá porque, tu vê, é muito difícil o acesso e o... A questão do trânsito também é complicado também, né. Não tem muito acesso de transporte coletivo, assim. Transporte coletivo em Chapecó é bem limitado também... Público né?... (PVMPOSC BM4-09)

(3) Entrevistador: - E o que você costuma fazer nos finais de semana?

Informante: - No sábado eu acordo de manhã, e dai eu assisto TV até mais tarde, dai eu tomo café, depois eu vou andar de bicicleta, e dai depois eu almoço, e dai de tarde eu fico assistindo mais TV e talvez mais de tarde eu vou na casa de um amigo. E no domingo eu acordo de manhã TV até mais tarde, dai tem churrasco sempre no domingo, e dai quando termina o churrasco, às vezes eu vou na casa do meu primo, é só às vezes que eu vou, depois do churrasco mais tarde, mais ou menos umas três horas a gente vai lá no shopping, quase sempre no domingo a gente vai lá no shopping, e dai a gente volta e a mãe no domingo sempre tem uma janta assim, *tipo* pizza, cachorro-quente, dai o pai vem pra comer com a gente, dai fica de noite a gente assiste até mais tarde, dai a gente dorme. (PVMPOSC CM1-01).

Nas ocorrências (1), (2) e (3), verificamos *como*, *que nem* e *tipo* em contextos exemplificativos. No entanto, se observarmos a ocorrência (4), a seguir, o item *tipo* aparece em dois momentos da entrevista como uma pausa para organizar o que será dito depois, mantendo o turno da fala:

(4) Informante: [...] aqui também... Antes tu falou alguma coisa que me marcou em Chapecó também. Quando eu comecei a frequentar assim... Porque em Chapecó por mais que tenha limitação, mas ainda tem os... as ... Os guetos assim que ainda né... *Tipo*... É nos gueto que acontece o desenvolvimento cultural, eu acho, que ali eu conheci o rock e daí também me mudou um pouco a vida, me marcou assim, *tipo*, foi, dá pra dizer antes e depois né? De eu ter contato com bandas [...] (PVMPOSC BM4-09)

Os usos com características pragmático-interativa é o que nos interessa nesta pesquisa, em que se observa uma mudança semântica e categorial dos itens, de conector para marcador discursivo (daqui em diante MD).

Efetuamos um levantamento bibliográfico em estudos precursores dos itens *tipo, feito, igual e como* (LIMA-HERNANDES, 2005)<sup>3</sup> e *que nem* (DIAS, 2011)<sup>4</sup> no Português Brasileiros. Também procedemos a uma breve pesquisa em gramáticas e dicionários de língua portuguesa. Esse rastreamento permitiu verificarmos que os itens se constituem como elementos multifacetados, incluídos em diferentes categorias, algumas das quais não contempladas pelas gramáticas normativas e pelos dicionários de ampla circulação.

Em gramáticas normativas, como a de Sacconi (1995), Cunha e Cintra (2001) e Luft (2002), o item *como* comunga unanimemente do conjunto de conjunções subordinativas (causal, comparativa e conformativa) e de advérbios (interrogativos de modo). Em Sacconi (1995), também integra as conjunções coordenativas aditivas (p.268) e o rol de pronomes relativos (p. 184). Em Luft (2002), por sua vez, o item *como* ainda se encontra entre as conjunções subordinativas integrantes (p.190) e os pronomes interrogativos (p.162).

Em gramáticas descritivas, como a de Perini (2002) e Neves (2000), o item *como* é descrito, respectivamente, como “conjunção subordinada interrogativa indireta” e “conjunção ou locução conjuntiva indicadora de comparação de igualdade”.

O item *que nem* é constituído pelos termos *que* e *nem*, que isoladamente são tradicionalmente classificados, respectivamente, como conjunção subordinativa (integrante, concessiva, conformativa, consecutiva, final), conjunção coordenada

---

<sup>3</sup>Em seu estudo sobre os itens *tipo, feito, igual e como*, Lima-Hernandes (2005) discute o emprego desses itens e analisa dois materiais, um de língua falada, de método tipo *painel* dos projetos PEUL e NURC, com informantes contatados nas décadas de 80 e 70 e recontatados aproximadamente 17 anos depois, e outro material de língua escrita, com redações escolares (dissertações de alunos do Ensino Médio – ENEM anos 2002 e 2003)

<sup>4</sup>Dias (2011) apresenta um estudo funcionalista sincrônico do item *que nem*, buscando em usos reais de comunicação na modalidade falada com banco de dados de Iboruna (desenvolvido pelo grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (IBILCE/UNESP) EM São José do Rio Preto, região noroeste de São Paulo.



(aditiva e alternativa), pronome relativo, pronome indefinido, e advérbio de negação, conforme Sacconi (1995), Cunha e Cintra (2001) e Luft (2002). No entanto, o item *que nem* não consta descrito no rol de conjunções ou locuções conjuntivas da maior parte das gramáticas prescritivas, nem mesmo das descritivas. Todavia, em Cunha e Cintra (2001) e Luft (2002, p.191), o item *que nem* está descrito no conjunto das *conjunções subordinativas comparativas*.

Seguindo nossa pesquisa bibliográfica, empreendemos um levantamento em dicionários sobre os itens *como* e *tipo*, como os de Nascentes (1955), Ferreira (2001), Michaelis (2008), Bechara (2011a) e Bechara (2011b). O item *tipo* apresenta classificação unânime entre os *substantivos masculinos*. Porém, Bechara (2011b) apresenta três entradas para o *tipo*, como veremos no desenvolvimento desta pesquisa, e uma delas o classifica como *elemento comparativo*. Também o item *tipo* não está descrito como conector pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, mas inclui-se, dentre as categorias morfológicas, no grupo dos substantivos.

Podemos perceber diferenças de classificação categorial dos itens de acordo com o tipo de gramática e dicionário investigados. Postulamos que essa multiplicidade categorial acarrete em uma possível multifuncionalidade de usos dos itens. Acreditamos, portanto, que, em variados contextos, os itens *como*, *que nem* e *tipo* atuem como elementos linguísticos que permitem a coesão. São conjunções, pronomes e advérbios que ligam ou relacionam um elemento textual a outro, tornando compreensível e dando sentido ao que se diz. Nas palavras de Koch (2005), são articuladores metadiscursivos metaformativos:

[...] caracterizam-se por introduzir no texto comentários ora sobre a forma ou modo de formulação do enunciado (o modo como aquilo que se diz é dito [...]), ora sobre a própria enunciativa, desempenhando, assim, uma importante função interpessoal. (KOCH, 2005, p.19)

A autora agrupa os articuladores metadiscursivos em três grupos: *lógico-pragmáticos ou modalizadores*<sup>5</sup>, *metaformativos*<sup>6</sup>, e *metaenunciativos*. Conforme Koch (2005), os articuladores *metadiscursivos*

---

<sup>5</sup>Segundo Koch (2005), esta classe de articuladores se subdividem em *stricto sensu*, sendo: modalizadores Aléticos, Epistêmicos e Deônticos e os modalizadores *lato sensu* descritos como os *Axiológicos*, os *atitudinais*, os *delimitadores de domínio* e os *atenuadores*.

introduzem enunciados que atuam no âmbito da própria atividade enunciativa, tomando-a como objeto de reflexão, ou seja, são enunciados que evidenciam a propriedade auto-reflexiva da linguagem.

Os itens a que nos dedicamos nesta dissertação não foram citados pela pesquisadora, no entanto, na ocorrência a seguir, podemos verificar um uso semelhante do item *tipo*, empregado também com intenção auto-reflexiva, em que o informante emprega o item para formular uma resposta, refletindo sobre o que dirá na sequência:

- (6) Entrevistador: Uhum. E esse natal que passou agora, tu lembra de alguma coisa que aconteceu? Como é que foi?
- Informante: *Tipo...* eh... A gente não... Não é muito de, como é que eu posso dizer... comemorar, de fazer aquelas jantas assim, então... Foi como um dia normal. (PVMPOSC CF2- 08)

Em conformidade com as subclasses descritas por Koch (2005), sobre os articuladores *metadiscursivos*, os *articuladores metaenunciativos* estão assim descritos:

Os articuladores — em sentido amplo, como aqui postulado — são, como se pode facilmente concluir, multifuncionais. Verifica-se, também, que um mesmo operador, conforme o contexto textual-discursivo, pode estabelecer tipos diferentes de relações significativas e, desta maneira, ser classificado de formas diferentes. Esses elementos lingüísticos operam a progressão textual, desempenhando nela funções das mais variadas, de ordem cognitiva, discursivo-argumentativa, organizacional, metaenunciativa e interacional. Eles não apenas são responsáveis, em grande parte, pela seqüenciação do texto, como também se destinam a otimizar a interlocução [...].(KOCH, 2005, p.24)

Como vemos, os articuladores conectam orações estabelecendo diferentes relações, isso significa dizer que, conforme postulamos aqui, os itens *como*, *que nem* e *tipo*, em determinadas situações, estejam atuando como articuladores<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup>A respeito dos *metaformativos*, Koch (2005) apresenta as funções dos articuladores desempenham que são de a) sinalizadores de busca de denominação; b) indicador de estatuto de um segmento textual em relação aos anteriores; c) introdutórios de tópico; d)interruptores e reintrodutores de tópico e e)nomeadores do tipo de ato discursivo que o enunciador pretende realizar.

<sup>7</sup> No item 2.5 estas características serão mais bem desenvolvidas sobre os articuladores e suas classificações.

Além da atuação como articulador, postulamos que os itens atuem como MDs. Martelotta *et al.* (1996) definem os MDs como expressões, locuções e palavras que reorganizam informações discursivas e que auxiliam na argumentação. Podemos enquadrar os itens *como*, *que nem* e *tipo* nesse grupo de itens tão diversos que apresentam usos característicos em determinados contextos de fala. Ainda sobre MDs, Risso, Silva e Urbano (1996) conceituam como:

[...] um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. (RISSO, SILVA e URBANO, 1996, p.21)

Dada a diversidade de usos dos itens investigados nesta pesquisa, visamos contribuir com o enriquecimento do rol de estudos do Português Brasileiro (PB), em especial do Oeste de Santa Catarina, dada a carência de estudos linguísticos que envolvem análise de fala contemporânea nesta região e, em especial, na cidade de Chapecó. A localização geográfica, em uma região de fronteira entre estados e também entre países, e o fato de ser pólo de desenvolvimento social e econômico, motivando um maior fluxo e favorecendo a interação de pessoas de diferentes níveis sociais, faixas etárias e níveis de escolaridade em busca de trabalho e melhores oportunidades. Tudo isso se reflete nas relações sociais e comunicativas, que influenciam e condicionam os recursos linguísticos empregados para tal interação e que contribuem para a relevância desta pesquisa com informantes chapecoenses.

Em linhas gerais, esta dissertação se organiza em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No segundo capítulo, detalhamos o funcionamento de *como*, *que nem* e *tipo* a partir das gramáticas e dos dicionários de língua portuguesa. No terceiro capítulo, procedemos a um levantamento bibliográfico, fundamentando nossa pesquisa a partir de conceitos essenciais e fundamentais do Funcionalismo Linguístico norte-americano. O fechamento deste capítulo se dá com a apresentação de conceitos de articuladores textuais e de MDs. No quarto capítulo, descrevemos os

procedimentos metodológicos empreendidos nesta pesquisa, apresentamos o *corpus*, listamos os prováveis grupos linguísticos e extralinguísticos bem como relatamos o modo como será efetuado o tratamento dos dados. Dedicamos o quinto capítulo à análise e descrição da multifuncionalidade dos itens, identificando a frequência de usos de *como*, *que nem* e *tipo* na amostra de fala de 12 informantes chapecoenses e apresentamos o funcionamento dos itens a partir dos contextos de usos e dos grupos de condicionadores linguísticos e extralinguísticos delineados. No sexto capítulo postulamos uma trajetória hipotética de mudança do item *tipo* via gramaticalização. Fecham esta dissertação as considerações finais que resumem os principais resultados e apontam alguns desdobramentos futuros para a investigação de *como*, *que nem* e *tipo* em outras amostras sincrônicas e diacrônicas.

## 1.1 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

Propomos a seguir os objetivos desta pesquisa, bem como explicitamos as questões e hipóteses que dela emergem.

### 1.1.1 Objetivo Geral

Descrever e analisar os contextos de uso de *como*, *que nem* e *tipo* em uma amostra de fala de 12 informantes, monolíngues em português, de Chapecó/SC.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- i) Identificar e categorizar as funções dos contextos de uso dos itens *como*, *que nem* e *tipo* na fala de 12 informantes de Chapecó;

- ii) Verificar quais condicionantes linguísticos e extralinguísticos impulsionam o uso de *como*, *que nem* e *tipo* na amostra de fala de informantes de Chapecó;
- iii) Traçar com base em estudos de dados de fala e de escrita, por exemplo, Lima-Hernandes (2002) e Dias (2011), entre outros, e a partir dos resultados estatísticos obtidos nesta pesquisa, uma possível trajetória de mudança semântica e categorial de *como*, *que nem* e *tipo*.

### 1.1.3 Questões e hipóteses

Levando-se em consideração nossos objetivos, intencionamos verificar, neste trabalho, as seguintes questões e hipóteses:

#### Questão 1

- Quais os contextos de uso de *como*, *que nem* e *tipo* na amostra de fala de 12 informantes de Chapecó?

#### Hipótese 1

- Em razão da diversidade de contextos de uso dos itens na fala dos informantes de Chapecó, acreditamos que, em variados contextos, em termos categoriais, os itens *como*, *que nem* e *tipo* são conjunções, pronomes e advérbios que ligam ou relacionam um elemento textual a outro. Acreditamos ainda que *como*, *que nem* e *tipo* estejam atuando como MD que assinalam funções interacionais do ato comunicativo. Quanto ao significado veiculado nesses contextos de uso, postulamos que o *que nem* esteja atuando, além de elemento comparativo e de conformidade, como MD na organização do discurso, conforme Dias (2011). O item *como* também ocorre em contextos comparativos, mas, em outros contextos, introduz contexto de circunstância de modo e, para Lima-Hernandes

(2005), é MD “sinalizador de inclusão de subtópico”. De igual forma, o item *tipo* apresenta-se em contextos de comparação, mas ainda é categorizado por Lima-Hernandes (2005) como MD “finalizador de subtópico”.

## Questão 2

- Quais condicionantes linguísticos e extralinguísticos impulsionam o uso de *como*, *que nem* e *tipo* na fala dos informantes de Chapecó?

## Hipótese 2

- Postulamos que os condicionantes linguísticos e extralinguísticos que impulsionam o uso de *como*, *que nem* e *tipo* na amostra de fala dos informantes de Chapecó sejam:

Controlamos como condicionantes linguísticos os contextos de uso, a posição de contexto, a relação sintática com a estrutura oracional, as sequências discursivas e a manutenção do tópico ou a inclusão de subtópico.

Quanto aos contextos de usos como descrito na hipótese 1 anteriormente, acreditamos que, em variados contextos, em termos categoriais, os itens *como*, *que nem* e *tipo* são conjunções, pronomes e advérbios que ligam ou relacionam um elemento textual a outro, e ainda estejam atuando como MD .

Creemos que a posição dos itens *como*, *que nem* e *tipo* mais frequente na amostra de fala, de forma geral, seja a inicial e medial, conforme afirmam Castilho (1989) e Marcuschi (1989). Como hipótese geral para o item *tipo*, acreditamos que sua maior frequência seja em posição inicial, pelo fato de os MDs apresentarem características que auxiliam no desenvolvimento do discurso e, portanto, seu uso seja mais frequente em início de discurso.

No que diz respeito à relação sintática de *como*, *que nem* e *tipo* com a estrutura oracional, postulamos que, em se tratando de MDs, esses itens serão independentes da estrutura oracional, quando desempenharem funções interativas do ato comunicativo, como é o caso dos MDs. Partindo desse

pressuposto, nossa hipótese se baseia nos estudos de Risso, Silva e Urbano (1996, p.39) e Rost (2002), que identificaram uma predominância de independência sintática em suas análises. Por isso, acreditamos que de modo geral, ocorra uma maior independência sintática dos itens em relação à estrutura oracional. De modo específico, nossa hipótese para os itens *como* e *que nem*, acreditamos que estes itens estabeleçam maior dependência oracional por não caracterizarem itens dispensáveis da estrutura oracional. Já o item *tipo* mantenha uma relação de independência oracional, por apresentar maior características de MD na fala.

Sobre as diferentes sequências discursivas (descritiva, narrativa e dissertativa), Dal Mago (2001) constatou poucas ocorrências descritivas, com predomínio das narrativas, seguidas de argumentação. Rost (2002) também verificou que a argumentação é a mais recorrente nos dados de sua pesquisa, seguido pela narrativa e pela sequência descritiva. Os estudos de Lima-Hernandes (2005) e Dias (2011) não trataram do controle deste aspecto. Acreditamos que o uso mais recorrente dos itens *como*, *que nem* e *tipo* seja, de modo geral, em sequências narrativas e dissertativas. No caso de *como*, esteja relacionado à sequência dissertativa e, no caso do *que nem*, esperamos que seu uso mais frequente ocorra em sequências discursivas narrativas e dissertativas. Nossa hipótese para o item *tipo* é que seja mais recorrente nas sequências narrativas.

Quanto ao tópico ou subtópico discursivo, acreditamos que os itens *como*, *que nem* e *tipo*, como hipótese geral, apresentem manutenção do tópico discursivo sem apresentar inclusões de subtópico. Nossa hipótese individual é de que os itens *como* e *que nem* por serem prototipicamente elementos usados para comparação, cremos, não estabeleçam inclusão de subtópico. Pelo fato de o item *tipo* ser descrito por Lima-Hernandes (2005, p.63), “ora funcionando como marca introdutora de discurso direto, ora como sinal de prosseguimento ou ruptura tópica do discurso”, acreditamos que seja um item de manutenção de tópico.

Controlamos como condicionantes extralinguísticos a idade, o sexo/gênero, a escolaridade e o estilo. Postulamos de modo geral, que os itens tenham maior ocorrência na fala de indivíduos mais jovens, ou seja, quanto maior a idade, menor será o uso das formas *que nem* e *tipo*, o que promove o uso mais acentuado das variáveis por indivíduos mais jovens.

Nossa hipótese específica para o item *como* é que seja usado por indivíduos de maior idade, igualmente por homens e mulheres, de modo equilibrado, não sendo relevante o sexo/gênero.

Quanto à escolaridade, postulamos que quanto menor o nível de escolaridade menor seja o uso do item *como*. Quanto ao item *que nem*, acreditamos que seja mais usado por falantes mais jovens e menos escolarizados. Quanto ao item *tipo*, esperamos que seja mais frequente sua ocorrência entre indivíduos jovens de menos escolaridade.

Quanto ao estilo, que trata do condicionamento do falante no monitoramento da fala em relação ao entrevistador, nossa hipótese geral é de que informantes homens produzam mais *que nem* e *tipo*, independente do sexo do entrevistador. Ainda de modo mais específico, esperamos que a variação estilística condicione o uso com maior ocorrência de *como* em situações de entrevistas em que o entrevistador seja do sexo oposto ao do informante. Já em relação ao *que nem* e *tipo*, acreditamos que ocorra menor variação de estilo em entrevistas feitas por entrevistador e informante de sexo masculino, pelo fato de acreditarmos haver menor grau de monitoramento na fala, por serem indivíduos de mesmo gênero, supõe-se um maior nível de confiança.

### Questão 3

- É possível postular uma trajetória de mudança semântica e categorial de *como*, *que nem* e *tipo* com base numa perspectiva funcionalista de gramaticalização?

- Hipótese 3



Postulamos que *como*, *que nem* e *tipo* estejam mudando de estatuto gramatical, assumindo a categoria de MD, a depender do contexto de uso.

Nossa hipótese é que *como*, *que nem* e *tipo*, a depender do contexto de uso, estejam passando pelo processo de gramaticalização, visto que, além da mudança categorial, de pronomes, advérbios e conjunções a MD, passam por uma mudança semântica sem, no entanto, perderem seus sentidos anteriores. O item *como*, segundo Lima-Hernandes (2005), é categorizado como MD “para sinalizar a manutenção do turno conversacional”. *Que nem* é utilizado como “*organizador de discurso*”, conforme afirma Dias (2011) e *tipo* no entendimento de Lima-Hernandes (2005) é MD empregado como finalizador de subtópico.

Adotamos, nesta dissertação, o conceito de gramaticalização de Traugott (1995, p. 1): “o processo pelo qual material lexical impulsionado por certo contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical [...]” e ainda como “a mudança pela qual itens lexicais e construções chegam a certos contextos linguísticos para servir a funções gramaticais ou itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais” (2001, p. 1). A razão dessa preferência relaciona-se ao fato de a autora atribuir relevo ao contexto pragmático e considerar que itens gramaticais podem desenvolver novas funções gramaticais (não necessariamente mais gramaticais).

## 2. A DESCRIÇÃO DO FENÔMENO

Empreendemos neste capítulo, um breve levantamento bibliográfico dos itens *como*, *que nem* e *tipo* com o intuito de verificarmos quais suas classificações nas gramáticas e dicionários de língua portuguesa, bem como em pesquisas recentes sobre o PB.

### 2.1 A VISÃO TRADICIONAL E DESCRITIVA DE **COMO**

#### 2.1.1 A visão das gramáticas tradicionais

A palavra *como* apresenta múltiplas classificações, podendo ser incluída na classe dos pronomes relativos, advérbios interrogativos, conjunções coordenadas aditivas e/ou conjunções subordinadas causais, conformativas e comparativas.

Em Sacconi (1995, p.182), *como* é descrito em várias classes, entre as quais a dos pronomes relativos invariáveis, conforme (7) e (8) a seguir:

(7) *Já acertamos o modo **como** haverei de lhe pagar. (**como**=adjunto adverbial de **pagar**.)*

(8) *Contaram-me a maneira **como** você se comportou na festa. (**como**= adjunto adverbial de **comportou-se**.)* (SACCONI, 1995, p.184)

O item *como* ainda é citado brevemente como advérbio interrogativo de modo, e ainda como conjunção coordenativa aditiva:

(9) O amor não só faz bem, **como** alimenta. (= O amor faz bem e alimenta). (SACCONI, 1995, p. 268).

De acordo com Sacconi (1995) e Cunha e Cintra (2001), *como* é descrito sendo conjunção subordinativa causal (10), comparativa (11) e conformativa (12), conforme ocorrências a seguir:

(10a)“**Como** hoje é Natal, oremos! (SACCONI, 1995, p. 271)

(10b)**Como** as pernas trôpegas exigiam repouso, descia raro à cidade.

(G. Ramos, *I*, 195.)(CUNHA e CINTRA, 2001, p.586)

- (11a) Recebeu tantos presentes **quanto** (ou **como**) o irmão.  
 Você conhece tão bem **como** (ou **quanto**) eu tais problemas.  
 “O ciumento é **como** o medroso: sempre vê coisas que não existem.”  
 (SACCONI, 1995, p. 271)
- (11b) Unidas, **bem como** as penas  
 Das duas asas pequenas  
 De um passarinho do céu...  
**Como** um casal de rolinhas,  
**Como** a tribo de andorinhas  
 Da tarde no frouxo véu.  
 (Castro Alves, *EF*, 125.)
- Surgiu, **como** se viesse doutro mundo, inesperada e pálida.(C.  
 de Oliveira, *AC*, 159.) (CUNHA e CINTRA, 2001, p.586 e 588.)
- (12a) “**Como** todos sabemos, o Brasil não é auto-suficiente em  
 petróleo. Que seja tudo **como** Deus quiser!” (SACCONI,  
 1995, p. 272)
- (12b) “**Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.  
 (C. de Oliveira, *CD*, 111.)” (CUNHA e CINTRA, 2001, p.590).

Luft (2002) categoriza o *como* entre as conjunções subordinativas causal, comparativa e conformativa, igualmente a Sacconi (1995) e Cunha e Cintra (2001), no entanto, inclui ainda uma classificação de conjunção subordinativa integrante.

Podemos perceber que nas três gramáticas consultadas, a classificação pouco ou nada difere entre elas, restringindo a classificação do item *como* sendo conjunção subordinativa integrante, causal, comparativa e conformativa.

### 2.1.2 A visão das gramáticas descritivas

Em Perini (2002), o item *como* encontra-se classificado como conjunção subordinada interrogativa indireta, conforme ocorrência a seguir:

- (13) Não imagino como você vai conseguir esse emprego. (PERINI,  
 2002, p. 141-142)

De acordo com Neves (2000, p 900), o *como* é uma “**conjunção** ou **locução conjuntiva** indicadora de comparação de igualdade” e que inicia uma oração **comparativa não-correlativa**. Segundo esta autora, a “**comparação não-correlativa** expressa sempre **igualdade**” qualitativa ou quantitativa. Ainda sobre as construções **comparativas de igualdade**, conforme observamos a seguir:

Na comparação entre **sintagmas nominais** referentemente a um **sintagma adjetivo**, ou a um **sintagma adverbial** que qualifique o modo do evento, o segundo termo se inicia:

a) por **COMO, TANTO QUANTO, ou TAL QUAL**, se o **adjetivo** ou o **advérbio** não é intensificado:

(14a) *Seu Geraldo tinha o nariz ostensivo e sensível **COMO** uma antena. Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores **COMO** os de um cachorro fiel. (CR)*  
[...]

(14b) *Papai considera o Mister um ótimo freguês, **cuidadoso como ele** só. (ANA) (NEVES, 2000, p. 902-903).*  
[...]

b) por **COMO** ou **QUANTO**, se o **adjetivo**, ou o **advérbio**, é intensificado por **TÃO**:

(15a) *A **ampicilina**, apesar de não ser teoricamente uma droga de eleição é, na prática, **TÃO eficaz COMO a penicilina G.** (ANT)*

(15b) *Sua face se imobilizou sobre mim, **TÃO branda e TÃO suave COMO uma coisa que flutuasse.** (AV). (NEVES, 2000, p. 902-903)*

Seguindo sua análise de construções comparativas, Neves (2000) cita o uso do item *como* nas comparações entre propriedades (16), na comparação entre participantes (17) e entre circunstâncias (18 e 19):

(16) *“Era o homem mais ligado ao Conselheiro, seu assistente constante, criado servil, portador e intermediário **TÃO asqueroso COMO de confiança.** (J)” (NEVES, 2000, p. 903)*

(17) *“Nosso batalhão, como o exército Malgache, tinha quase **TANTOS comandantes COMO comandados.** (CF)”(NEVES, 2000, p. 904)*

- (18) “A via intramuscular é pouco utilizada, devido á excelente absorção oral e por não manter níveis sanguíneos **TÃO** constantes [**por via intramuscular**] **COMO** por via oral. (ANT)”(NEVES, 2000, p. 906)
- (19) “Juquinha participa de um e outro meio, **TÃO** à vontade cá **COMO** [à vontade] **lá**. (CC)” (NEVES, 2000, p. 906- grifo da autora)

Ainda em Neves (2000) o item *como* figura descrito como advérbio e é assim referenciado:

“# Existe um **advérbio de modo** usado para interrogar (**advérbio interrogativo de modo**): **como?**  
**COMO** retornar, agora?(A)  
 Guísela, sabe **COMO** nascem os bebês? (ASA)” (NEVES, 2000, p. 242)

### 2.1.3 A visão dos dicionários

Na sequência, procedemos à análise do item *como* em alguns dicionários escolares de maior circulação<sup>8</sup> como Ferreira (2001), Michaelis (2008)<sup>9</sup>, Bechara (2011a) e Bechara (2011b). Empreendemos também uma breve pesquisa em Nascentes (1955), que descreve etimologicamente os itens que nos propomos à pesquisa, buscando com esta breve retomada sincrônica, fazer algumas considerações sobre os usos mais antigos dos termos e os usos, digamos, mais emergentes. O item *como* assim está descrito em Ferreira (2001):

<sup>8</sup>Optamos por consultar estas obras, pelo fato de serem estes os dicionários distribuídos pelo Ministério da Educação, através do *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)*, presentes nas escolas públicas de educação básica do país.

<sup>9</sup>O Dicionário Michaelis foi distribuído para todas as escolas públicas da rede estadual de ensino do estado de Santa Catarina.

“**Co.mo conj.**1. Da mesma forma que; qual. 2. Porque. \* *adv.* 3. De que maneira. 4. Aproximadamente. ◇ **A como.** A que preço: A como você vende essas laranjas?”(p. 176)

O item *como* em Michaelis (2008) é apresentado com uma breve ampliação de suas funções em relação ao primeiro dicionário verificado, a ver:

**Co.mo** (*lat quomodo*) *adv*1 De modo que. 2 quanto, quão. 3 A que preço, a quanto.\* *conj* 1 Do mesmo modo que. 2 Logo que, quando. 3 Por que. 4 Na qualidade de. 5 Porquanto, visto que. 6 Se, uma vez que. *Como quê, loc adv:* incomparavelmente; em grande quantidade. *Como quer, loc adv:* possivelmente. *Como quer que, loc conj:* do modo como, tal como. (MICHAELIS, 2008, p.203).

De mesmo modo verificamos a entrada do item *como* em Bechara (2011a):

**como** (co.mo)*adv*.1. De que modo; *Como vamos fazer isso?*2. Com que intensidade: *Como você é inteligente!* \* *conj.* 3. a) aditiva (na correlação não só como): *Não só gostou da festa como dos convidados.* b) causal: *Como estava doente, não fui à festa.* c) comparativa: *Achavam-na linda como uma flor.* d) conformativa: *Fizeram os exercícios como lhes foi ensinado.* e) integrante: *O mapa mostra como chegar à montanha.* || *Assim como:* do mesmo modo que: *Assim como você me ajudou, eu a ajudarei.* (BECHARA, 2011a, p.327).

Ainda em busca das definições de *como* em dicionários observamos em Bechara (2011b) a seguinte definição:

**como** (co.mo) *adv.* 1 De que modo. Como fez isso? 2 Aque ponto; quanto; quão. Como ela é bonita! **Conj. caus.** 3 porque, visto que. *Como estava muito frio, levei casacos.* **Conj. comp.** 4 Do mesmo modo que: tanto quanto. *É mais inteligente, mas não como você.* [Do *lat. quomodo*]. (BECHARA, 2011b, p. 430-431)

Nascentes (1955) apresenta o item *como*, de modo mais aproximado com as definições de origem etimológica encontrada em Michaelis (2008) e Bechara (2011b), com a significação de advérbio, no entanto, não aparece como conjunção, assim vemos: “**COMO** – Do *lat. quomodo*, de que modo [...], dá uma forma *cômodo*. *Bourciez, Ling. Rom.*,§ 129, admite uma forma abreviada *quomo* [...] (NASCENTES, 1955, p.352).

Quadro 1 - As funções de *como* nas gramáticas e dicionários

<b>COMO</b>	
<b>Gramáticas tradicionais</b>	
Sacconi (1995)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pronome relativo invariável</li> <li>- Advérbio interrogativo de modo</li> <li>- Conjunção coordenativa aditiva</li> <li>- Conjunção subordinativa causal</li> <li>- Conjunção subordinativa comparativa</li> <li>- Conjunção subordinativa conformativa</li> </ul>
Cunha e Cintra (2001)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conjunção subordinativa causal</li> <li>- Conjunção subordinativa comparativa</li> <li>- Conjunção subordinativa conformativa</li> </ul>
Luft (2002)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conjunção subordinativa causal</li> <li>- Conjunção subordinativa comparativa</li> <li>- Conjunção subordinativa conformativa</li> <li>- Conjunção subordinativa integrante</li> </ul>
<b>Gramáticas descritivas</b>	
Perini (2002)	- Conjunção subordinativa interrogativa indireta
Neves (2000)	- Conjunção comparativa/ locução conjuntiva indicadora de comparação e igualdade
<b>Dicionários</b>	
Ferreira (2001)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conjunção</li> <li>- Advérbio</li> </ul>
Michaelis (2008),	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conjunção/ locução conjuntiva</li> <li>- Advérbio/ locução adverbial</li> </ul>
Bechara (2011a)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Advérbio</li> <li>- Conjunção coordenativa aditiva</li> <li>- Conjunção subordinativa causal</li> <li>- Conjunção subordinativa comparativa</li> <li>- Conjunção subordinativa conformativa</li> <li>- Conjunção subordinativa integrante</li> </ul>
Bechara (2011b)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Advérbio</li> <li>- Conjunção subordinativa causal</li> <li>- Conjunção subordinativa comparativa</li> </ul>
Nascentes (1955)	- Advérbio

Fonte: Elaborado pelo autor

Feito o levantamento da classificação de *como*, de acordo com as gramáticas normativas e descritivas consultadas bem como dos dicionários, passamos então à verificação de outro item que também é interesse nessa pesquisa.

## 2.2 A VISÃO TRADICIONAL E DESCRITIVA DO *QUE NEM*

### 2.2.1 A visão das gramáticas tradicionais

Verificaremos a seguir que os itens *que* e *nem* ao se unirem, adquirem um caráter multifuncional.

A respeito do item *que nem*, podemos verificar em Cunha e Cintra (2001) que na descrição das conjunções subordinativas comparativas encontra-se a formação ***que nem*** fazendo parte desta categoria, como na ocorrência (20):

(20) “Ele comeu-a ***que nem*** confeitos.

(C. Castelo Branco, *OS, I, 368*)”(CUNHA e CINTRA, 2001 p.588-grifo do autor)

Percebemos que seu uso passa a ter características de Conjunção Subordinativa Comparativa, podendo ser substituído pelo termo prototípico de comparação (*como*) (ocorrências 21a e 21b):

(21a) “Você conhece tão bem ***como*** (*ou quanto*) eu tais problemas.

(SACCONI, 1995, p. 271)

Numa testagem, propomos que na frase anterior poderia ser substituído o *como* por *que nem* como vemos na ocorrência 21a’. Da mesma forma no caso de substituirmos o *como* pelo *que nem* na ocorrência 21b’, podemos verificar seu valor equivalente de comparação em ambas as ocorrências:

(21a’) Você conhece tão bem ***que nem*** eu tais problemas.

(21b) “O ciumento é ***como*** medroso: sempre vê coisas que não existem.”  
(SACCONI, 1995, p. 271).

(21b’) O ciumento é ***que nem*** o medroso: sempre vê coisas que não existem.

Em alguns casos o uso de *que nem* é variável de *como*, *conforme*, *igual* e *tipo*, já em outros casos isso não ocorre. Na ocorrência a seguir, o item *que nem*



é Conjunção Subordinativa Conformativa, com significado de *como* (*QUE NEM = COMO*) de acordo com a ocorrência (22).

(22) O passeio ocorreu como / que nem havíamos planejado.

O uso do *que nem* com significação de *conforme* (*QUE NEM = CONFORME*) não é verificado em todos os contextos, na ocorrência (23) o *como* tem significação de conformidade podendo ser substituído por *que nem* vejamos:

(23) “**Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.

(C. de Oliveira, CD, 111.)” (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 590

(23a) **Que nem** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.

(24) “Cada um colhe **conforme** semeia.” (SACCONI, 1995, p. 272)

(24a) “Cada um colhe **que nem** semeia”

Na ocorrência (24a) a substituição não parece ser muito bem aceita, no entanto em (23), (23a) e (24) o uso parece mais aceitável.

O *que nem* ainda equivale a Adjetivo (= *IGUAL*) conforme a ocorrência (25) e/ ou Substantivo (= *TIPO*) de acordo com a ocorrência (26):

(25) João fala inglês que nem / igual um nativo.

(26) Ele faz graça tipo / que nem um palhaço.

### 2.2.2 A visão das gramáticas descritivas

Na gramática de Neves (2000) e Bechara (2006) fazem referência ao item *que nem* na descrição das funções comparativas. Dias (2011) faz referência a isso e cita Neves (2000), ao afirmarem que além de expressão comparativa o item *que nem* é usado na linguagem coloquial e Bechara (2006) afirma que em

lugar de *como*, *mesmo modo que*, *tanto como*, é mais frequente o uso de *que nem*. E ao citar traz os exemplos que seguem nas ocorrências (27) e (28):

(27) É forte *que nem* um touro.(DIAS, 2011, p.49)

(28) Humildade é *que nem* caldo de galinha, não faz mal a ninguém.  
(DIAS, 2011, p. 49)

Podemos conferir a característica comparativa em (27) da força com a robustez de um touro, empregando o item *que nem* para fazer a relação comparativa. E em (28) vemos a humildade comparada a um alimento conhecido de muitos e que não tem contra-indicação, fazendo referência a algo comum aos falantes.

### 2.2.3 A visão dos dicionários

O item *que nem*, em Bechara (2011a, p.1053), é descrito como parte complementar do verbete *que* da seguinte maneira: “*Que nem*: tal qual, como: *Ele é forte que nem um touro.*”, e é descrito como parte complementar do verbete *NEM*, *Que nem*: como, igual a: *Vanda é alta e loura que nem a mãe.* (p. 900). Em Bechara (2011b, p. 972) vemos assim definido: “***Que nem*** Assim como; tal qual. [Do lat. *quia.*]”, e ainda como complementação da descrição do “nem”: “***Que nem*** Igual a. [Do lat. *Nec.*] (p. 856)

É possível verificar que alguns manuais de gramática e dicionários já trazem a construção *que nem* como elemento comparativo, isso se deva provavelmente, pelo fato do *que* exercer função comparativa ao atrair o *nem*, mantém o uso de comparação.

Quadro 2- As funções de *que nem* nas gramáticas e dicionários

GRAMÁTICAS E DICIONÁRIOS	QUE NEM
Cunha e Cintra (2001)	- Conjunção subordinativa comparativa
Neves (2000)	- Expressão comparativa
Bechara (2006)	- Expressão comparativa
Bechara (2011a)	- Item comparativo

Fonte: Elaborado pelo autor

## 2.3 A VISÃO TRADICIONAL E DESCRITIVA DE **TIPO**

### 2.3.1 A visão das gramáticas tradicionais e descritivas

A ausência de referência ao item *tipo* em gramáticas tradicionais e descritivas se deve ao uso inovador como elemento comparativo, deslizando funcionalmente de sua função original de substantivo, para um nível mais discursivo. Assim sendo, nas gramáticas investigadas não foram verificadas classificações mais específicas para este item.

### 2.3.2 A visão dos dicionários

É cada vez mais comum ouvirmos a palavra *tipo* na modalidade falada da Língua Portuguesa, com sentido de igualdade, aproximação entre dois elementos, e/ou de comparação. Por isso empreendemos igualmente uma busca em gramáticas e dicionários a fim de verificar como o item é classificado.

Verificamos as entradas de *tipo* em Ferreira (2001), conforme segue:

**ti.po** *sm*.1. Coisa que reúne em si os caracteres distintivos duma classe. **2.** Exemplar, modelo. **3.** *Fam.* Pessoa esquisita, excêntrica. **4.** Qualquer indivíduo. **5.** *Biol.* Espécime que é tido como padrão de uma espécie. **6.** *Tip.* Peça de metal fundida, cujo relevo imprime determinada letra ou sinal. **7.** *Tip.* Letra impressa; caráter. (FERREIRA, 2001, p.710)

Em outro dicionário verificamos o item *tipo* assim descrito:

**Ti.po** (*gr týpos*) *SM* **1** Modelo, exemplar. **2** Objeto que serve de modelo ou de medida. **3** *pop* Figura, personagem original, que pode considerar-se como modelo para ser imitado por outros. **4** Forma fundamental comum a todos os indivíduos de uma mesma espécie. **5** Símbolo representativo de coisa figurada. **6** *Tip* Letra impressa, caráter. **7** *Tip* Peça de metal cujo relevo imprime letra ou sinal. (MICHAELIS, 2008, p.860).

A definição de *tipo* em Bechara (2011a) é:

**tipo** (ti.po) *s.m.* **1.** Exemplar que possui as características essenciais que distinguem o seu grupo. **2.** Classe, modalidade, espécie: *queijo tipo muçarela*. **3.** Sujeito, indivíduo: *um tipo excêntrico*. **4.** Letra impressa, resultante da composição tipográfica ou de fotocomposição. ((BECHARA, 2011a, p. 1236).

Na continuidade de nosso levantamento de definição para o item *tipo*, conforme assinalado na introdução, percebemos três entradas para a palavra:

**tipo** (ti.po) **sm.** 1 Conjunto de traços distintivos que caracterizam uma classe de pessoas ou coisas. *tipo racial*. 2. Pessoa ou coisa que apresenta os traços peculiares da classe à qual pertencem. 3. *Tipog.* Caractere tipográfico. 4. Indivíduo; sujeito. *Seu tio é um tipo elegante.* 5. *Biol.* Espécime que, após ser examinado pelo autor da espécie, é explicitamente indicado por ele como padrão da descrição original. **Tipo de caixa** *Tipog.* Tipo de compositora manual, para distinguir dos de compositora mecânica. **Tipo de fantasia** *Tipog.* Tipo de ostensão, com ornamentação abundante ou desenho curioso. **Tipo de máquina** *Tipog.* Aquele que imita o tipo da máquina de escrever. **Tipo de obra** *Tipog.* Aquele us. Para composição de livros, jornais revistas, etc. **Tipo de ostensão** *Tipog.* Tipo cujo desenho é chamativo e serve somente para títulos, anúncios, etc. **Tipo gótico** *Tipog.* Tipo de ostensão que reproduz letra gótica, outrora tipo de obra. **Tipo selvagem** *Bioq.* Alelo, ger. Dominante, presente na maioria da população que vive no seu ambiente natural. [Do lat. *typus, i* (este do gr. *týpos, ou*).]

**tip(o)-** *El. Comp* = 'tipo'; 'modelo'; 'marca': *tipografia*; ocorre tb. Como **tipi-** (*tipificar*) e **-tipo** (arquétipo. [Do gr. *týpos, ou*. Ver *-tipia*.]

**-tipo** *El comp.* Ver *tip(o)-*. (BECHARA, 2011b, p1093)

Nascentes (1955) brevemente apresenta o item *tipo* do seguinte modo: “TIPO – Do Gr. *typos*, cunho, molde, sinal deixado por uma forte pressão (*typto*, bater).” (p. 495)

A função de substantivo do item *tipo* nos parece enfraquecida pela forma inovadora que busca comparar ou exemplificar. No entanto não queremos afirmar que esteja em desuso. O que constatamos é que o item é muito mais descrito como substantivo do que como elemento comparativo, o que não ocorre nas situações de discurso.

Quadro 3 - As funções de *tipo* em dicionários

DICIONÁRIOS	TIPO
Ferreira (2001)	- Substantivo masculino
Michaelis (2008),	- Substantivo masculino
Bechara (2011a)	- Substantivo masculino
Bechara (2011b)	- Substantivo masculino - Elemento comparativo
Nascentes (1955)	- Substantivo

Fonte: Elaborado pelo autor

## 2.4 ESTUDOS SOBRE *COMO*, *QUE NEM* E *TIPO*

Pelo que empreendemos até o momento, o item *que* atua como sendo conjunção comparativa, ou seja, comparando um elemento anterior no enunciado e ao que nos parece que, ao formar o item agrupado *que + nem* acabam mantendo a função comparativa, primeiramente somente atribuída ao *que* (conjunção comparativa) e *como* (conjunção comparativa, por excelência). Essa forma inovadora que o item *que nem* assume, não suplanta o uso do termo *como*. Da mesma forma o item *tipo*, segundo Lima–Hernandes (2005), é “hierarquizado” de acordo com padrões funcionais sendo: a) substantivo referenciador; b) substantivo classificador; c) preposição exemplificadora; d) conjunção comparativa; e) discursivo – delimitador aproximativo; f) discursivo – marcador.

Em contextos de uso vemos, conforme Lima-Hernandes (2005), o item *como* “hierarquizado” como advérbio de modo, advérbio de modo/conjunção (ambíguo), preposição, conjunção e marcador discursivo (doravante MD).

Nosso foco, nessa dissertação, são os usos do item *como* que migra de conector ou pronome interrogativo a MD, conforme ocorrência (29) a seguir extraída de Lima-Hernandes (2005):

- (29) Eu acho que (pausa) que: essas pessoas aí tinham que parar com isso e: esse negócio aí estimula a pessoa a ter mais... é... **como** se diz... estimula as pessoas a: ser mais, ter mais, é... entusiasmo, esse negócio assim. (E33 - PEUL - Amostra 00) (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 102).

O item *como* na ocorrência anterior apresenta função de MD e deixa de ser pronome interrogativo e passa a atuar como MD sinalizador de manutenção de turno conversacional.

No que se refere à descrição do item *que nem*, segundo Dias (2011, p. 51), o termo *que nem* apresenta novos valores, sendo usado em estruturas sintáticas<sup>10</sup> comparativa, exemplificativa, de conformidade e, em algumas

<sup>10</sup> Para Dias (2001) estrutura aqui representa a junção dos termos *que e nem* dando origem a uma nova construção com valores semântico novos, cada vez mais evidente no discurso oral.

situações específicas, da mesma forma que o item migra de conector para MD: “*que nem* atua também na interação entre falante/discurso e falante ouvinte, [...] deixando de assumir o valor de conector, como no caso da comparação, e adquire valores pragmáticos e interativos”, ou seja, é utilizado para “pensar e planejar o que pretende dizer e voltar a interagir com o interlocutor” (DIAS, 2011, p.67). Na ocorrência (6) a seguir, extraída de Dias (2011), o informante produz uma pausa para refletir, ganhando tempo para pensar o que será dito, sem interromper nem perder o fluxo da fala:

- (30) Inf.: porque... **que nem**... coloca... pega um::... pivete aí no meio da rua de dez onze anos... aí – “aí ro(u)bô(u) isso ro(u)bô(u) aquilo manda pa FEBEM” – aí passô(u) pela FEBEM... ninguém vai dá(r) emprego pra esse pivete... quem que vai dá(r) emprego puma pessoa que acabô(u) de sai(r) da FEBEM? (AC-050) (DIAS, 2011, p. 69).

Na ocorrência (30), segundo a autora, o item indica uma pausa para refletir, organiza o discurso sobre o que se dirá na sequência, sinaliza que mantém seu turno de fala, impedindo que o interlocutor invada seu turno, decorrente da pausa, ou seja, funciona como um organizador do discurso.

De acordo com Lima-Hernandes (2005), sobre a estratificação de usos de alguns articuladores textuais, o item *tipo* apresenta características morfológicas de substantivo referenciador, substantivo classificador, preposição exemplificativa, conjunção comparativa, e no discurso oral apresenta-se com uso de MD e delimitador aproximativo, que “expressa uma noção de aproximação”. Segundo a pesquisadora, é possível parafraseá-lo pelas expressões *quase* ou *por volta de*. Vejamos a ocorrência (31) a seguir:

- (31) cada dia era uma coisa diferente, enquanto isso a casa ia ficando o caos, mas aquele momento que eu chegava, assim, **tipo** oito horas da noite, microondas é uma coisa, assim, muito rápida, então você oito horas tinha alguma coisa pronta pro jantar, uma coisa diferente (inint), agora não que num vira mais novidade, né? (E-23-PEUL-Amostra00) (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 72)

Na ocorrência (31), segundo a autora, o item *tipo* é item discursivo - delimitador aproximativo, sinalizando a imprecisão de informação expressa na sequência do discurso e o item migra de substantivo para a função de MD. Vejamos na sequência, outras ocorrências em que *tipo* atua como MD, conforme:

- (32) (31) [Não!] Olha só, não que eu queria tê ... no momento eu não penso em ter filhos. Eu to dizendo assim, não tiro a (est) [a possibilidade]... a possibilidade de. Nem de casá, nem de ter filho, nem de segui uma carreira, nem de ganhá na loteria (risos E) nem de viajá (est) Mas ... **tipo** *assim*, entendeu? (E63 – PEUL – Amostra 00) (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 72)

Verificamos o item acompanhado do advérbio *assim*, usado como finalizador de subtópico, classificado como MD conclusivo, sinalizando ao interlocutor uma conclusão da ideia de modo aproximado.

#### 2.4.1 Enunciados comparativos

Os itens *como*, *que nem* e *tipo*, em determinados contextos de uso, atuam em enunciados comparativos.

Segundo Vogt (1977 apud MOURA; SURDI, 1997),

o enunciado comparativo é uma estrutura semanticamente analisável em termos de tema-comentário. O comentário se apresenta como um argumento 'em favor' do tema. O tema e o comentário são permutáveis do ponto de vista sintático, mas não do ponto de vista argumentativo (MOURA; SURDI, 1997, p 41).

Por comparação compreendemos um processo de busca de semelhanças ou diferenças entre duas partes, dois elementos, entre dois termos, caracterizando ou definindo A, a partir das características de B. Para efetivar a comparação o ser humano faz uso de elementos que aqui chamamos de enunciados comparativos, que voltados ao nosso objeto de estudo se identificam com os termos *como*, *que nem* e *tipo*. Nas palavras de Lima-Hernandes (2005),

Os caminhos pelos quais o indivíduo pode estabelecer a tarefa de comparar são vários, mas todos, sem dúvida, estão circunscritos a uma atividade, antes, sensorial de observação, seguida de uma justaposição de elementos num processamento cognitivo, que sugere um conhecimento pré-estabelecido: o emolduramento pragmático. (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 38)

Para Lima-Hernandes (2005, p, 42), “toda comparação, em sentido lato, tem caráter argumentativo. Assumo, contudo, o rótulo *argumentativo* no sentido estrito de termo que acumula uma função coesivo-textual.”

Moura e Surdi (1997, p. 42) definem o primeiro termo da comparação como termo comparado e o segundo como comparante. Sobre *termo comparante*, identificam qual a natureza do termo que o falante usa como comparante, podendo ser um *protótipo* ou um *padrão de referência*.

O termo comparante como protótipo é aquele entendido usualmente por uma parcela da comunidade. O termo comparante como padrão de referência é aquele construído na enunciação, em uma situação específica de fala, ocorrendo como pronomes (pessoais e possessivos), circunstâncias de tempo e lugar ou verbos de referenciação indicada pelo tempo verbal.

O processo de comparação muitas vezes se caracteriza de forma vaga, exigindo que os interlocutores façam analogias e compartilhem de conhecimentos mais ou menos complexos de acordo com o termo empregado no momento da fala. Para a diminuição da vagueza segundo Moura, Surdi (1997), emprega-se um protótipo, que tem a função de recategorizar a categoria em questão. E definem a função de recategorização do processo de comparação: “tem como função a recategorização. Um novo parâmetro de categorização é introduzido para se interpretar a predicação que se faz sobre o primeiro termo.” (MOURA, SURDI, 1997)

Conforme percebemos, Moura e Surdi (1997, p. 51) afirmam que, os itens *como* e *que nem* são classificados como situacionalmente dados com antecedentes pragmáticos, são dêiticos e apontam diretamente para o contexto situacional, de acordo com o status informacional dos referentes do texto proposto por Görski (1991, apud MOURA, SURDI, 1997)

Moura e Surdi (1997) descrevem sobre o uso de um ou outro termo comparante,

Pode ocorrer tanto como protótipos gerais, os reconhecidos e aceitos por uma larga parcelada comunidade: ou como padrões de referência que são construídos no momento da fala. Há de se investigar mais a fundo quais são os fatores que motivam a escolha de um protótipo ou de um padrão de referência e qual sua produtividade no discurso. Pois, preliminarmente, parece haver uma diferença, em termos de produtividade, entre o uso de um protótipo ou de um padrão de referência.

[...]

Pode-se, a princípio, hipotetizar que a escolha de um ou de outro tipo de termo comparante (protótipo ou padrão de referência) estaria



estritamente relacionada ao tipo de discurso em que se produz o enunciado comparativo e à relação estabelecida entre os interlocutores de tal discurso.(MOURA, SURDI, 1997, p.52)

Percebemos que a recategorização trata de uma operação semântica em que categorias lexicais primitivas geram outra categoria derivada, e de acordo com o que descrevemos a respeito dos termos comparativos, os itens *como*, *que nem* e *tipo*, analisados nesta pesquisa, são termos que passaram por uma recategorização. Embora a estrutura tipicamente comparativa no português seja por meio da conjunção *como*, os termos *que nem* e *tipo* são usados com características primitivas (conjunção, advérbio, pronome, substantivo, por exemplo) e também com formas derivadas, (termos comparativos) e formas inovadoras de MD e não contempladas ainda com essa função pelas gramáticas e dicionários.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão abordados os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa. A perspectiva teórica adotada neste trabalho seguirá os moldes do Funcionalismo Linguístico, fundamentado por Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993) e Givón (1995), entre outros. Apresentamos a definição de gramática segundo Hopper (1987), de processo de gramaticalização e seus princípios formulados por Hopper (1991). Abordamos alguns conceitos de articuladores textuais e de MDs de acordo com o que a literatura apresenta sobre estes elementos discursivos.

#### 3.1 O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO

O funcionalismo linguístico estuda a língua em situações reais de comunicação, levando em consideração o objetivo interacional, os participantes e o contexto em que estão inseridos. Para melhor compreendermos este aporte teórico que nos dará sustentação nesta pesquisa, vemos assim descrito sobre a vertente funcionalista, descrita por Pereira (2013):

Atualmente, existem, pelo menos, três grandes tendências nos estudos de orientação funcional, assim identificadas e localizadas em seus pólos irradiadores: 1) a *Gramática sistêmico funcional* (Inglaterra – Halliday); 2) a *Gramática discursivo-funcional* (Hollanda – Hengeveld e Mackenzie); e 3) a *Gramática cognitivo-funcional*, que reúne um grupo de ‘linguístas funcionais/tipológicos’ (Estados Unidos – Givón, Hopper, Thompson, Traugott, Bybee; além de pesquisadores de outras partes do mundo que compartilham, de alguma maneira, essa perspectiva teórica – Lehmann, Heine, Kuteva, entre outros). (PEREIRA, 2013, p. 76)

A corrente teórica funcionalista norte-americana surgiu nos anos de 1970, e segue a orientação funcional de acordo com o pólo irradiador 3 descrito acima, como a Gramática Cognitiva-funcional e, conforme Cunha, Oliveira e Martelotta (2003) afirmam:

O termo *funcionalismo* ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de lingüistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma lingüística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação extralingüística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p.23)

Denominado como lingüística baseada no uso, o funcionalismo sob essa abordagem defende que o conhecimento gramatical de um falante se origina na experiência com as formas em termos de frequência e contexto de uso (TAVARES, 2013) e em continuidade à caracterização do funcionalismo, segue:

No uso diário da língua, temos, por um lado, construções gramaticais que são repetidas, reforçando-se assim sua regularidade e seu caráter fixo, sistemático – o uso conserva a gramática; por outro lado, tais construções podem ser rearranjadas e remodeladas de modos diferentes, dando origem a construções inovadoras – o uso modifica a gramática. (TAVARES, 2013, p. 31)

Segundo o funcionalismo, a mudança surge pela necessidade de adaptação na interação entre falantes. Estas novas estratégias comunicativas que se repetem e se tornam rotineiras acabam se tornando parte da gramática da língua – construções gramaticais. Por isso também se afirma que a gramática está sujeita a mudanças, pois depende do uso nas situações cotidianas.

### 3.1.1 Definição de gramática

De acordo com os diferentes embasamentos teóricos, nos deparamos com diferentes definições de gramática. Neste estudo nos amparamos à proposta de gramática emergente proposta por Paul J. Hopper (1987). Segundo Tavares (2012), Hopper se opõe

à visão de gramática como sistema abstrato e unificado de regras e princípios, lógica e biologicamente anterior, que constituiria um pré-requisito para o uso da língua e que seria melhor compartilhado por todos os indivíduos (TAVARES, 2012, p. 34)

Para Hopper, a gramática é aberta suscetível à mudança e influenciada a cada situação discursiva, de acordo com o uso no dia a dia.

Tavares (2012), baseada nessa perspectiva, define gramática da seguinte maneira:

[...] a gramática é um repertório de construções linguísticas que, outrora, representavam estratégias retóricas criativas e expressivas para a constituição do discurso, mas que, devido à alta frequência de uso, acabaram se tornando rotinizadas, convencionalizadas, passando assim, a fazer parte da gramática. (TAVARES, 2012, p. 33)

É na interação entre falantes, no movimento entre transmitir algo se esforçando para se fazer entender e tentar entender o que lhe é dito, nos diferentes contextos que surge a gramática, constante, gradual e sempre motivada pelo discurso. (TAVARES, 2012, p 35)

O uso rotinizado das novas estratégias é conhecido como *gramaticalização*, que se constitui pelo processo regular e gradual de estratégias retóricas e envolve mudanças tanto pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas correlacionadas.

Assim, este trabalho, com foco na perspectiva funcionalista de mudança linguística através do processo de gramaticalização, concebe-se que os termos *como*, *que nem* e *tipo* sofrem uma mudança categorial e semântica, ou seja, a partir das formas já existentes, novas funções para o item surgem de articuladores textuais à MDs.

### 3.2 A GRAMATICALIZAÇÃO: CONCEITOS

Os estudos desenvolvidos sobre a gramaticalização, segundo Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão (2007), datam do século X na China e se desenvolvem através do século XVII na França (CONDILLAC e ROSSEAU) e na Inglaterra (TOOKE). A sequência no século XVIII na Alemanha (BOOP, SCHLEGEL, HUMBOLDT, GABELENTZ) e nos Estados Unidos (WHITNEY). No século XX, mais especificamente em 1912, novamente na França, a gramaticalização é reforçada pelos estudos de Meillet. A partir dessas perspectivas, temos grupos de linguistas dispersos pelo planeta desenvolvendo

pesquisas sobre gramaticalização. Não desenvolveremos detalhadamente aqui seus estudos, mas destacamos os estudiosos que podem servir de base à nossa pesquisa: Heine, Claudi, Hünemeyer (na Alemanha), Givón, Hopper, Traugott, Bybbee, Pagluica, entre outros (vertente norte-americana). No Brasil, as pesquisas que tomam a gramaticalização como base para fortalecimento de seus estudos destacamos Castilho, Neves, Martelotta, Votre, Cezario, Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão, Görski, Tavares, Rost Snichelotto, entre tantos outros trabalhos de grande importância para a propagação e desenvolvimento dos estudos da gramaticalização.

No que refere ao estatuto da *gramaticalização*, é possível identificarmos diferentes concepções, como em Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão (2007), denominado ora como teoria (BYBEE et al., 1994), como modelo ou processo (HOPPER; TRAUGOTT, 1993) ou ainda como paradigma (MARTELOTTA et al., 1996; HEINE, 1997). Sob uma designação mais “neutra”, é apresentada como sendo “uma vertente dos estudos da mudança linguística (NARO; BRAGA, 2000, p. 58)”. Comungamos da mesma perspectiva de Traugott, que define gramaticalização como processo:

Grammaticalization is the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts becomes grammatical" is a unidirectional statement, insofar as it predicts that grammatical material will not become lexical. (TRAUGOTT, 1995, p.1)<sup>11</sup>

Sobre o processo da gramaticalização, Martelotta, Votre e Cezário (1996), assim descrevem:

[...] designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento lingüístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática. (MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO, 1996, p.7).

---

<sup>11</sup> “Gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical, em contextos pragmáticos e morfossintáticos restrito, torna-se gramatical” é uma afirmação unidirecional, na medida em que se prevê que o item gramatical não se tornará lexical. (TRAUGOTT, 1995, p.1). - (Tradução nossa).

O processo de *gramaticalização* apresentado por Cezário (2012) é assim denominando:

[...] como sendo um processo de mudança linguística segundo o qual itens lexicais passam a assumir funções gramaticais, ou elementos gramaticais passam a exercer funções ainda mais gramaticais (cf. KURYLOWISZ, 1975; HEINE et alii, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 1993; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996).( CEZARIO, 2012, p. 22)

As possíveis funções assumidas nos diferentes contextos de uso dos itens *como*, *que nem* e *tipo*, portanto, já são indícios de que estes elementos linguísticos estejam influenciados pelo processo de gramaticalização. Pelo fato de identificarmos a multifuncionalidade dos itens a depender dos diferentes contextos de uso, essas novas funções segundo a proposta de Hopper, de gramática emergente, está migrando de conector à MD, ou seja, se tornando mais gramaticalizado, com sentido menos concreto e mais abstrato.

O fenômeno da mudança linguística é motivado a partir de processos cognitivos e interativos, que se manifestam no uso da língua. Um desses processos é a gramaticalização. Sobre isso vemos em Martelotta (2011):

Há, então, fenômenos de gramaticalização que ocorrem em várias línguas, mas não em todas, por isso não há como prever a mudança, apenas analisar a possibilidade de sua ocorrência, tomando como base tendências regulares.

Tomemos como exemplos de mudança por gramaticalização, que prevê o surgimento de elementos de valor gramatical como conjunções, verbos auxiliares e outras categorias de elementos que ajudam a organizar o texto nas diferentes situações de comunicação. (MARTELOTTA, 2011, p. 74)

O processo de gramaticalização se fundamenta em princípios que apresentamos a seguir. Passamos aos princípios que, segundo Hopper, acentua o caráter gradual da gramaticalização, conferindo aos itens o grau de mais ou menos gramaticalizados.

### **3.2.1 A unidirecionalidade como lei geral da gramaticalização**

A gramaticalização como vimos, atua pelo princípio de que velhas formas a depender de novos usos, assumem novas funções. Partindo desse conceito,

Hopper e Traugott (1993) afirmam que o processo de gramaticalização é unidirecional, ou seja, os itens lexicais usados em contextos linguísticos específicos passam a atuar com funções mais discursivas, passando a ser mais fixo sintaticamente e posteriormente se constituir em um morfema. (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 41).

De acordo com Heine et al. (1991 a apud GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p.40) apresentam uma ordem de categorias cognitivas, pelas quais, é possível observar um processo de abstratização:

Pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade
---------------------------------------------------------

Essa demonstração implica dizer que as mudanças ocorrem sempre da esquerda para a direita e não o contrário.

Para compreendermos melhor o processo de gramaticalização é necessário observarmos a transferência conceptual e os contextos que favorecem uma reinterpretação. Estes mecanismos caracterizam-se como metáfora e metonímia conforme veremos na seção a seguir.

### **3.2.2 Metáfora e Metonímia: os mecanismos da gramaticalização**

#### **3.2.2.1 A metáfora**

Segundo Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) a metáfora ocorre de modo que domínios cognitivos diferentes se aproximem por meio de uma transferência conceitual. Assim, conceitos lexicais (mais concretos) passam a ser compreendidos como conceitos gramaticais (menos concretos).

De acordo com Heine et al. (1991 apud GONÇALVES, LIMA-HERNANDES E CASSEB-GALVÃO, 2007, p.43), sobre a metáfora:

A partir dela não se formam novas expressões; predicções preexistentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas a novas situações por meio da extensão de significados: é a “metáfora emergente”, cuja origem, que propicia a gramaticalização, seria de natureza “categorial”. Esse sentido permite entender que o desenvolvimento das estruturas gramaticais pode ser descrito em termos de algumas categorias cognitivas básicas e parte sempre, unidirecionalmente, do elemento à esquerda – mais concreto- [...] (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES E CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 43)

A metáfora envolve significados mais abstratos, de domínios lexicais ou menos gramaticais, estendidos para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais, a metáfora serve para relacionar conteúdos mais abstratos para mais concretos.

### 3.2.2.2 A metonímia

Os processos metonímicos atuam de forma complementar à metaforização. A metonímia envolve a reinterpretação induzida pelo contexto sob a influência da pragmática.

Segundo Lakoff e Johnson (1980, apud GONÇALVES, LIMA-HERNANDES E CASSEB-GALVÃO, 2007, p.46), “A *metonímia* tem função referencial que permite usar uma entidade em substituição a outra. Também funciona como mecanismos de entendimento, ou seja, aponta especificamente mais aspectos do que está sendo referido.”

A metonímia remete a um tipo de inferência pragmática, uma associação conceitual,

[...] fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contigüidade. É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma idéia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto. A mudança de significado por associação metonímica resulta de um raciocínio “abduutivo”, por meio do qual o falante observa determinado resultado no discurso, invoca uma lei (da linguagem) e infere que, a um uso posterior, pode ser aplicada essa mesma lei. (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES E CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 47- 48)



Partindo do exposto, metáfora e metonímia são processos complementares que ajudam a explicar a mudança de itens lexicais em gramaticais e ou mais gramaticais através do processo de gramaticalização.

### 3.2.3 Os princípios da gramaticalização

O processo da gramaticalização apresenta cinco princípios, os quais buscam explicitar as etapas do processo que seriam aplicáveis à mudança de maneira geral, e não apenas à *gramaticalização*.

Hopper (1991, apud GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007) caracteriza gramaticalização de forma que

[...] afirma que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgido novas funções/valores/usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluidos da linguagem, é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma forma vem a assumir nas novas funções que passa a executar, tornando-se imperioso, então, contar com recursos que permitam identificar os primeiros estágios desse processo de mudanças. (GONÇALVES; LIMA-HERNANDE; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 79)

Apresentamos os princípios que regem a gramaticalização, que são: **estratificação, divergência, especialização, persistência** e a **deategorização**.

#### 3.2.3.1 Estratificação

O princípio da **estratificação** ocorre quando novas “camadas” emergem e coexistem com as formas antigas. A respeito deste princípio assim descrevem Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão, (2007):

Como bem observa Hopper, a estratificação não surge para a eliminação das formas antigas e a substituição pelas formas novas, mas pelo “amontoamento”, num mesmo domínio funcional, de formas sutilmente diferenciadas que têm, aproximadamente, o mesmo significado. (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 81)

Relacionando ao nosso objeto de estudo, *como*, *que nem*, e *tipo* percebemos sentidos diferentes do sentido original, a depender do contexto, os itens deixam de atuar como conectores de comparação exclusivamente e passam a atuar como exemplificadores, causais e ainda passam a atuar como MD, sem suplantarem seu sentido mais antigo.

### 3.2.3.2 Divergência

O princípio da ***divergência*** ocorre quando um mesmo item lexical pode apresentar diferentes graus de gramaticalização, ou seja, duas formas iguais, porém, funcionalmente divergentes. De acordo com Neves (2001), o princípio da ***divergência*** se dá: “[...] quando uma forma lexical se gramaticaliza, passando a um clítico ou um afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que os itens comuns.” (NEVES, 2001, p.124).

Exemplificando esse princípio para os itens *como*, *que nem* e *tipo*, podemos perceber suas ocorrências em funções de conjunção, pronome, advérbio e como substantivo e elemento comparativo. Estas funções todas coexistem com as funções de elemento comparativo e com uso mais recente como MD.

### 3.2.3.3 Especialização

Conforme Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), a ***especialização***

[...] tem relação com a questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque mais gramaticalizada. Uma consequência – indício, portanto, dessa especialização – é o aumento na frequência de uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização. (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p.82)

Pelo princípio da **especialização** concebemos que se trata de uma forma que passa a ser mais usada em detrimento de outra, supondo quanto mais uso mais gramaticalizada está.

Relacionando aos itens *como*, *que nem* e *tipo*, podemos dizer que acabam por se “especializar”, ou seja, parece-nos que dos três itens o mais frequentemente usado com função de MD e ainda como elemento comparativo é o *tipo*, o que significa que este elemento esteja mais especializado neste uso, portanto mais gramaticalizado.

#### 3.2.3.4 Persistência

O princípio da **persistência** refere-se à manutenção de traços semânticos da forma anteriormente usadas, desencadeando restrições sintáticas para o uso da forma mais gramaticalizada. Nas palavras de Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão (2007),

O princípio da *persistência* é o que prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas para o uso da forma gramaticalizada. (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p.83)

Em relação aos itens *como*, *que nem* e *tipo*, verifica-se que o item *como* é o que ainda mantém sua característica de elemento comparativo. Os itens *que nem* e *tipo*, quando usados como MD perdem a marca original de conector e substantivo respectivamente.

#### 3.2.3.5 Decategorização

Percebemos o *princípio da decategorização* como a forma que em processo de gramaticalização tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos, ou seja, formas que tinham um significado independente do texto passam a ter um significado ou função relativa ao texto.

No que se refere à **deategorização** em relação aos itens *como*, *que nem* e *tipo* apresentam mudança funcional, ou seja, mais marcadas, quando seu contexto é de comparação. Os itens que originalmente apresentam características mais textuais passam a atuar com funções pragmáticas.

Os cinco princípios elencados anteriormente se aplicam consistentemente através dos itens investigados.

As novas camadas (estratificação) dos itens elementos de comparação, exemplificação, causalidade, coexistem com as funções de conectores, substantivo e MD.

As formas *que* e *nem* não formando um único item, coexistem com as formas gramaticalizadas de *como*, *que nem*, e *tipo*, como conjunção, pronome, advérbio e como substantivo coexistem sem anular uma ou outra forma, confirmando a divergência.

O princípio mais tênue que encontramos em relação a nossos objetos é o da persistência. Percebemos sua característica no item *como* persistindo a marca comparativa, no entanto em *que nem* e *tipo*, ao assumirem a função de MD, as marcas originais ficam desbotadas nessa nova função.

E por fim, a deategorização confere aos itens um caráter menos verbal e passa a participar das categorias textual-discursivas da língua, com funções mais pragmáticas.

Concluindo esta seção e em conformidade com Heine et alli, (1991, apud NEVES,2001), o que motiva a **gramaticalização** está pautada nas necessidades comunicativas insatisfeitas pelas formas existentes e também no fato de não existirem designações linguísticas adequadas para expressar conteúdos cognitivos, e observa ainda, que novas formas gramaticais podem desenvolver-se apesar da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes.

### 3.3 ARTICULADORES TEXTUAIS

Os articuladores textuais são denominados de diferentes maneiras por diversos autores, conforme Marcon (2001) assim apresenta:

Os articuladores textuais, partículas de transição (Garcia,1972), marcadores de conexão (Charolles, 1997); operadores argumentativos ou discursivos **que a gramática tradicional considera como elementos meramente relacionais – conectivos**, (Koch, 1996, p.105) são elementos textuais, nem sempre valorizados como merecem ser.(MARCON, 2001, p. 39)

Todo texto<sup>12</sup>, seja falado ou escrito, acontece em situação de intencionalidade interacional entre sujeitos. As ações que darão origem ao texto devem ser organizadas de modo linguístico e sociocognitivos. Ao fazerem escolhas entre as diferentes formas e maneiras de dizer uma mesma coisa e as diferentes formas de organizarem o texto e a possibilidade múltipla do léxico disponibilizado pela língua nos permite inferir que, para a interação e compreensão textual, os interlocutores devem dispor não somente de conhecimento linguístico, mas também cognitivo (KOCH, 2005). Para isso é preciso lançar mão de alguns elementos coesivos de acordo com a denominação utilizada por Koch (1996) as gramáticas tradicionais, não contemplam seu total envolvimento como operador argumentativo ou discursivo, considerados elementos meramente relacionais ou conectivos.

Os articuladores textuais são elementos linguísticos que integram segmentos de um texto, de modo a torná-lo um texto coeso, significativo (KOCH, 2006). Para as diferentes vertentes teóricas, esses elementos integradores do texto/discurso, são denominados de marcadores conversacionais (URBANO,1993; MARCUSCHI 1989), marcadores discursivos (RISSO, SILVA e

---

<sup>12</sup> Adotamos aqui o conceito de texto definido por Koch (1995), o qual é :

[...] concebido, como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, a qual compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana e que são postos em ação em situações concretas de interação social. (KOCH, 1995, p. 22)

URBANO, 1996), componentes de argumentação – denominadas de “fórmulas” (VIGNER, 1997), articuladores textuais (MARCON, 2001; KOCH, 2006); marcadores textuais (KOCH 2006).

Para Marcon (2001), consoante com Vigner (1997), sobre as “fórmulas” da argumentação, podem ser observados dois aspectos dos elementos articuladores: a **função** e o **sentido**. Segundo ele, sobre a **função**,

“os articuladores são elementos gramaticais do texto, voltados ao enunciado, - unidade de comunicação (Bakhtin, 1987) -, portanto, discursivos. Portadores de significado, entram na constituição do texto com a dupla finalidade: de dizer o que expressam – **sentido** – de relacionar estruturas textuais para a construção do sentido.[...] e passa a ter a função orientada para a direção do sentido desejado pela macroposição intencionada – “relacionar” – a ser construído pela estrutura textual maior.esta função dos articuladores pode dar-se nos limites locais – parágrafos – como na estrutura global do texto. Neste papel, fazem a mediação das ideias, de posicionamentos ou das decisões assumidas pelo autor na textualização.[...]”

Quanto ao sentido, os articuladores são elementos lexicais da oração, - unidade da língua -, portadores de carga semântica; devem por isso ser empregados adequadamente segundo o querer-dizer manifesto na intenção que o interlocutor expressa no plano textual. [...] O sentido do querer-dizer é que determina o uso de um ou de outro articulador textual, de enumeração, seqüência, de concessão, conclusão ou outro. [...]. (MARCON, 2001, p. 43 - 44)

Os itens *como*, *que nem* e *tipo* expressam função de acordo com o que se pretende dizer, se apresentam com uso de conector textual quando da intenção de comparar, exemplificar, por exemplo, ou quando se intenciona marcar uma pausa, bem como a manutenção do turno e assim poder organizar o que será dito na sequência. Dessa forma os itens apresentam função e sentido conferidos aos articuladores.

Os articuladores textuais desempenham diferentes funções dependendo da relação estabelecida pelo contexto, e pelos *níveis* estruturais entre os componentes da oração e período, relação entre parágrafos, até a articulação total do texto. Segundo Koch (2006), os articuladores estabelecem, conforme o contexto textual discursivo, diferentes relações e classificações. Podendo desempenhar as mais variadas funções, seja de ordem cognitiva, discursivo-argumentativa, organizacional, metaenunciativa e interacional. Para tanto, deve-

se observá-lo em seu “contexto textual-discursivo”, e afirma que possuem caráter multifuncional. De acordo com Koch (2012),

As abordagens funcionalistas e/ou pragmáticas, por sua vez, vêm postulando outros tipos de relações produzidas através da articulação de orações; e as abordagens discursivo-textuais vêm mostrando que tais relações se estabelecem quer no interior de um período, quer entre períodos, parágrafos e sequências textuais, independentemente de sua extensão, dedicando, pois, um lugar de destaque aos *sinais de articulação* (Gliederungssignale) ou *articuladores textuais* (KOCH, 2012, p. 11)

Por se apresentarem com diferentes funções, Koch (2006, p. 130) os articuladores textuais são classificados em quatro grupos, conforme segue:

### 3.3.1 Articuladores de conteúdo proposicional

São articuladores indicadores de relações espaciais e temporais ou relações de caráter lógico-semântico (condição, causa, finalidade, disjunção).

**(33)** **A primeira vez que** ele a encontrou foi à porta da loja Paula Brito, no Rocio. Estava ali, viu uma mulher bonita, [...]. **Defrente da loja**, deteve-se um instante; **depois**, envergonhada e a medo, estendeu um pedacinho de papel ao Andrade, e perguntou-lhe[...]

Fiquei triste **por causa do dano causado a tia Marcolina**; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ia ter com ela, **para lhe dar a triste noticia, ou ficar tomando conta da casa**, segundo alvitre, **para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu só ia aumentar a dor da mãe**, [...] (KOCH, 2006, p. 130)

Conforme vemos nas ocorrências os articuladores destacados indicam condição, espaço, tempo, causa, finalidade e disjunção, conforme são as características deste articulador denominado de conteúdo proposicional.

### 3.3.2 Articuladores discursivo-argumentativos

São articuladores que indicam relação de conjunção, contrajunção (oposição/contraste/concessão), justificativa, explicação, conclusão, generalização, disjunção argumentativa, especificação, comprovação entre outras. Verificamos no exemplo a seguir, uma argumentação explicativa e um convite a aceitação do conteúdo apresentado:

- (34) Quando cheguei aos Estados Unidos ano passado (...), meus amigos, colegas da universidade, estavam todos 50 por cento mais pobres. Os seus fundos de pensões estavam investidos na bolsa, a bolsa tinha caído. **Ou seja**, a pensão passou a ser um fator de risco. **Ora**, não podemos tolerar, em países onde as desigualdades sociais são tão graves, que os sistemas de pensões passem a ser mais um fator de risco para os cidadãos. **Daí que** continuo a defender o sistema público [...] (KOCH, 2006, p. 133)

Nesta ocorrência os articuladores atuam como uma explicação do que ele discorre sobre os fundos de pensão.

### 3.3.3 Articuladores organizadores textuais

São articuladores que se apresentam conforme Maingueneau (1996, p.170), como “marcadores de integração linear sendo os principais: *primeiro (amente) / depois/ em seguida/ enfim*, e ainda outras como *por um lado/ por outro lado, às vezes/outras vezes, em primeiro lugar/em segundo lugar, por último* etc. Têm valores de abertura, intermediação e fechamento, na organização espacial do texto.

- (35) Inf. para ele:: Dukheim ...**primeiramente** vem o direito ... até mesmo os mo:res ... ..que vocês estudaram ... vem:... **de maneira secundária** ... o principal já no tempo né? De... Durkheim era o direito ... como máximo ... num é? para impor normas ... e ... **finalizando...mes:mo** o direito reproduz ... todas as formas essenciais ... e é apenas ... estes que... precisamos conhecer ( EF REC 337:702-709). (KOCH, 2006, p. 134)



Nessa ocorrência podemos perceber a organização das ideias a partir dos articuladores, o que confere ao discurso uma ordem de acordo com a estabelecida pelo falante, organizando espacialmente o que se diz.

### 3.3.4 Marcadores discursivos continuadores

São articuladores que atuam como amarradores de porções textuais, bastante comuns em textos falados, mas não exclusivos destes. Os principais marcadores desta classe são *aí, daí, então, agora, aí então*.

- (36) bom esses pratos não são mui::to trabalhosos mas são demorados não é? ...**agora** se você souber ::...preparar a massa em casa... então você prepara... né?... se não souber é muito mais prático você ir ao supermercado comprar:: um pacotinho de lasanha (...) **agora** se você quiser prepará-la mesmo.. então o negócio é fazer a massa ... depois cozinhar essa massa... **aí**:: entra a dificuldade... porque na hora de cozinhar a massa (...) você tem que cozinhar com bastante água... [...]  
(KOCH, 2006, p. 134)

Na ocorrência anterior, percebemos a função de unir o que se está dizendo sem parecer ideias soltas, que vai de perguntas, sem esperar a resposta até a descrição de como preparar o prato, amarrando as ideias umas às outras com o uso dos articuladores discursivos continuadores.

### 3.3.5 Articuladores metadiscursivos

É um grupo de articuladores que servem para introduzir comentários, seja sobre a forma ou modo do enunciado (modo como aquilo que se diz é dito), seja sobre a própria enunciação, que conforme propõe Koch (2006) agrupam-se em *modalizadores* ou *lógico-pragmáticos, metaformativos e metaenunciativos*.

#### 3.3.5.1 Modalizadores

São subdivididos de acordo com seu sentido, podendo ser de sentido amplo ou restrito.

Os *modalizadores* de sentido restrito são os *aléticos*, *epistêmicos* e *deônticos*. Propomos a seguir a seguinte definição:

- *Modalizadores aléticos*: fazem referência à necessidade ou possibilidade da própria existência dos estados de coisas no mundo. Podemos conferir o uso deste modalizador na ocorrência (37):

(37) É impossível não se comover com essas lúcidas palavras de Nildo Ouriques. A poluição conecta-se ao despovoamento do interior do Estado, tanto que a pequena propriedade fundiária está em vias de extinção. (Nildo Ouriques, o reitor necessário em Santa Catarina, in: Caros Amigos 78, setembro de 2003, p. 43) (KOCH, 2006, p. 135-136).

- *Modalizadores epistêmicos*: assinalam o comprometimento/engajamento do locutor com a relação ao seu enunciado, o grau de certeza com relação aos fatos enunciados. Conforme a ocorrência (38) a seguir:

(38) Há, **obviamente**, um espaço autônomo na política. A política faz-se com ética, e tem de se fazer com ética (...). **Obviamente** que não cabe nessa leitura é que se faça um discurso ético de um lado e, depois, se faça uma política por outro, que por vezes é extremamente pouco ética, digamos assim. ('O mundo resiste', entrevista com Boaventura de Sousa Santos, Caros Amigos, nº 78, set. 2003, p.34) (KOCH, 2006, p. 136-137).

Nesta ocorrência (38), percebemos os modalizadores obviamente usados para conferir maior grau de certeza sobre o assunto que é apresentado pelo falante, sobre a ética na política.

- *Modalizadores deônticos*: estes marcadores marcam o grau de imperatividade/facultatividade atribuído ao conteúdo proposicional. Apresentamos na ocorrência (39) a seguir o uso destes modalizadores:

(39) As normas para a seleção ao programa de doutorado prevêm a apresentação de um projeto de tese. **Opcionalmente**, porém, os candidatos poderão anexar outros trabalhos que permitam avaliar sua capacidade de pesquisa. (KOCH, 2006, p.137)

Os modalizadores de sentido amplo são os axiológicos, os atitudinais, os atenuadores, os delimitadores de domínio e ainda dos comentadores da forma.

- Modalizadores *axiológicos*: expressam avaliação atribuída aos eventos, ações, situações a que o enunciado faz menção. Como podemos ver na ocorrência (40) a seguir o uso dos modalizadores axiológicos:

(40) (...) **Curiosamente**, ao mesmo tempo em que proliferam alternativas de consumo e deleite através dessa potente máquina produtora de todo e qualquer tipo de mercadoria, nossos interesses tendem a convergir para atividades cada vez mais especializadas e descoladas das outras esferas da vida”. Com a vista ofuscada, dedicamos nossos dias a conquistar um horizonte de sonhos que já não sabemos como desfrutar.  
**Mais uma vez**, o capital demonstra sua maestria na arte do ilusionismo [...] (Marcelo Manzano, *Eu e o Mundo*, in: Caros Amigos, no. 54, set. 2001, p. 14).

Ainda não se sabe ao certo quem matou Toninho do PT. **Inexplicavelmente**, o caso foi dado como encerrado e não se falou mais nisso. (KOCH, 2006, p.137-138)

- Modalizadores *atitudinais*: ou *afetivos* são aqueles que encenam a atitude psicológica com que o enunciador se representa diante dos eventos de que fala o enunciado. Segundo a ocorrência (41):

(41) **Lamentavelmente**, a Universidade contribuiu para o colapso ecológico da Ilha, destruindo a mata e jogando objetos químicos no mangue.(...) (Nildo Ouriques, o reitor necessário em Santa Catarina,in: Caros Amigos 78, setembro de 2003, p. 43)

**Desgraçadamente**, nem sempre se pode confiar nas notícias veiculadas pela grande imprensa. (KOCH, 2006, p.138)

- Modalizadores *atenuadores*: visam à preservação das faces dos interlocutores. Conforme em (42) a seguir:

(42) **Talvez fosse melhor** pensar em modificar o atual estatuto, que, **ao que me parece**, apresenta algumas lacunas que poderão criar problemas futuros.

**No meu modesto modo de entender, creio que** deveríamos refletir um pouco mais sobre essa questão. (KOCH, 2006, p.138)

- Modalizadores *delimitadores de domínio*: ('hedges') explicam o âmbito dentro do qual o conteúdo do enunciado deve ser verificado (= estou falando do ponto de vista X). De acordo com (43):

(43) bem me pediram para falar sobre o terreno... em princípio realmente eu... fico sem saber o que dizer... fui pegada de surpresa...mas... tenho um roteiro... o que me tranqüiliza mais um pouco... ((ri)) éh: **geograficamente falando**... o tipo de terreno... que nós encontramos... por exemplo o terreno plano... o terreno plano... aparentemente é um terreno bom... (DID REC 265: 1-5). (KOCH, 2006, p.139)

- Modalizadores dos *comentadores da forma*: como o enunciador se representa perante o outro, apresentado na ocorrência (44):

(44) **Falando francamente**... não consigo entender o que você está querendo insinuar. ("eu estou sendo franco ao dizer x ")

**Honestamente**, não se creio que se possa fala em corrupção nesse caso em tela. (KOCH, 2006, p.139)

### 3.3.5.2 Metaformativos

Os enunciados metaformativos permitem ao locutor uma reflexão sobre a forma do dito. Conforme Koch (2006) corrobora do pressuposto de Jubran (2003), em afirmar que as muitas funções destes articuladores costumam vir introduzidas por marcadores que as indicam, conforme apresentamos a seguir:

#### 3.3.5.2.1 Sinalizadores de busca de denominações

Sinalizadores de busca de denominações: as expressões mais usuais são: *mais precisamente, ou, sobretudo, isto é, quer dizer*, e em situações de alternância a expressão *ou*;

(45) Inf - bom ... outra coisa que nós vamos ver ... nos slides na na aula que vem ... é a extrema precisão do desenho ... eles conseguem chegar a uma fidelidade linear ... da natureza ... à extrema exatidão do desenho

... **ou** precisão ... e eles conseguem chegar ... a é óbvio uma evolução certo? (EF SP 405: 388 – 394). (KOCH, 2006, p.140)

### 3.3.5.2.2 Indicadores de estatuto de um segmento

Indicadores de estatuto de um segmento: as expressões mais usuais são: *em síntese, em suma, em acréscimo a, resumindo, em oposição a, para terminar, etc.*;

- (46) Mesmo inexistindo um vínculo de retomada direta entre uma anáfora indireta e um contexto antecedente ou posterior persiste um vínculo coerente na continuidade temática que não compromete a compreensão. **Em suma**, a anáfora indireta é um caso de referenciação textual, isto é, de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo. (Marcuschi, L. A ., *O barco textual e suas âncoras*, mimeo, 2001: 2). (KOCH, 2006, p.141)

### 3.3.5.2.3 Introdutores de tópico

Introdutores de tópico: as expressões mais usuais são: *quanto a, em relação a, no que diz respeito a, a respeito de, no que tange a, no que concerne a, com referência a, relativamente a, etc.*; como vemos na ocorrência (47) a seguir:

- (47) “A respeito da questão racial no Brasil, gostaria de dizer que ela constitui um problema ainda não totalmente resolvido.” (KOCH, 2006, p.141)

### 3.3.5.2.4 Introdutores e interruptores de tópicos

Introdutores e interruptores de tópicos: geralmente marcados pelos articuladores: *quanto, voltando a, é interessante lembrar que* e etc.;

- (48) “Quanto aos estudos sobre o humor sabe-se que, embora não houvesse pesquisa sobre o humor, ele é objeto de teorias desde Platão até nossos dias. Aristóteles já dizia que o riso é algo próprio do homem. Isto na segunda parte de sua Poética onde ele discorre sobre o humor, o riso, a comédia, a arte que nasce dos ‘simples’, isto é, do povo. Infelizmente, parece que a segunda parte de sua ‘Arte Poética’, a

que tratava da comédia, se perdeu. **É interessante lembrar que** a leitura dessa obra é o motivo que Umberto Eco usou na composição do seu 'O Nome da Rosa', onde toda a trama ocorre pela proibição de ler algo que falava do riso, algo que não era de Deus,mas do demônio. **Voltando ao assunto do humor**, registramos..."(Travaglia, L.C., *O que faz quem rir. O humor brasileiro na televisão*,1998) (KOCH, 2006, p.142)

### 3.3.5.2.5 Indicadores do tipo de ato discursivo:

Indicadores do tipo de ato discursivo: os articuladores mais usuais são: *a título de esclarecimento, cabe a pergunta, a indagação...*, etc. Assim vemos em (49) a seguir:

- (49) O juiz não considerou as provas suficientes para a condenação do réu. **Cabe a pergunta**, contudo: será que o rapaz, quando posto em liberdade, será ressarcido dos danos morais e financeiros acarretados pela detenção indevida? (KOCH, 2006, p.142)

### 3.3.5.3 Metaenunciativos

Estes articuladores são introdutórios de reflexão sobre a própria atividade enunciativa, tomando-a como objeto de reflexão, ou seja, evidenciam a propriedade auto-reflexiva da linguagem. Entre estes, destacam-se os marcadores discursivos como: *digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer, quer dizer, como se diz habitualmente, vamos dizer etc.* Conforme exemplo a seguir:

- (50) Inf - os sindicatos são realmente entidades... que têm ... determinados elementos ... que são considerados como postos ... de/ **quer dizer** ... que são considerados como elementos chaves ... dentro da sua estrutura ... temos por exemplo um presidente ... um secretário ... um tesoureiro que são **por assim dizer** ... as peças chaves ... as vigas mestras ... dos sindicatos ... (DID REC 131: 92 – 96) (KOCH, 2006, p.143)

Pela linha tênue que alguns autores caracterizam os articuladores textuais (discursivos)<sup>13</sup> e de mesmo modo os marcadores discursivos se aproximam e muitas vezes comungam de semelhantes definições, julgamos de tal forma, pelo descrito até o momento, que os MDs são segundo suas características discursivas e interacionais, uma subclasse de articuladores textuais.

Pelo apanhado feito até podemos caracterizar os itens de nossa pesquisa como articuladores metadiscursivos com características dos metaformativos, podendo sinalizar a busca de denominações e metaenunciativos, tornando objeto de reflexão sobre o que se quer dizer.

### 3.4 OS MARCADORES DISCURSIVOS

Embora o conceito de MD esteja amplamente difundido em estudos contemporâneos, não há uma unanimidade entre autores em relação a este conceito, nem consenso, como vemos nas palavras de Risso; Silva; Urbano (1996, p. 22): *“Registra-se uma acentuada pulverização de rótulos usados pelos linguistas para fazer referência a eles.”*

Ainda sobre esta diversidade de conceituação verificamos em Rost (2002) assim descrito:

---

<sup>13</sup> Este termo deriva de discurso, para tanto, vejamos como se define:

Discurso, por sua vez, constitui o produto mentalmente representado e hierarquicamente estruturado de sequências de enunciados e de atos proposicionais e ilocucionários, trazidos com alguma intenção comunicativa e integrado dentro de um dado contexto. Discurso é a interpretação situada e provisória das intenções comunicativas do falante. Do ponto de vista do falante, o discurso é criado tanto em termos de suas intenções comunicativas quanto em função do *feedback* do texto produzido para compreender essas intenções dadas pelas reações do destinatário. Já do ponto de vista do destinatário, o discurso é construído por meio dos *inputs* provenientes do texto e do contexto, mas as textualizações do destinatário em reação às do falante naturalmente farão emergir um novo discurso via negociação com o falante. Assim o discurso claramente depende tanto do *texto* quanto do *contexto*. (PEZATTI, 2012, p. 126)

Urbano (1993, p. 85 – 6), o qual investiga aspectos formais semânticos e sintáticos dos MDs, observa que esses elementos, na realidade, ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, funcionando como articuladores não só das unidades cognitivas informativas do texto como também dos seus interlocutores, à medida que marcam e explicitam os aspectos interacionais e pragmáticos de sua produção. (ROST, 2002, p. 37)

Castilho (1989) define as Unidades Discursivas (UD) como segmentos textuais que preservam a coerência e a coesão temática, constituído de um núcleo balizado por marcadores. Para este autor, com a intenção de caracterizar a função dos marcadores da UD, define que “os marcadores discursivos exercem uma função comum: todos eles organizam o texto” (p.273) e ainda classifica dois tipos de marcadores e subdivide-os em:

- (i) os “interpessoais” que 1) assinalam o início do turno (“escuta”, “vem cá”, “nós queríamos saber”, “e aí?”, “vamos dizer o seguinte”, “bom”, “tá”, “ta certo”, “negativo”, “desculpe...mas”, “ta certo...só que”); 2) marcam a passagem de turno (“agora”, “agora é tua vez”); 3) assinalam a tomada de turno (“ah não!”, “mas espera aí um pouco”); 4) assinalam a manutenção de turno (“e tem mais”, “como eu dizia”, “e isso não é tudo”) e 5) assinalam o encerramento do turno (“ta bom”, “depois nos falamos”, “foi bom”, “valeu”) e
- (ii) os “ideacionais” que 1) fazem uma “negociação” do tema (“bom”, “então”; 2) aceitação ou recusa do tema (“ta bom”, “vamos lá”, “essa é boa”, “ah:: essa não”, “corta essa”, “xi:: lá vem você de novo”; 3) mudança ou retomada do tema (“agora me lembro”, “falando agora de...” “e por falar em”, “você já ouviu a última?” “voltando agora ao ponto”, “retomando o fio da meada”; 4) tipificação do tema, (“não é?”, “pô!”); 5) ênfase de um aspecto do tema (“o principal nisto é que”, “o essencial”, “o problema real”, “o ponto em questão”, “o mais importante”, “acima de tudo”, “antes de tudo”, “o X da questão”); 6) atenuação de um aspecto do tema (“isso é secundário”, “basicamente”, “fundamentalmente”, “num certo sentido”, “em grande medida”, “de



certa forma”, “quase como”, “praticamente”, “assim”); 7) a sistematização do tema (“primeiramente”, “inicialmente”, “em seguida”, “uma outra coisa”, “por fim”, “ao lado disso”, “consequentemente”), e 8) o encerramento do tema (“bom, chega disso”, “em suma”, “pra encurtar a história”, “finalmente”, “numa palavra”, “deixa pra lá”, “sei lá”).

Como podemos perceber pelos tipos citados, não há menção dos itens *como*, *que nem* e *tipo*, aqui pesquisados. Desta forma buscamos assim, pôr em evidência nosso objeto de estudo que podem ser enquadradas as descrições 1, 4 e 5 dos marcadores interpessoais, início de turno, manutenção do turno e encerramento do turno, respectivamente.

Entretanto nas descrições ideacionais poderíamos inferir que nosso objeto de estudo possa eventualmente ser classificado em alguma das 8 subdivisões propostas por Castilho (1989) como 4 e 8 por exemplo, e consideramos que outras subclassificações seriam pertinentes, sem no entanto nos determos a elas aqui, neste momento.

Segundo Marcuschi (1989, p. 282) os elementos que “operam simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo, pois *multifuncionais*” são denominados de Marcadores Conversacionais (MCs). Este mesmo autor afirma que os MCs não constituem uma classe gramatical própria, mas sim de todas as classes, significando dizer que estes elementos são identificados pela função que apresenta na interação e os subdividem em quatro tipos:

- (i) os MCs simples - com um só lexema ou para-lexema, sendo advérbios, interjeições, verbos, adjetivos, conjunções e pronomes, podemos apresentar o item *tipo* de nossa pesquisa, na ocorrência a seguir (51):

(51) Entrevistador: - Uhum. E esse natal que passou agora, tu lembra de alguma coisa que aconteceu? Como é que foi?

Informante: *Tipo...* eh... a gente não... não é muito de, como é que eu posso dizer... comemorar, de fazer aquelas jantas assim então... Foi como um dia normal. (PVMPOSC CF2-08)

- (ii) os MCs compostos – sintagmas com grande tendência de estereotipação e pouca variação morfológica;
- (iii) os MCs oracionais pequenas orações, paráfrases e repetições de frases curtas, como exemplo, “digamos assim...”;
- (iv) os MCs prosódicos: como entonação, pausa, hesitação, ligadas a um marcador verbal.

Para tomarmos consonância com o uso, optamos pelo termo Marcador Discursivo (MD). Para tanto, precisamos definir o que é **Conversacional** e o que é **Discursivo**.

O termo **Conversacional** claramente nos remete ao ato de conversar, falar. Para elucidarmos a definição de **Conversação**, buscamos em Castilho (2010) que assim apresenta:

A conversação é uma atividade linguística básica. Ela integra as práticas diárias de qualquer cidadão, independentemente de seu nível sociocultural.

Numa conversação, dois ou mais participantes se alternam, discorrendo livremente sobre tópicos propiciados pela vida diária, [...] (CASTILHO, 2010, p.225)

Portanto, a **conversação** ou o ato **conversacional**, a nosso ver, se restringe ao ato interacional da fala, excluindo assim também o que compõem o texto escrito.

Agora, em análise ao termo **discursivo**, parece-nos que este termo se amplia, abrangendo e contemplando tanto a modalidade falada, como também, a escrita.

De acordo com Penhavel; Guerra (2012, p. 205), os MDs, “compreendem certas expressões que gerenciam o processamento tópico do texto. São apontados dois tipos principais de marcadores: os basicamente sequenciadores e os interacionais”. Sobre os dois tipos, apresentamos os que são compreendidos como sequenciadores, com a principal função de “articular segmentos textuais de estatuto tópico”, os principais conectores são: *agora, então, porque, mas, e, em primeiro lugar* etc. Os interacionais apresentam a função “de codificar orientações dos falantes em relação ao ato de interação

verbal” (PENHAVEL; GUERRA, 2012, p.205). Os principais elementos são *né?, sabe?, veja bem, bom, certo, ahn ahn* etc.

Como vimos o termo MDs, marcadores conversacionais (MCs) e unidades discursivas (UDs), se enlaçam e enredam de forma a definirem aproximadamente elementos de funções e características semelhantes.

Optamos pelo termo MD, pela abrangência do termo. E corroborando a esta ideia nos posicionamos de acordo com Penhavel (2005) que assim define:

[...] opto, por ora, pela denominação “marcadores discursivos”. “Marcadores” simplesmente por ser o termo mais recorrente (embora também deva ser repensado); “discursivos” parece o mais adequado por ser mais neutro e geral, pressupondo tanto a organização textual (ideacional e textual) quanto a articulação interacional (interpessoal) da linguagem (ao contrário, por exemplo, do termo “conversacional”, que sugere, inevitavelmente, um comprometimento exclusivo com um tipo de texto oral, que é a conversação (Risso *et al.*, *op. cit.*), e que parece privilegiar apenas aspectos interacionais, em detrimento de textuais). A opção pelas expressões “função textual” e “função interacional” se deve a uma adequação à terminologia adotada por pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado, que reconhecem o nível de organização lingüística denominado “textual-interativo”, detendo-se consideravelmente sobre a análise de MDs, e à possibilidade de uso satisfatório dessas noções e dessas expressões em GF. (PENHAVEL, 2005, p.1298-1299)

Segundo Risso (1999) e Risso, Silva e Urbano (1996) sobre traços definidores dos MDs, é possível identificar uma frequência e regularidade que fornecem indícios de alguns traços que indicam maior compreensão de como se caracterizam os MDs. De acordo com Risso (1999) alguns elementos básicos são apontados como características de MD, que são:

- a) Padrão altamente recorrente no espaço textual;
- b) Atuando no plano da organização textual-interativa, com função articuladora dos segmentos do discurso;
- c) São exteriores ao conteúdo informativo dos tópicos. Checam a atenção do ouvinte para a mensagem transmitida. Segundo Fraser (1990) uma *informação pragmática*;
- d) Não totalmente transparentes do ponto de vista semântico-referencial;
- e) Pouca ou nenhuma variação fonológica, flexional ou sintática, atestando que os marcadores, de fórmulas fixas já estão prontos para serem usados automaticamente no discurso;

- f) Independência sintática com a estrutura oracional;
- g) Frequentemente realizados com demarcação prosódica;
- h) Não constituem – se enunciados completos por si próprios (unidades não autônomas, do ponto de vista comunicativo);
- i) Reduzidos de massa fônica, de no máximo três sílabas tônicas;

E assim completa a caracterização apresentando os traços que definem MD:

Os *traços* caracterizadores dos MDs constituem – se uma matriz relativamente flexível e oscilante e pela sua condição de mecanismos discursivos não configuram uma classe discreta e homogênea. (RISSO, 1999, p. 267)

As funções exercidas pelos MDs podem ser na visão de Castilho (1989), comum e ampla e estão relacionadas à organização textual. Segundo Urbano (1993), assim apresenta a função ampla, de organização textual, que:

“comporta ela mesma, duas funções mais específicas: a função interpessoal e a função ideacional, às quais correspondem dois tipos de marcadores: os marcadores interpessoais e os marcadores ideacionais. (URBANO, 1993, p. 91)

E conforme Penhavel (2005), em alguns casos a constatação seja difícil, mas a simultaneidade de funções é uma característica dos MDs.

Para Ávila (2014), na tentativa de rastrear os tipos, a frequência e as possíveis mudanças dos MDs de falantes nativos da Cidade do México, assim os define:

Como interlocutores aportamos en nuestra conversación partículas que funcionan como señales de: evidencia sobre La recepción del mensaje, si es que estes es probado, si se continuará con el turno de habla, o si es necesario prestar atención a algo que se dice. Dichas partículas, conocidas como marcadores discursivos,[...] (ÁVILA, 2014, p.191)<sup>14</sup>

Mais adiante a pesquisadora mexicana, apresenta uma divisão de marcadores, muito próxima àquela utilizada por Koch (2006), que classifica os articuladores textuais, descrito a cima. Ávila (2014) afirma que os MDs podem favorecer a mudança de tema, de turnos da fala, a recepção da mensagem, e

---

<sup>14</sup> Como interlocutores trazemos em nosso discurso partículas que funcionam como sinais que: evidenciem a recepção da mensagem, se é que está sendo testada, se continuará com o turno de fala, ou se é necessário prestar atenção em alguma coisa, que se está dizendo. Tais partículas são conhecidas como marcadores discursivos, [...] (tradução nossa)

demonstrar que se compreendeu a mensagem ou de que se deseja manter a comunicação. E os rotula como marcadores conversacionais e assim os classifica: de *modalidade epistêmica*, de *modalidade deôntica*, *enfocadores de alteridade*<sup>15</sup> e *metadiscursivos conversacionais*.

### 3.4.1 Marcadores de modalidade epistêmica

São enunciados declarativos que afetam um membro do discurso. Apresentam o modo como o falante vê a mensagem recebida. De acordo com exemplo a seguir, utilizado por Ávila (2014), o item *claro* é classificado como marcador de *modalidade epistêmica*:

- (52) Yo quisiera pintar todos los días y todas las tardes y todas las noches, pero no se puede. *Claro*, también puedo ir los viernes; como hoy, por ejemplo, podía haber ido; pero... pues... ya no me dio tiempo por tener que ir a peinarme y todas esas cosas, por el compromiso de hoy en la noche. (MX70M1) (ÁVILA, 2014, p.225)<sup>16</sup>

Na ocorrência anterior podemos perceber no uso do item *claro* uma certa reciprocidade no sentido de que os interlocutores estão tratando de um assunto que está bem resolvido para o falante, e o *claro* é uma espécie de confirmação ao que se dirá, e na sequência apresenta uma adversidade em não poder fazer o que gostaria por ter outro compromisso.

### 3.4.2 Marcadores de modalidade deôntica

São marcadores que refletem atitudes que expressam a vontade ou o comportamento do falante, sobre o que se pode inferir no discurso, aceitar, consentir, refutar ou negar. Na ocorrência seguinte temos o item *bueno*, que

<sup>15</sup> '**Enfocadores de la alteridad**' - (tradução nossa)

<sup>16</sup> Eu gostaria de pintar todos os dias e todas as tarde e todas as noites, mas não pode. Claro, eu também pode ir às sextas-feiras; como hoje, por exemplo, poderia ter ido; mas ... bem ... já não me deu tempo por ter que ir me pentear cabelo e todas essas , pelo compromisso de hoje à noite. (tradução nossa)

apresenta uma espécie de cooperação com o interlocutor, e assinala um consentimento:

- (53) E: Muy bien. Bueno, pues si quieres ya acabamos.  
 I: *Bueno*  
 E: o ¿quieres decir algo más?  
 I: Son novecientos dólares para empezar.(MX13H3) (ÁVILA, 2014, p.228)<sup>17</sup>

Nesta ocorrência vemos o termo *bem* (*tradução nossa*) em que o falante utiliza como forma de aceitar o que foi dito pelo interlocutor, de modo que sua resposta equivalha a um sim, de concordância ou também de aceitação.

### 3.4.3 Marcadores de enfocadores de alteridade

São voltados tanto ao ouvinte quanto para ambos os interlocutores. Segundo Ávila (2014), funcionam de maneira similar às interjeições. Estes marcadores introduzem enunciados, bem como em alguns casos, comentam um fragmento do discurso a que se referem, em relação ao falante, e outros ainda, com foco nas relações com o interlocutor. No exemplo a seguir vemos o item *mire* (*veja/olhe – tradução nossa*), que perde sua função de verbo “ver, olhar” e busca uma aproximação dos interlocutores para se fazer compreender, conforme a ocorrência (54):

- (54) Bueno, *mire*: yo creo que primero tengo que explicar que para ser psicoanalista se necesita un entrenamiento especial; es decir, se necesita hacer los seis años de medicina y estudiar tres años después de psiquiatría, que se completan con uno o dos de... de trabajo de hospital; (MX70M2) (ÁVILA, 2014, p.231)<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> E: Muito bem. Bom, pois se quiseres já acabamos.  
 I: Bom  
 E: Ou queres dizer algo mais?  
 I: São novecientos dólares para começar. (*tradução nossa*)

<sup>18</sup> Bem, veja: Eu acho que eu tenho que primeiro explicar que para ser um psicanalista é necessário treinamento especial; quer dizer, precisa fazer seis anos de medicina e estudar três anos mais de psiquiatria, três anos depois, completada com um ou dois de ... trabalho hospitalar; (*tradução nossa*)

Nesta ocorrência podemos perceber que o falante não está mostrando nada físico, ou seja, que deva ser visto com os olhos. Equivale a dizer presta atenção no que eu estou dizendo, com foco na interação do discurso.

#### 3.4.4 Marcadores metadiscursivos conversacionais

Este grupo de marcadores se caracteriza por permitir o fluxo da conversação ou do diálogo. Sua ocorrência permite a organização e a formulação do discurso. Podem funcionar como elemento autônomo ou marcado por pausas. Ainda, podem ser uma marcação para que a conversação flua, para introduzir um novo tópico, com sentido de retificação, mantenedor do turno da fala em busca de um termo adequado. (ÁVILA, 2014). O falante pode muitas vezes, fazer uso de diferentes metadiscursivos, que permitam buscar uma expressão adequada, chamar a atenção do ouvinte e ao mesmo tempo, manter o turno da fala. Na ocorrência (55) os itens *este* e *eh* são usados como marcadores metadiscursivos conversacionais:

- (55) Pero, me voy a quedar en la parte que más me interesó; tiene que ver el, con... viajar, salir del planeta, estar, *este*, fuera de la Tierra y colonizar otros mundos. Obviamente, *eh*, la imaginación, *este*, digo, era parte ¿no? era parte del, del mundo en ese momento; se, se vivía una época pues de fantasía al respecto de los viajes al espacio, lunares y todo esto ¿no? *Eh*... Más adelante, *eh*, este libro me llevó a leer a otro autor, que este autor es un poco... o sea, mientras Lester del Rey es un autor que le sale de la imaginación, que obviamente, se lee algunas partes técnicas, pero no es... tan... *este*... no, no está tan —¿cómo es la palabra?— *eh*, empapado de la... Tecnología o de la ciencia ¿sí?, (MX13H2) (ÁVILA, 2014, p.237)<sup>19</sup>

O turno do falante é mantido enquanto ele organiza mentalmente o discurso ou pensa num termo adequado naquele contexto. O que evidencia seu caráter metadiscursivo.

<sup>19</sup> Mas eu vou ficar na parte que me interessou; que tem a ver com ... viagens, sair do planeta, assim, fora da Terra e colonizar outros mundos. Obviamente, eh, imaginação, assim, digo, era parte, certo? Era parte do, do mundo naquela época; Se vivia uma época assim, de fantasia sobre viagens espaciais, a lua e tudo isso certo? Eh ... Mais tarde, eh, este livro me levou a ler um outro autor, que este autor é um pouco ... Quero dizer, enquanto Lester del Rey é um autor que sai da imaginação, obviamente, se lê algumas partes técnicas, mas não é tão... assim... não, não está tão- qual é a palavra? - eh, mergulhada na ... Tecnologia ou da ciência, não é? (tradução nossa)

Portanto, marcador discursivo é o elemento de carácter textual e interativo, ligando partes de um texto, bem como mantém o canal falante/ouvinte e a organização de ideias e se tratarem de elementos que organizam ou reorganizam os elementos do discurso.

Um dos desafios, nesta pesquisa, é a classificação funcional dos itens *como*, *que nem* e *tipo*, pelo fato de desempenharem funções diferentes a depender do contexto interacional em que estão inseridos. A respeito da multifuncionalidade dos itens, conforme afirma Castilho (1989, p. 273), a caracterização funcional dos marcadores não são excludentes, mas sim, um mesmo marcador corresponde a mais de uma função e que todos exercem uma função básica, a de organizar o texto. Castilho (1989) segue afirmando que essa função comum dos MDs, pode ainda ser desmembrada em mais duas outras funções, que são a interpessoal e a função ideacional, correspondentes aos marcadores “*interpessoais*” e os marcadores “*ideacionais*”.

Ainda, sobre as várias sobreposições de funções dos MDs, Urbano (1999, p.198) assim caracteriza: “Dificilmente uma forma desempenha uma única função; é comum a coocorrência ou sobreposição de funções.”

A sobreposição de funções e as funções agrupadoras abarcam funções que apresentam traços semelhantes, e dessa forma podem ser agrupados em macrofunções. A respeito disso, Macedo e Silva (1996), classificam, a priori, os MDs em macrofunções:

[...] todos concordam que os marcadores estão envolvidos em macrofunções discursivas: a organização interna dos discurso, em início e final de tópico, início e final de parágrafo, por exemplo; a manutenção da interação dialógica, incluindo-se aqui a organização dos turnos; e ainda uma função ainda mais difícil de ser sistematizada, que seria a de processamento da fala na memória.(MACEDO & SILVA, 1996, p. 14)

Quanto às funções exercidas pelos MDs, Penhavel (2005) apresenta duas funções básicas, as *funções textuais* e as *funções interacionais*:

As funções textuais se caracterizam quando os MDs atuam na organização do conteúdo da informação do discurso, integrando aos componentes ideacionais e textuais da linguagem. “Funcionam como mecanismos de coesão textual, estabelecendo algum tipo de relação semântica,



em às vezes, quase puramente estrutural, entre diferentes unidades discursivas.” (PENHAVEL, 2005, p. 1299)

Os MDs exercem funções interacionais atuando “no processamento da interação conversacional, quando cumprem alguma função advinda diretamente da relação face-a-face entre os interlocutores” [...] (PENHAVEL, 2005, p.1299). Tanto as funções textuais quanto as interacionais, não são constituintes da sentença.

Isto posto, podemos perceber que os itens *como*, *que nem* e *tipo*, podem ser classificados como articuladores textuais, pois desempenham função de conectores entre partes do texto e também funcionam como MD de característica metadiscursiva, que permite o fluxo do diálogo, permitem a organização e a formulação do discurso, funcionam como elementos autônomos ou marcado por pausas. Ainda, podem introduzir um novo tópico ou mantenedor do turno da fala em busca de um termo adequado.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo é dedicado à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, com vistas a alcançar os objetivos propostos. Apresentamos a constituição do *corpus*, os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que julgamos atuarem no uso dos itens *como*, *que nem* e *tipo* bem como o tratamento dispensado aos dados.

Nesta pesquisa, nos dedicamos a uma análise qualitativa, que se efetivou por meio da:

I – Análise do percurso de gramaticalização para identificar outras funções que os itens desempenham;

II – Testagem de grupos de fatores variados para identificar os contextos (linguísticos, discursivos, estilísticos, e extralinguísticos) que influenciam na escolha de uma dessas formas, buscando padrões de uso das formas envolvidas.

III – Interpretação desses padrões como indícios de gramaticalização (ou perda de espaço de uma das formas ou expansão de contexto de uso, ou ainda especificação de uso/especialização).

### 4.1 O *CORPUS*

O *corpus* desta pesquisa é composto por uma amostra sincrônica de entrevistas do PVMPOSC que está em fase de coleta das entrevistas. O referido projeto tem por objetivo descrever e analisar fenômenos linguísticos em variação e mudança no português falado no Oeste de Santa Catarina. As células sociais e o total de informantes estão detalhados nos Quadros 4 e 5, a seguir:

Quadro 4- Demonstrativo de células sociais projetadas para o PVMPOSC <sup>20</sup>

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo-(1)		Ensino Fundamental 2º Ciclo-(2)		Ensino Médio (3)		Ensino Superior (4)	
<b>Idade / Sexo</b>	M	F	M	F	M	F	M	F
<b>C (07 e 14 anos)</b>	2	2	2	2	-	-	-	-
<b>J (15 e 24 anos)</b>	2	2	2	2	2	2	2	2
<b>B (25 e 49 anos)</b>	-	-	-	-	-	-	2	2
<b>A (igual ou superior a 50 anos)</b>	-	-	-	-	-	-	2	2
<b>Total parcial</b>	4	4	4	4	2	2	6	6
<b>Total</b>	8		8		4		12	
<b>Total de 32 informantes</b>								

Fonte: Adaptado de ROST SNICHELOTTO (2012)

O quadro 4 representa uma amostra sincrônica de fala e busca contemplar células sociais até o momento não investigadas pelo VARSUL<sup>21</sup>. O PVMPOSC é um projeto inspirado nos moldes do VARSUL, com entrevistas de

<sup>20</sup> A identificação dos informantes se dá da seguinte maneira: a sigla PVMPOSC - indica a amostra retirada do Projeto Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina, a letra seguinte no caso de C indica crianças de 07 a 14 anos de idade. A letra J representa jovens de 15 a 24 anos de idade. O B representa informantes adultos de 25 a 49 anos e a letra A representa informantes adultos com idade igual ou superior a 50 anos. As letras M e F que acompanham a legenda C e B representam o sexo/gênero dos informantes, sendo M para homens (Masculino) e F para mulheres (Feminino). Os números, 1, 2, 3 e 4 representam o nível de escolaridade, sendo 1 para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental (1), 2 para o segundo ciclo do Ensino Fundamental (2), 3 para informantes com Ensino Médio (3) e 4 para o nível de Ensino Superior (4). Os números de 1 a 12 representam cada um dos 12 informantes.

<sup>21</sup> Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL) é um projeto formado por 288 entrevistas distribuídas pelos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo quatro cidades em cada estado. Este projeto foi desenvolvido em parceria pela UFRGS, PUCRS, UFSC e UFPR. Para mais informações, consulte: <http://www.varsul.org.br>.

cunho sociolinguístico, amplia as amostras de fala de informantes de Chapecó, como de crianças e jovens e nível de escolaridade superior, inéditas em outras amostras de fala. Os quadros em branco, no quadro anterior, representam as células já contempladas pelo VARSUL. Isso possibilita um estudo ampliado em trabalhos futuros para a descrição e análise de fenômenos linguísticos de diferentes níveis e de distintas abordagens teórico-metodológicas.

As células apresentadas, no Quadro 5 a seguir, representam até o momento as entrevistas coletadas e que nos forneceram os dados para análise nesta pesquisa:

Quadro 5 – Demonstrativo de células sociais coletadas para o PVMPOSC

<b>Escolaridade</b>						
	<b>Ensino Fundamental 1º Ciclo (1)</b>		<b>Ensino Fundamental 2º Ciclo (2)</b>		<b>Ensino Superior (4)</b>	
<b>Idade/Sexo</b>	M	F	M	F	M	F
C <b>(07 a 14 anos)</b>	2	2	2	2	-	-
B <b>(25 a 49 anos)</b>	-	-	-	-	2	2
Total	4		4		4	
<b>Total de 12 informantes</b>						

Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de ROST SNICHELOTTO (2012)

Os critérios para seleção dos informantes chapecoenses foram (i) ser falante de português; (ii) morar na cidade há pelo menos 2/3 da vida; (iii) não morar fora por mais de um ano; (iv) não causar estranheza a outros falantes da região; e (v) os pais do informante serem nascidos na cidade. Antes da gravação das entrevistas, efetuou-se a localização do perfil social desejado e um contato prévio com os informantes ou responsáveis. Posteriormente, procedeu-

se a assinatura do termo de autorização de gravação de fala. Finalmente, as entrevistas foram gravadas em lugares específicos indicados pelo próprio informante. Os entrevistadores são mestrandos em Estudos Linguísticos e graduandos em Letras na UFFS e integrantes do grupo de pesquisa Estudos GeoSociolinguísticos, coordenado pela Professora Doutora Cláudia Andrea Rost Snichelotto. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS (Processo 17011413.2.0000.5564) e é financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC (Chamada Pública nº 04/2012 Universal). As entrevistas são orientadas de acordo com o modelo de entrevistas sociolinguísticas e foram coletas por Eliane Scherer, Kelly Trapp, Eduardo Berger e André Fabiano Bertozzo.

#### **4.2 Condicionadores linguísticos e extralinguísticos**

Apresentamos, no quadro 6 a seguir, os condicionadores linguísticos e extralinguísticos controlados nesta pesquisa e que acreditamos influenciar no uso dos itens *como*, *que nem* e *tipo* na amostra de fala de informantes chapecoenses.

Quadro 6 - Condicionadores linguísticos e extralinguísticos

LINGÜÍSTICOS	EXTRALINGÜÍSTICOS
<b>Posição no contexto:</b> inicial, medial ou final	<b>Idade:</b> Crianças (07 a 14 anos) e Jovens (25 a 49 anos)
<b>Relação sintática:</b> dependência ou independência com a estrutura oracional	<b>Sexo/gênero:</b> M – Masculino (Homem) e F- Feminino (Mulher)
<b>Sequências discursivas:</b> descritiva, narrativa ou dissertativa	<b>Escolaridade:</b> Ciclo Fundamental 1 (até 5 anos de escolarização, aproximadamente), Ciclo Fundamental 2 (até 9 de escolarização) e Nível Superior (até 16 anos de escolarização)
<b>Contextos de uso:</b>  Delimitador aproximativo, Pragmático-interativo, Introdutor de conclusão, Introdutor de descrição ou Solicitação de esclarecimento	<b>Estilo –</b> -Entrevistador masculino - Informante masculino (M - M) -Entrevistador masculino - Informante feminino (M - F) - Entrevistador feminino - Informante masculino (F - M) - Entrevistador feminino - Informante feminino (F - F)
Tópico: mantenedor de tópico ou inclusão de subtópico discursivo	

Fonte: Elaborado pelo autor

#### 4.3 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados foram coletados por meio de gravação e da audição das entrevistas. Identificadas e transcritas as sequências em que ocorreram nosso objeto de estudo, ou seja, os itens *como*, *que nem* e *tipo*, para codificá-los de acordo com os condicionadores linguísticos e extralinguísticos delineados na seção 3.2.2.

Ao todo, foram levantados cento e vinte e dois (122) dados, destes, oitenta (82) dados foram classificados como articuladores textuais (conjunções, pronomes e advérbios) e 40 dados com características de uso de MD, que é nosso foco. Os cálculos da análise foram desenvolvidos através do programa Excel, que nos forneceram os gráficos e a frequência de uso dos itens.

## 5. O FUNCIONAMENTO DE *COMO*, *QUE NEM* E *TIPO* EM CHAPECÓ/SC

Nesta seção objetivamos mapear os contextos de uso de *como*, *que nem* e *tipo* na fala de 12 informantes de Chapecó e verificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que atuam no uso de *tipo* na fala dos informantes de Chapecó. Ao todo foram identificados cento e vinte e dois (122) dados, destes, segundo podemos verificar na tabela 1 a seguir, 82 dados são usos que classificamos como articuladores textuais e 40 como de MDs.

Tabela 1 – Distribuição da frequência de *como*, *que nem* e *tipo* na amostra do PVMPOSC

Categoria	ARTICULADORES			MD		
	<i>Como</i>	<i>Que nem</i>	<i>Tipo</i>	<i>Como</i>	<i>Que nem</i>	<i>Tipo</i>
<b>Total parcial</b>	26	07	49	-	-	40
	Total <b>82</b>			Total <b>40</b>		
Total 122						

Fonte: Elaborado pelo autor

Para o mapeamento dos contextos de uso e para a verificação dos condicionantes, sejam os linguísticos ou extralinguísticos, daqui em diante consideramos somente as ocorrências em que ocorrem MDs do item *tipo*. Portanto, conforme a tabela 1, nesta amostra, não foram localizados dados de *como* e *que nem* com uso de MD, diferentemente do que foi identificado nas amostras investigadas por Lima-Hernandes (2005) e Dias (2011).

Cada um dos condicionantes está descrito juntamente com sua respectiva hipótese. Na sequência apresentamos os gráficos e tecemos as análises descrevendo o funcionamento de *tipo*.



## 5.1 CONDICIONANTES LINGUÍSTICOS

A testagem de vários grupos de condicionantes se faz necessária para a verificação do comportamento de itens linguísticos em seus diferentes contextos de uso. A seguir elencamos os cinco condicionantes linguísticos, a saber, contextos de uso, posição no turno de fala, relação sintática com a estrutura oracional, sequência discursiva e manutenção ou inclusão de tópico discursivo, que consideramos estarem relacionados ao estudo do item *tipo*.

### 5.1.1 Contextos de uso de *tipo*

O item *tipo* é elemento híbrido, pois ora atua como articulador textual (conjunção comparativa, conector textual) ora como substantivo e ora como MD. Lima-Hernandes (2005) enquadra os seguintes contextos de uso do item *tipo*:

- função de substantivo referenciador e classificador, proposição exemplificativa, conjunção comparativa, elemento discursivo – delimitador aproximativo e ainda como marcador discursivo.

Os contextos de uso são indissociáveis e se manifestam simultaneamente. Contudo, o que determina o uso de determinada forma ou sua saliência é o seu uso no contexto.

#### 5.1.1.1 Delimitador aproximativo

Esse contexto de uso foi descrito por Lima-Hernandes (2005). O item *tipo* é empregado em contextos com o sentido de aproximação entre elementos do discurso. Sinaliza a imprecisão da informação expressa na cadeia sintagmática seguinte. Em alguns casos é possível parafrasear por “quase” e “por volta de”. Vejamos a ocorrência (56):

(56) Entrevistador: - Como que é o comportamento dele, assim?

Informante: - Comigo é bem ruim, às vezes ele faz bullying comigo. Às vezes ele faz um monte de maluquices assim, ele faz umas piadas estranhas, não me deixa fazer muita coisa. Ele briga bastante comigo. Ele é *tipo* meu irmão mais velho, só que daí eu não tenho irmão mais velho. (PVMPOSC CM1-01)

É possível percebermos em (56) a aproximação comparativa de que, embora o indivíduo de quem o informante fala não seja irmão, no entanto, ele o define como “quase” sendo o irmão mais velho.

#### 5.1.1.2 Pragmático-interativo

O item *tipo* atua em contextos de interação explícita entre falante/discurso e falante /ouvinte. É usado para pensar e planejar o que pretende dizer (**PRAGMÁTICO**) e voltar a interagir com o interlocutor (**INTERATIVO**). Relacionam-se aos descritos por Ávila (2014) como *marcadores metadiscursivos conversacionais* e por Koch (2006), como articuladores metadiscursivos, que a nosso ver, apesar de pequenas nuances na definição acabam por se tratar de elementos com funções semelhantes. Vejamos este uso na ocorrência (57) a seguir:

(57) Entrevistador: Uhum. E esse natal que passou agora, tu lembra de alguma coisa que aconteceu? Como é que foi?

Informante: *Tipo...* eh... a gente não... não é muito de, como é que eu posso dizer... comemorar, de fazer aquelas jantas assim, então... foi como um dia normal. (PVMPOSC CF2- 08)

Em (57) é possível verificar um contexto de que o falante ao mesmo tempo ganha tempo para pensar o que será dito, bem como, para manter o turno, indicando que está organizando o discurso em face do interlocutor.

### 5.1.1.3 Solicitação de esclarecimento

O item *tipo* é usado em contextos em que o interlocutor não tem clareza do que está sendo perguntado. Utiliza desse recurso com a finalidade de pedir esclarecimento sobre o que realmente deve responder, ou falar, enquanto ele reorganiza o pensamento. A seguir vemos na ocorrência (58) o uso nesse contexto:

- (58) Informante: Não.  
 Entrevistador: E quanto tu era mais novinha assim, teus pais te contavam histórias?  
 Informante: Hum... Não... História *tipo*...?  
 Entrevistador: Para dormir.  
 Informante: Não. (PVMPOSC CF2- 08)

A ocorrência (58) ilustra um contexto de incompreensão do que realmente o entrevistador está querendo saber e o falante retribui a pergunta com uma solicitação de esclarecimento.

### 5.1.1.4 Introdutor de conclusão

O item *tipo* inicia um contexto de conclusão de pensamento ou ideia, ou ainda a consequência de um fato. Pode ser parafraseado por “*logo*”, “*pois*”, “*portanto*”, “*por isso*”, “*assim*”, “*por conseguinte*”. Vejamos uma ocorrência em (59):

- (59) Informante: [...] E daí eu ia até sair da escola. Bem no fim depois, me acalmei um pouco assim, e vi que... *Tipo* eu não tava fazendo nada de errado. Por que, que eu ia pedir as conta, né? Daí bem no

fim eu acabei o ano na escola o diretor teve que me aturar porque por mais que a vaga seja temporária, ninguém pode me demitir. Eu tenho quase que a mesma garantia de serviço, [...] (PVMPOSC BM4-09)

É possível aferir em (59) a conclusão da ideia. O motivo pelo qual o informante estava em desacordo com o local de trabalho não era em decorrência das atitudes dele, logo, ele não era o culpado da história, por isso inicia a conclusão de sua ideia ou seu ponto de vista sobre o assunto discorrido.

#### 5.1.1.5 Introdutor de descrição

O item *tipo* inicia um contexto de relato, de descrição ou detalhamento de algo, com a finalidade de ilustrar o que se pretende dizer. Podemos verificar um uso de *tipo* em (60) a seguir:

(60) Entrevistador: - E como eram feitos os alimentos?

Informante: - Minha mãe me contou que ela tinha aqueles negocinho que tu virava assim de fazer pão. E ela botava ali, né naquela churrasqueira e ia virando assim. *Tipo* de um lado dourava, daí ela pegava e virava do outro. (PVMPOSC CM1-02)

Na ocorrência (60) o *tipo* é usado em um contexto de descrição de como ficava o pão quando usavam o referido instrumento (“aqueles negocinho que tu virava assim de fazer pão”).

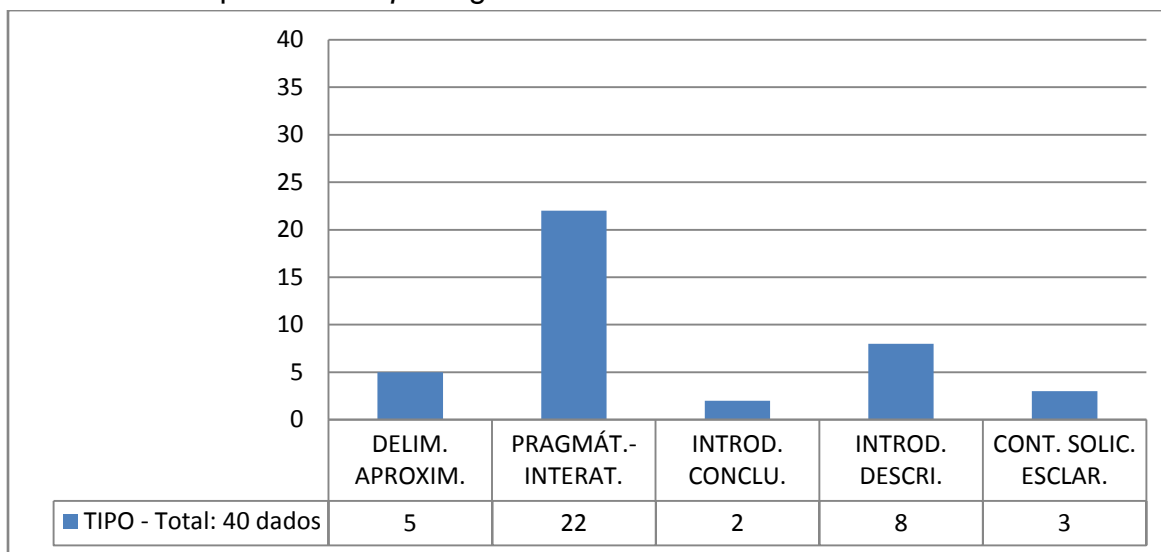
Como hipótese, acreditamos que o item *tipo* seja mais frequente em contextos que exerçam função Pragmático-Interativo, já que seja usado, provavelmente para pensar o que será dito, mantendo a interação com o ouvinte, conforme utiliza Dias (2001) em seu estudo sobre o item *que nem*.

#### 5.1.1.5.1 Resultados e análises

Nossa hipótese se confirma. O item *tipo* apresenta 22 ocorrências em contexto Pragmático-interativo, seguido pelo *introdutor de descrição*, *delimitador*

*aproximativo, solicitação de esclarecimento e introdutor de conclusão* respectivamente. Podemos verificar a frequência do item *tipo* em contextos de uso no Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 –Frequência de *tipo* segundo os contextos de uso



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme o gráfico 1 dos 40 dados de uso do item *tipo* na amostra do PVMPOSC, o contexto de uso Pragmático-Interativo apresenta 22 ocorrências (55%), seguido por 8 ocorrências (20%) do Introdutor de descrição, 5 ocorrências (12,5%) do Delimitador aproximativo, 3 ocorrências (7,5%) de Solicitação de esclarecimento, e, por último, 2 ocorrências (5%) em contexto de Introdutor de conclusão.

### 5.1.2 Posição no turno: inicial, medial ou final

Observamos que *tipo* ocorre em diferentes posições no turno de fala: no início, no meio e no final do enunciado<sup>22</sup>. Esta variável foi controlada nas

<sup>22</sup>Adotamos aqui o conceito de enunciado utilizado por BAKHTIN, “enunciado é linguagem em uso”, e ampliando mais este conceito assim vemos:

pesquisas feitas por Dal Mago (2001, p. 89-90), os resultados apontaram maior frequência na posição inicial e medial. Rost (2002) verificou a posição inicial para *olha*, e a posição medial para *veja*. O estudo desenvolvido por Lima-Hernandes (2005) não controlou esse condicionante.

Conforme podemos verificar, o item *tipo* apresenta as características de marcadores *interpessoais*, elencadas por Castilho (1989), assinalando início de turno, passagem de turno, tomada do turno, manutenção do turno e encerramento de turno

Vejamos algumas ocorrências extraídas da amostra em que o item ocorre em uma das três posições:

*A- Posição inicial de turno:*

A seguir, vejamos a ocorrência (61) com o item em posição inicial:

(61) Entrevistador: - E alguém já te contou alguma coisa sobre como era a vida da mulher antigamente?

Informante: - *Tipo*, como assim?

Entrevistador: Bem antigamente, ahh a mulher que trabalhava fora ou não? Só cuidava da casa.

Informante - Ah só da história do Brasil eu sei uma... (PVMPOSC CM1-02)

Na ocorrência (67), o item *tipo* parece no início da fala do informante introduz um contexto de solicitação de esclarecimento por parte do informante, de forma a compreender e responder a pergunta que lhe foi feita.

*B- Posição medial de turno :*

---

Muitos lingüistas (no campo da sintaxe) são prisioneiros dessa confusão: o que estudam é, na realidade, uma espécie de híbrido da oração (unidade da língua) e do enunciado (unidade da comunicação verbal). As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavra (numa acepção rigorosamente lingüística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda das unidades da língua – palavras, conjunto de palavras, orações; [...] (BAKHTIN, 1992, p. 297).

Vejamos a seguir uma ocorrência em que *tipo* ocorre em posição de meio de turno:

(62) Entrevistador: - E com que frequência vocês brincavam?

Informante: - Ahh, não era assim todo dia, algumas vezes, *tipo*, dois meses daí a gente voltava, daí a gente brincava... assim.. (PVMPOSC CM1-02).

Na ocorrência (68), o item *tipo* está numa posição medial no turno em que o falante responde objetivamente a pergunta e usa o item para seguir explicando a frequência com que brincavam.

#### C- Posição *final de turno*:

A seguir apresentamos uma ocorrência do item *tipo* em posição final:

(63) Entrevistador: E tem uma história de quando você era mais novinho?

Informante: - Não muitas.

Entrevistador: - Mas alguma que foi....

Informante: - Ahhh, que não foi realmente uma história assim né, foi que eu tava lá naquele dia lá. Foi , assim, bem ruim porque, eh, o meu pai tava, daí o chefe dele né, a gente tava lá na casa do antigo chefe dele, né. Ehh daí ele pegou, e o chefe dele tinha um parreiral de uva, assim né. Daí lá costumava ter bastante raposa. Mas daí antes disso ele lançava nós assim, né. Tinha aquele negócio que te prendia e te lançava lá em cima e descia bem rapidão. Daí a gente foi naquilo tava dando pra ver toda assim, o lugar. E daí , ahhh depois de lá, a gente foi, a gente... viu assim né, aquelas raposa lá. E daí o amigo do pai ele tinha um revolverzinho. Ele tentava atirar assim na raposa pra ela descer de lá e ele não conseguia.

Entrevistador: - Mas era daqueles de brinquedo?

Informante: - É *tipo*, só pra fazer, só pra espantar ela dali, *tipo*... (PVMPOSC CM1-02).

Na ocorrência (63), o informante faz uso duas vezes do item *tipo*, uma logo no início de seu turno de fala, justificando a sua resposta, e no final para indicar a finalização do turno, mas com aparente desejo de dar continuidade.

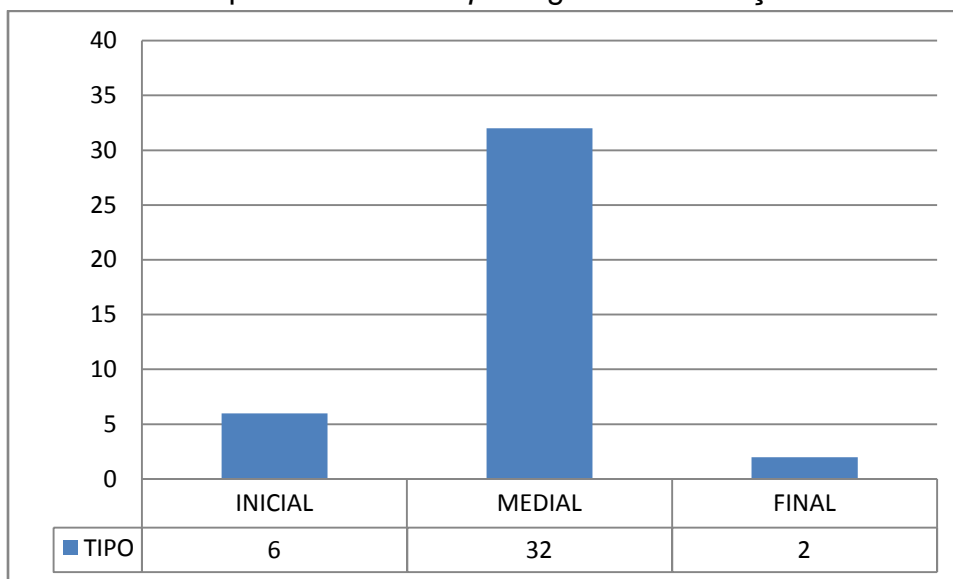
De modo geral nossa hipótese é de que o item investigado seja de maior ocorrência em posições iniciais e mediais, conforme Castilho (1989) e Marcuschi (1989).

Nossa hipótese é de que o item *tipo* ocorra com maior frequência em posição inicial, pelo fato de os MDs apresentarem características que auxiliam no desenvolvimento do tópico pelo informante.

### 5.1.2.1 Resultados e análises

Apresentamos a seguir o gráfico 2 com os resultados de frequência do item *tipo* segundo a posição:

Gráfico 2 – Frequência do item *tipo* segundo a POSIÇÃO



Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados da amostra pesquisada revelam que dos 40 dados totais, 6 dados ocorreram em posição inicial, 32 em posição medial e 2 em posição final. Em termos percentuais, temos 80% de ocorrências para a posição medial, 15% para a posição inicial e 5% em posição final de contexto.



Nossa hipótese geral se confirma, posto que, os resultados de maior concentração se dão em posição medial, seguido pela posição inicial em conformidade com os estudos de Dal Mago (2001) e Rost (2002).

Verificamos frequência relativamente maior do item *tipo* em posição medial de contexto, o que segundo Castilho (1989) é característica de marcadores, apresentando maior ocorrência em posição inicial ou medial, e menor frequência em posição final.

### **5.1.3 Relação sintática de *dependência ou independência* com a estrutura oracional**

Na amostra investigada o *tipo* apresenta comportamento sintaticamente dependente ou independente, estando sujeito ao contexto de uso. Risso, Silva e Urbano (1996, p. 56) comentam que “Analisados do ponto de vista da integração sintática na estrutura oracional<sup>23</sup>, os *MDs* são unidades independentes, que, portanto, não se constituem como parte integrante dessa estrutura”.

Por independência sintática, como vemos em Rost (2002, p.96), os elementos são “descartáveis sem prejuízo da construção sintagmática em si, pois estruturalmente os marcadores discursivos não estão integrados como constituintes essenciais”. Por dependência sintática, verificamos em Risso, Silva e Urbano (1996, p. 29), caracterizam como unidades alheias à estrutura gramatical, desempenhando função acessória na oração, portanto, não sendo componentes descartáveis no ato comunicativo.

O estudo desenvolvido por Lima-Hernades (2005) não controlou esse condicionante linguístico.

Assim como para Risso, Silva e Urbano (1996, p.39), que identificaram uma predominância de independência sintática em suas análises, Rost (2002)

---

<sup>23</sup> Consideramos estrutura oracional, nos termos da gramática tradicional, a combinação de elementos sintático-semânticos, compreendendo uma curta unidade de sentido completo, que gira em torno de um verbo.

evidenciou um percentual bastante polarizado na relação sintática com a estrutura oracional dos MDs. Para a autora, o contexto condicionante de **olha** é o sintaticamente independente, e o favorecedor de **veja** é o sintaticamente dependente.

Vejam algumas ocorrências do item extraídas da amostra investigada,

a) Quanto à dependência na estrutura oracional:

(64) Entrevistador – E da tua infância o que que você lembra quando era mais novinha?

Informante- Eu me lembro que, sempre de noite, eu ficava com a minha irmã. Eu tinha uma vizinha e um vizinho. Daí nós se reunia lá, quando era meio de noitezinha que não tinha mais nenhum movimento, nós ia lá jogava vôlei, futebol, handebol. Daí na nossa ca..., na minha casa tinha um quintal na frente, daí nós jogava uma bola e se caísse no chão, *tipo* queimada. Se caísse no chão, você perdia um ponto, se batesse em você, você não perdia, você ganhava mais um ponto. (PVMPOSC CF1-04)

b) Quanto à independência na estrutura oracional:

(65) Informante : - O dia que eu mais fiquei feliz, foi quando meu pai me deu o meu..... meu videogame.

Entrevistador: - E como é que foi esse dia?

Informante: - Esse dia foi bem legal assim... que, não era *tipo* só eu que queria um. Ainda quando ainda meu irmão morava, ele também queria ter esse vídeo..... que ele também queria esse videogame. Que a gente podia tá mais próximo reunido, assim. (PVMPOSC CM2-05).

Na ocorrência (64) podemos perceber a dependência sintática que o item exerce para compreensão dos enunciados, sendo essencial para esta. Não é possível a retirada do item do contexto, pois o item conecta a palavra “queimada” ao tipo de jogo que a informante se referia, portanto, dependente da oração. Na ocorrência (65), o item *tipo* é independente, podendo ser excluído do contexto sem alterar o sentido nem comprometer a comunicação. O informante afirma que não era somente ele que queria o presente, mas também seu irmão.

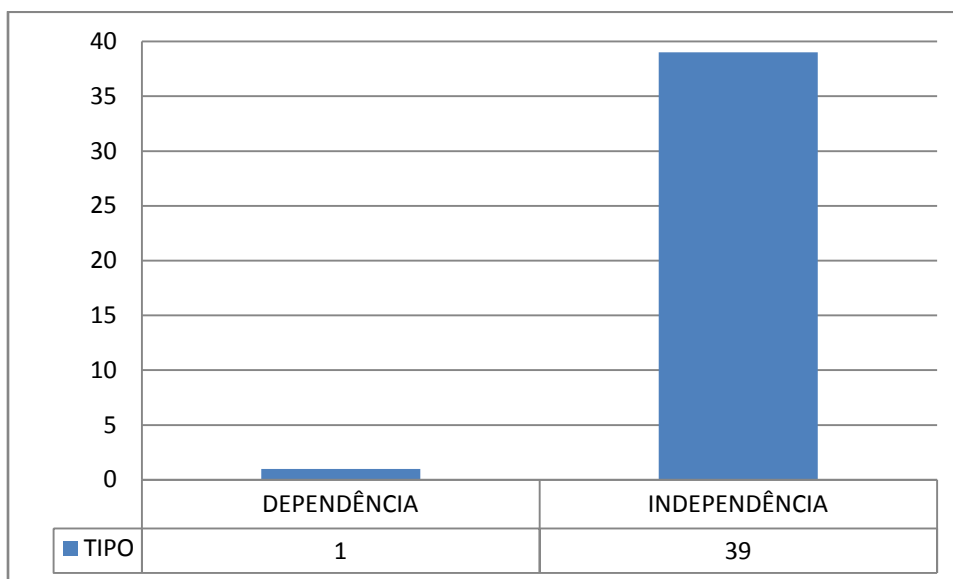
Postulamos de maneira geral, que em se tratando de usos MD o item *tipo* terá comportamento de independência com a estrutura oracional, e como vimos

a independência sintática é uma das características apontadas por Risso, Silva e Urbano (1996) para esse tipo de elemento discursivo.

### 5.1.3.1 Resultados e análises

Uma proporção muito maior de usos de *tipo* se dá em relação à independência sintática, que do total de 40 ocorrências, 39 são de independência e 1 de dependência. Podemos visualizar a frequência de uso de *tipo* quanto à relação sintática no Gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 - Frequência de uso de *tipo* quanto à relação sintática com estrutura oracional



Fonte: Elaborado pelo autor

O item *tipo* ocorre com maior frequência em relação sintática de independência num percentual elevado de 39 ocorrências (97,5%), para somente 1 ocorrência (2,5%) de dependência sintática na amostra do PVMPOSC.

Esse resultado confirma nossa hipótese geral de maior independência oracional dos itens, havendo baixa ocorrência deste item em contextos de

dependência sintática com a estrutura oracional, o que revela comportamento típico de MD, conforme caracterizam Risso, Silva e Urbano (1996).

#### 5.1.4 Sequências Discursivas: descritiva, narrativa e dissertativa

A amostra de dados é constituída por 12 entrevistas nos moldes da sociolinguística variacionista, o que aponta a presença de diferentes sequências discursivas.

As sequências, embora sejam de trechos de conversação desenvolvidas com base na troca de turno, se caracterizam em três tipos: narrativa, descritiva e dissertativa, segundo Rost Snichelotto (2014), assim descreve sobre a sequência narrativa:

A *sequência discursiva narrativa* se constitui por relatos (predominantemente) de fatos ou fenômenos organizados em episódios. Remetem a acontecimentos ocorridos no passado, que podem se prolongar por um determinado tempo em que aparecem ambientes e pessoas. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 5)

Segundo a autora, o entrevistador se põe como espectador e não participante, mas enfatiza “que a suposta passividade do ouvinte/entrevistador é apenas aparente”.

Apresentamos uma ocorrência do item *tipo* em sequência discursiva narrativa:

(66) Entrevistador – Os moradores daqui se reúnem para fazer alguma atividade?

Informante:- Ahm, perto ali da minha casa não.

Entrevistador – Mas tem um outro lugar que você sabe assim?

Informante:- Não. Só daí teve um dia que minha vizinha, né que, quando eu comecei a morar ali. Ela trancou *tipo*, a rua e botou cama elástica, essas coisas, pra nós brincar que era dia, perto do dia das crianças. Daí nos fomos lá e brincamos. Daí minha mãe fotografou...e essas coisas. (PVMPOSC CF1-04)

Na ocorrência acima o informante relata um fato ocorrido no bairro e narra a sequência dos eventos transcorridos.

Outra sequência discursiva é a descritiva que conforme Travaglia (2007) vemos assim discorrer:

“O tipo **descritivo** vai se caracterizar por trazer a localização do objeto de descrição (não obrigatoriamente), características (cores, formas, dimensões, texturas, modos de ser, etc.) e/ou componentes ou partes do “objeto” descrito. (TRAVAGLIA, 2007, p. 43)

Ainda, Rost Snichelotto (2014) atribui à sequência descritiva a seguinte caracterização:

[...]o informante, muitas vezes, pode valer-se de sequências descritivas para completar, para ensinar, para classificar, para explicar um fato/procedimento, ou ainda para caracterizar um objeto, uma pessoa ou um lugar. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 8)

A seguir, apresentamos ocorrência do item *tipo* em sequências discursivas descritivas:

(67) Entrevistador- E dentro da casa, como que são os móveis?

Informante: - Ahm, tem a estante aqui né? E o sofá. Daí aqui passa, *tipo* um corredorzinho. Tem um banheiro, o meu quarto e o da minha irmã, o quarto do meu irmão e o quarto da minha mãe com banheiro. Daí aqui perto da sala tem o escritório do meu pai, a mesa assim, entrando tem a cozinha e tu, mais pra cá né, tem a... aonde minha mãe lava a roupa. (PVMPOSC CF1-04)

Na ocorrência (67) vemos uma de descrição de ambiente ao apresentar como é o interior da casa onde a informante mora.

A sequência discursiva dissertativa denominada por Travaglia (2007, p.60) a como a que “busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações;”.

Complementando sobre a sequência dissertativa, Rost Snichelotto (2014) Constata que nesse tipo de sequência

[...] o falante/informante expõe determinado assunto político-social, religioso etc., explicita uma tese e apresenta argumentação favorável ou contrária, com a intenção de atuar sobre o outro (o ouvinte/entrevistador)e obter dele certa posição, aceitando ou rejeitando o que é transmitido etc. (ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 9)

Vejamos a seguir uma ocorrência do item *tipo* em sequência discursiva dissertativa:

(68) Entrevistador: Tu acha que é importante essa língua?

Informante: Acho. Eu acho que é.

Entrevistador: Por que que ela é importante?

Informante: Ah porque.... Como é que eu posso falar *tipo*, você nunca vai... Como é que você vai... Se você nunca aprende uma língua diferente, você nunca vai poder sair do Brasil tipo, você não vai saber conversar com outras pessoas de fora do Brasil, e geralmente quase todo mundo fala inglês. Os...Né. Que geralmente a maioria das pessoas vão para os outros países e a maioria fala inglês, então, eu acho que é importante. (PVMPOSC CF2- 08)

Na ocorrência (68) o informante argumenta sobre a importância do conhecimento de uma língua estrangeira, no caso, a inglesa.

Dal Mago (2001) ao controlar a relação do “*quer dizer*” com os gêneros discursivos, verificou a quase insignificância em ocorrências descritivas e factuais, predominando as narrativas, seguidas das argumentativas e das opinativas. Apresenta como justificativa o fato de os informantes serem instigados a contar algo de suas vidas, por exemplo, o que levaria a contar ou narrar um fato. Rost (2002) também controlou este condicionante e demonstra que a sequência dissertativa é mais recorrente nos dados de sua pesquisa, seguidas pela narrativa e a descritiva.

O estudo desenvolvido por Lima-Hernandes (2005) não tratou desse aspecto.

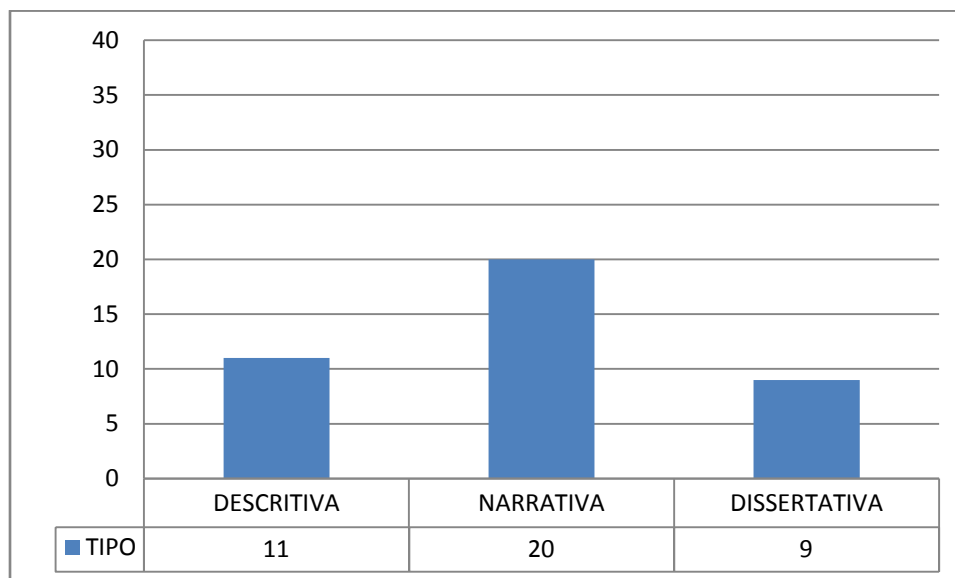
Como hipótese geral acreditamos que o item seja mais frequente em contextos narrativos, pelo fato de as entrevistas conterem situações em que o informante necessite narrar episódios e fatos marcantes, acontecimentos próximos de si e/ou de seu cotidiano e favorecer seu envolvimento com o conteúdo e monitorar menos sua fala.

#### 5.1.4.1 Resultados e análises

No total de 40 dados localizados na amostra do PVMPOSC, 11 dados (27,5%) ocorreram em sequências discursivas descritivas, 20 em sequências

narrativas (50%) e 9 (22,5%) em sequências dissertativas. Vejamos no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Frequência de uso de *tipo* quanto à *Sequência discursiva*



Fonte: Elaborado pelo autor

Nossa prospecção geral se confirma de modo que o item ocorre em frequência relativamente maior na sequência narrativa, seguida descritiva e, por último, pela dissertativa. Verificamos que o item transita nas três sequências investigadas na amostra do PVMPOSC.

Esse resultado se aproxima ao de Dal Mago (2001) que teve sua maior ocorrência para as sequências narrativas, mas difere de Rost (2002), que verificou a sequência dissertativa sendo a mais recorrente, seguido pela narrativa e, por último, pela sequência descritiva. Essa diferença de resultado se deve ao fato de os itens apresentarem características de natureza diferentes entre si, favorecendo diferentes contextos de uso sendo mais recorrentes em determinadas sequências discursivas.

### 5.1.5 Mantenedor de tópico ou inclusão de subtópico discursivo

Por tópico entendemos como o assunto, o tema, sobre o qual são feitas as intervenções, conforme afirma Castilho (2010, p.44). Para Pinheiro (2011), o tópico “se identifica com a questão de interesse imediato, serve para descrever o

conteúdo sobre o qual se fala/escreve e sinaliza a perspectiva focalizada”. Para o autor, o tópico é de categoria analítica textual-discursiva, pois se relaciona ao plano global de organização do texto e também uma categoria interacional, pois resulta da interação e da colaboração do discurso. Podemos compreender como sendo aquilo de que se está falando, e corroborando a esta ideia, encontramos em Rost Snichelotto (2009) assim descrito:

O tópico é, antes de tudo, questão de conteúdo, estando na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional. Deve ser desenvolvido por, pelo menos, duas pessoas, sendo sua condição inicial um ato de fala que deve ter alguma relação com o ato seguinte e, quando for o caso, com o anterior. Dessa forma, uma conversação fluente é aquela em que a passagem de um tópico a outro se dá com naturalidade. (ROST SNICHELOTTO, 2009, p.156)

Prosseguindo nossa tentativa de esclarecer sobre tópico discursivo, encontramos em Castilho (2010), exposto da seguinte maneira:

Entende-se por tópico discursivo “um conjunto de referentes concernentes ente si e em relevância num determinado ponto da mensagem”. A concernência é dada pela relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento verbal. A relevância diz respeito à proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida por seus elementos. A pontualização é a localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento do texto falado (Jubran, 2006 a:91-92; veja também Jubran *et al.*, 1992) (CASTILHO, 2010, p. 232)

Ampliando o conceito de tópico discursivo e aplicando tanto à modalidade falada, bem como à escrita, desprendendo-se da noção unicamente da interrelação entre turnos em textos conversacionais, vemos assim descrito por Jubran (2011):

Da aplicação de tais critérios à análise de um texto resulta o seu recorte sem segmentos tópicos, compreendidos como unidades textuais que materializam, na superfície lingüística do texto, o princípio da centração. Ficam assim particularizadas uma categoria analítica para a identificação e delimitação de unidades de natureza textual – o tópico discursivo, bem como uma unidade concreta de análise- segmento tópico. (JUBRAN, 2011, p. 36)

Por subtópicos discursivos Araújo, Freitag (2013) definem que podem “ser entendidos como uma parte do tópico central, ou seja, trata-se de ramificações



do tópico principal.” Ou seja, é quando o subtópico continua o tópico em discussão, mas introduz um novo aspecto (um subtópico).

Segundo Lima-Hernades (2005), os marcadores são utilizados para sinalizar a inclusão do subtópico na ocorrência (69) e como finalizador de subtópico em (70), respectivamente, conforme podemos observar a seguir:

- (69) Acho que [pra quem]... pra quem qué, pra quem realmente qué, pra quem realmente procura, pra quem tem um mínimo ... **tipo** eu, eu eh ... tenho nível superior, entendeu? não sô nenhuma expert em nada, mas eu tenho <ni...> eh ... isso conta a favor, entendeu? Então eu acho que tá ruim, tá difícil. (E63 – PEUL – Amostra00) (LIMA-HERNANDES, 2005, p.72)
- (70) [Não!] Olha só, não que eu queria tê ... no momento eu não penso em ter filhos. Eu to dizendo assim, não tiro a (est) [a possibilidade]... a possibilidade de. Nem de casá, nem de ter filho, nem de segui uma carreira, nem de ganhá na loteria (risos E) nem de viajá(est) Mas ... **tipo assim**, entendeu? (E63 – PEUL – Amostra 00) (LIMA-HERNANDES, 2005, p.72)

Podemos observar, portanto, que em (69) o item *tipo* sinaliza a inserção de um subtópico sobre o qual o falante irá falar e em (70) o item *tipo* é seguido pelo advérbio *assim*, e finaliza o subtópico, marcando para o interlocutor que a ideia foi concluída de modo aproximado ou impreciso.

Verificamos a seguir, a ocorrência e (71) em que o item *tipo* é usado em contextos como mantenedor do tópico frasal:

- (71) Entrevistador: E na tua casa? Quem que cozinha na tua casa?  
 Informante: É... quando... *tipo*... é o meu pai, mas quando ele vai trabalha é a minha mãe. (PVMPOSC CF2- 08)

Podemos observar em (71) o item *tipo* permite ao informante manter o foco e o tema do discurso, sem fugir do assunto, e segue respondendo quem é que cozinha em sua casa.

A seguir na ocorrência (72), o item *tipo* é usado para a inclusão de subtópico frasal:

- (72) Entrevistador: Hum..., ok ahm ...Você costuma acompanhar programas de notícias a sobre cidade?  
 Informante: Às vezes eu assisto o jornal... Fala *tipo*, Chapecó ultimamente tem bastante violência, roubos, mas teve a operação do UNIKEI que veio o BOPE, e várias coisas pra Chapecó dai deu

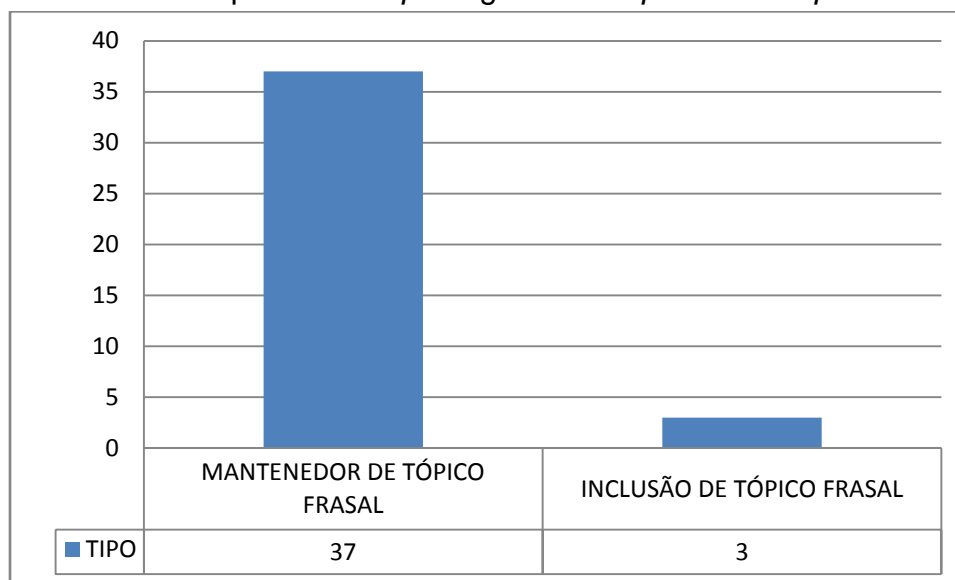
uma acalmada, mas roubos tinham até de dia, e ma, mas a infraestrutura da cidade ta boa, eles vão... Fizeram acesso e monte de coisa aqui..., o... questão do hospital é bom aqui a saúde aqui em Chapecó. (PVMPOSC CF2- 07)

Em (72) verificamos a inserção de nova informação dentro do assunto que a informante estava discorrendo, portanto inclui um subtópico em seu discurso.

Acreditamos como hipótese geral que em nosso corpus, o item *tipo* ocorra em contextos de manutenção do tópico discursivo sem apresentar inclusões de subtópico, ou seja, que o tópico discursivo seja mantido pelos informantes. O item *tipo* é descrito por Lima-Hernades (2005, p.63), “ora funcionando como marca introdutora de discurso direto, ora como sinal de prosseguimento ou ruptura tópica do discurso”. Assim sendo, nossa hipótese é de que o item apresente maior uso em contextos de manutenção de tópico por permitir o prosseguimento do discurso, mantendo o tópico.

#### **5.1.5.1** Resultados e análises

Na amostra investigada no PVMPOSC, foram localizados 37 dados como mantenedor de tópico frasal e 3 dados como inclusão de subtópico. Vejamos no Gráfico 5 que segue:

Gráfico 5 – Frequência de *tipo* segundo o *Tópico e subtópico* frasal

Fonte: Elaborado pelo autor

Verificamos um percentual relativamente elevado para contextos de manutenção de tópico frasal, sendo 37 dados (92,5%) e somente 3 dados (7,5%) para inclusão de tópico frasal. Confirmamos nossa hipótese geral e específica para a ocorrência do item *tipo*.

Vejamos a frequência de uso de *tipo* segundo os condicionadores linguísticos controlados nesta pesquisa conforme a tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Frequência de uso de *tipo* segundo os condicionadores linguísticos controlados

CONDICIONADORES LINGUÍSTICOS		Total	%
<b>Contextos de uso</b>	<b>Pragmático-Interativo</b>	22	55
	<b>Introdutor de descrição</b>	8	20
	<b>Delimitador aproximativo</b>	5	12,5
	<b>Solicitação de esclarecimento</b>	3	7,5
	<b>Introdutor de conclusão</b>	2	5
<b>Posição de contexto</b>	<b>Medial</b>	32	80
	<b>Inicial</b>	6	15
	<b>Final</b>	2	5
<b>Relação sintática com a estrutura oracional</b>	<b>Independência</b>	39	97,5
	<b>Dependência</b>	1	2,5
<b>Sequências discursivas</b>	<b>Narrativa</b>	20	50
	<b>Descritiva</b>	11	27,5
	<b>Dissertativa</b>	9	22,5
<b>Tópico e subtópico frasal</b>	<b>Mantenedor de Tópico frasal</b>	37	92,5
	<b>Inclusão subtópico frasal</b>	3	7,5

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com o exposto podemos traçar um perfil do uso do item *tipo*. Para o grupo de contextos, vemos a saliência do item como pragmático-interativo. Quanto à posição de contextos, vemos uma elevada frequência medial. No que diz respeito à relação sintática, constatamos uma acentuada frequência de independência sintática quanto à estrutura oracional. No referente à sequências discursivas, percebemos nas narrativas, uma frequência significativa no uso do item *tipo*. E por fim, quanto à manutenção ou inclusão de tópico, vemos na manutenção de tópico a maior ocorrência de uso do item *tipo*.

## 5.2 CONDICIONANTES EXTRALINGUÍSTICOS

Nesta subseção apresentaremos os resultados referentes aos condicionantes extralinguísticos. Segundo Macedo e Silva (1996), na maioria dos fenômenos discursivos, a atuação das variáveis sociais costuma ser pequena. No estudo desenvolvido por Lima-Hernandes (2005), os condicionantes sociais não foram controlados sistematicamente em sua pesquisa.

Apresentamos na sequência os quatro condicionadores extralinguísticos que são controlados: a idade, o sexo/gênero, a escolaridade e o estilo.

### 5.2.1 Idade

A idade tem sido aspecto de importância no resultado das pesquisas linguísticas, em especial as que se dedicam ao estudo da variação e mudança linguística. Segundo Cardoso (2010, p.50) a preocupação com a idade dos informantes aparece em 1891, em que Rousselot chama atenção para o fato de se considerar a divergência dos falantes jovens dos idosos, a fim de encontrar o ponto de origem da mudança.

Sobre a idade, Naro (2013) afirma que:

[...] os falantes adultos tendem a preferir as formas mais antigas, criando uma situação estranha, pelo menos à primeira vista: existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo pai/filho), costumam falar de maneira distinta. Entretanto, isso não chega a comprometer a comunicação, [...]. Com o correr do tempo, é provável que a forma nova seja adotada por todos. (NARO, 2013, p.44).

Com respeito à idade, Rost (2002) explicita:

Segundo Naro (1992, p. 82), não sabemos até que ponto a língua falada pelo indivíduo pode realmente mudar ao decorrer dos anos. O autor apresenta duas posições teóricas subjacentes à mudança linguística, ambas sem evidência empírica convincente. A primeira postula que o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir desse momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável. E a segunda frontalmente contradiz a primeira, pois comprova que o falante muda sua língua no decorrer dos anos devido a pressões sociais. Conclui-se, portanto, segundo Naro, que o falante muda sua língua no decorrer dos anos

enquanto que a hipótese clássica pretende a estabilidade da língua depois da puberdade. (ROST, 2002 , p. 122)

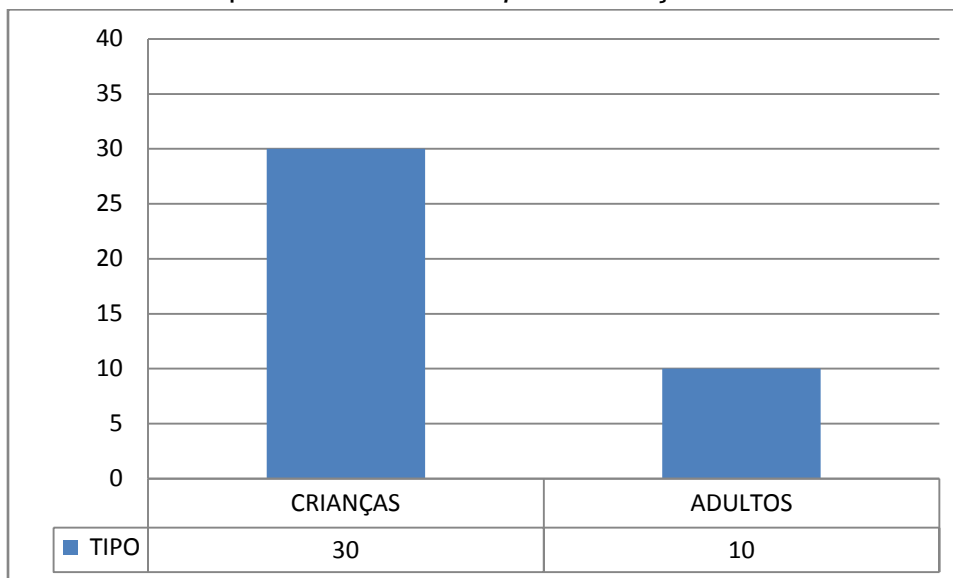
Neste estudo verificaremos se há a influência da faixa etária e quais estão mais suscetíveis ao uso de *tipo*. Segundo Dal Mago (2001), não há diferenças entre falantes nas diferentes faixas etárias controladas, embora não há controle de jovens e crianças, como é o nosso caso. Portanto para Dal Mago (2001), a idade não se mostrou significativa. Rost (2002) constata que, “Em termos gerais, os informantes de menos idade fazem mais uso de marcadores”.

Os resultados revelam a primeira posição apresentada por Naro (1992) em que a linguagem se estabiliza logo no início da puberdade, não sendo nosso objetivo afirmar que uma ou outra seja definida, mas que conforme Naro(1992) e Rost (2002), o falante muda sua língua no decorrer dos anos.

Em nossa pesquisa as idades controladas de acordo com as células do PVMPOSC são de crianças de 07 a 14 anos de idade e de adultos de 25 a 49 anos, e acreditamos que a idade seja um elemento que interfira no uso do item *tipo*. De modo geral, quanto maior a idade, menos será o uso de *tipo*, o que promove o uso mais acentuado por indivíduos mais jovens.

#### 5.2.1.1 Resultados e análises

Foram localizadas do total de 40 dados, 30 ocorrências de *tipo* por crianças e 10 usos por adultos conforme o Gráfico 6 a seguir:

Gráfico 6 – Frequência de uso de *tipo* em relação à *IDADE*.

Fonte: Elaborado pelo autor

Podemos verificar que 75% das ocorrências de *tipo* foi empregado por informantes crianças e 25% por informantes adultos.

Em termos gerais, a idade interfere significativamente no uso do item aqui estudado. Nossa hipótese geral se confirma posto que, o item ocorre mais representativamente entre crianças da amostra do PVMPOSC.

### 5.2.2 Sexo/Gênero

Apesar de os papéis sociais de homens e mulheres estarem bastante comuns entre si, o que numa sociedade do século passado não ocorria, ainda assim, acredita-se que este aspecto interfira significativamente nas escolhas linguísticas inovadoras ou conservadoras e de maior ou menor prestígio social. Sobre sexo/gênero, afirma Paiva (2013): “As diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher.”(PAIVA, 2013, p. 33)

Prosseguindo em seu tratado discorrendo sobre gênero/sexo, Paiva (2013) assim apresenta:

Diversos outros estudos de orientação sociovariacionista puderam corroborar a constatação de Fischer: gênero/ sexo pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresenta um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente. (PAIVA, 2013, p. 34).

Labov (2008 [1972]) também discorre a respeito do gênero homem-mulher, ou, conforme aqui, tratamos sexo/gênero:

Aqui, como em toda parte, fica claro que as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual (cap.6), as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais. (LABOV, 2008 [1972], p. 282)

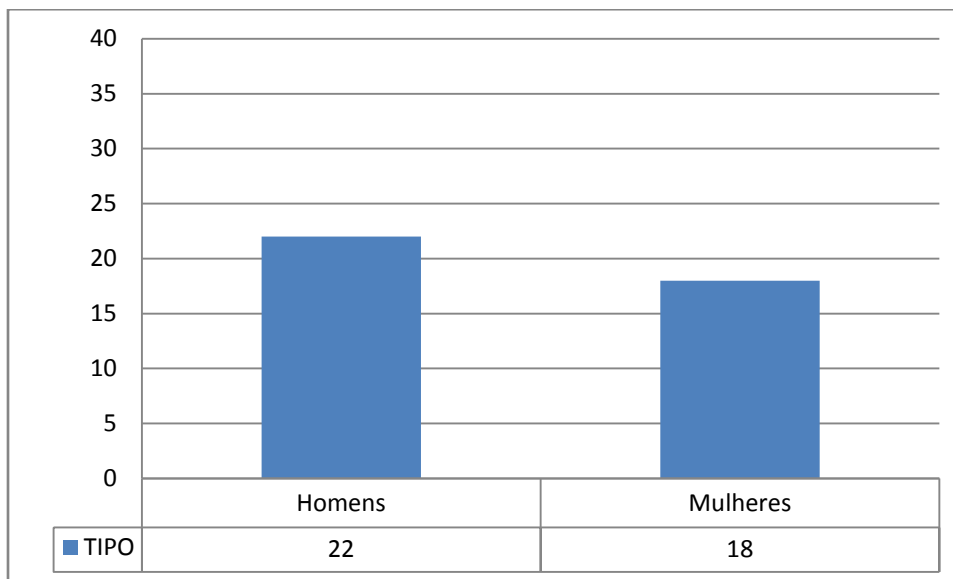
O fator sexo/gênero foi controlado por Dal Mago (2001) e segundo a pesquisadora, não há grande relevância desse condicionante, apresentando comportamento entre homens e mulheres praticamente iguais. Rost (2002) constatou que são as mulheres que fazem um maior uso de MDs.

Corroborando com os dados apresentados por Dal Mago (2001), acreditamos que os itens não configurem como estigmas sociais e, portanto, nossa hipótese geral é de que haja pouca diferença entre mulheres e homens, no uso das variantes.

#### 5.2.2.1 Resultados e análises

Os resultados quanto ao sexo/gênero se mostraram proporcionalmente iguais nesta amostra, com leve aumento nas ocorrências produzidas por homens, conforme podemos visualizar no Gráfico 7 a seguir. As ocorrências totais correspondem a 22 dados de *tipo* para homens e 18 para mulheres, confirmando nossa hipótese.



Gráfico 7– Frequência de usos de *tipo* segundo o *SEXO/GÊNERO*

Fonte: Elaborado pelo autor

No gráfico 7 podemos perceber um percentual de 55% de ocorrências para homens e de 45% para mulheres.

### 5.2.3 Escolaridade

A escolaridade tende a influenciar os resultados de fenômenos discursivos, visto que, quanto maior o grau de escolarização dos indivíduos, maior é a exposição à forma de prestígio que teve contato, pois a escola privilegia a modalidade formal da língua escrita, e acaba por influenciar na língua falada, favorecendo maior monitoramento da fala, configurando fator de estigma ou prestígio social. Assim afirma Votre (2013):

As formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico; [...]. As formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão. Estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através de longo processo escolar. (VOTRE, 2013, p.51-52).

A escolaridade está intimamente ligada ao uso da língua em seu caráter mais formal ou menos formal, no entanto, isso não significa ser a regra, pois cada indivíduo adapta sua fala ao estilo que lhe convém. Cabe aqui referenciar o caso de Steve K. mencionado por Labov (2008 [1972]):

Steve K. pode ser considerado um caso desviante sob diversos aspectos.[...] Sua atitude para com a língua era muito mais explícita do que a da maioria das pessoas. Foi o único dos informantes a ter plena consciência de todas as cinco variáveis principais, e acreditava que era capaz de controlar ou ao menos influenciar seu próprio uso. Tinha tentado se desvincular conscientemente de sua tendência à fala formal, adquirida na faculdade, e recuperar o padrão de fala natural da infância. Em outras palavras, rejeitava deliberadamente o padrão de valores refletido no espectro de números exibido nos exemplos anteriores; em seus próprios termos, queria “voltar para o Brooklyn” (LABOV, 2008 [1972], p. 131-132)

Quanto à escolaridade, Dal Mago (2001) constatou que, os mais escolarizados são os que fazem menos uso de “quer dizer” e os que mais corrigem o conteúdo e a forma são os informantes de menor escolaridade, contrariando a hipótese levantada por ela. Rost (2002) afirma que esta variável extralinguística não foi considerada relevante e de modo geral tem a sua hipótese contemplada de que quanto menos escolarizado o indivíduo mais uso de MDs, e em relação aos itens não foi confirmada diferenças entre os mais escolarizados e os menos.

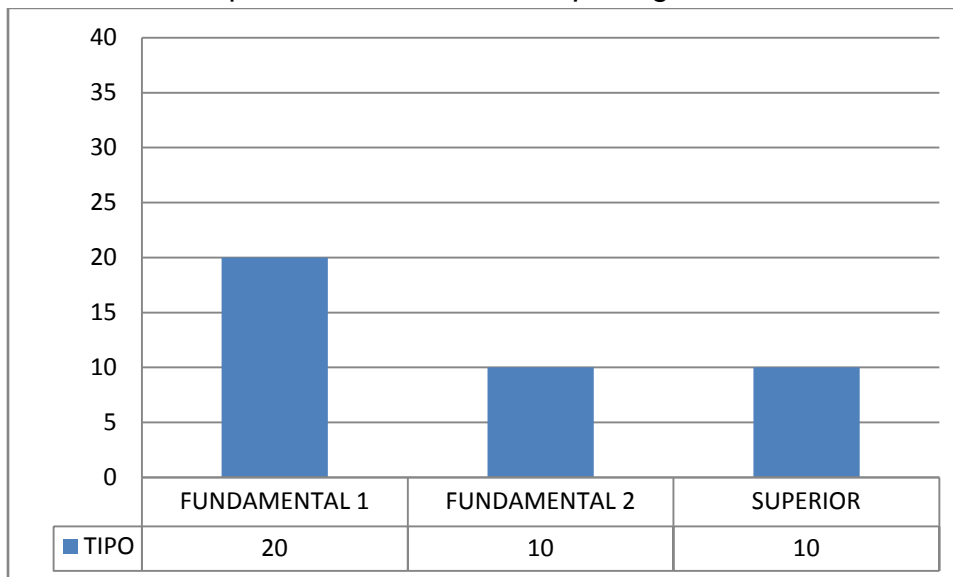
De maneira geral postulamos que, quanto menor o grau de escolaridade mais favorece o uso do item *tipo* por ser forma inovadora na função de MD e que por necessitar menos complexidade cognitiva no que se refere à argumentação ou não carecer de fala mais elaborada, ou monitorada, os indivíduos de menor escolaridade produzam mais.

### 5.2.3.1 Resultados e análise

O Gráfico 8 a seguir representa a frequência de uso do item para cada um dos níveis de escolaridade. Do total de 40 dados foram identificados 20 ocorrências de *tipo* entre informantes com escolaridade ciclo Fundamental 1.

Verificamos ainda, 10 ocorrências para Fundamental 2 e 10 ocorrências para nível superior.

Gráfico 8 – Frequência de uso do item *tipo* segundo a *ESCOLARIDADE*.



Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados apontam 50% de uso para informantes de menos escolaridade (Fundamental 1) e 25% tanto para fundamental 2 quanto para o nível superior.

#### 5.2.4 Estilo (entrevistador/informante)

Um dos aspectos que podem influenciar significativamente o uso de determinadas formas é o estilo. De acordo com Labov (2008[1972]), o estilo tem a ver com formalidade ou informalidade da língua. O falante aplica mais ou menos atenção a sua fala, ou seja, há mais ou menos monitoramento segundo suas relações e as interações de fala que se apresentam. Labov (2008[1972], p.313) assim define: “as *alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala*”. Quanto mais formal for o estilo empregado mais uso fará de formas de maior prestígio e diminuirá as

desprestigiadas. Alguns condicionantes podem interferir no uso de determinado estilo, como familiaridade dos falantes, características socioculturais, assunto, papéis socioculturais desempenhados e o maior ou menor envolvimento emocional do falante.

Como método de coleta dos dados, a Sociolinguística utiliza entrevistas direcionadas. Isso pode ser um fator negativo, posto que não é comum esse evento na fala cotidiana dos entrevistados, conforme Bortoni-Ricardo (2011) assim descreve:

Que a entrevista é um evento de fala com características muito singulares é fato conhecido e muito discutido na sociolinguística.[...] Outros pesquisadores reconhecem sua utilidade, mas se preocupam com as estratégias que possam ser usadas para que a interação com informantes se processe, tanto quanto possível, em estilo coloquial[...] a situação de entrevista é bastante artificial e rara no cotidiano das pessoas.(BORTONI-RICARDO, 201, p. 243)

Embora mais adiante a autora discorde do dito anterior e afirme que entrevistas ocorram com certa frequência, por exemplo, em situação de consulta médico-paciente, visita de assistente social, encontro com professores, entre outras situações que expõem os indivíduos em situações de interação pergunta-resposta.

A respeito do que rege uma entrevista, Bortoni-Ricardo (2011) apresenta:

Uma entrevista difere da conversa trivial porque se pauta por regras mais estritas de padrão sequencial. Há um sistema pré-alocado de trocas de turnos (Sacks *et alii*, 1974) e o formato elicitación-resposta raramente é desrespeitado, resultando em uma sequência regular de pares adjacentes (Coulthard, 1977)(BORTONI-RICARDO, 2011, p. 244)

Neste estudo, será considerada a influência do estilo no uso de *tipo*, no que diz respeito aos papéis socioculturais (entrevistador-informante) e quanto ao tópico discursivo, bem como seu envolvimento emocional, com as situações de fala. Vejamos conforme afirma Bortoni-Ricardo (2011), sobre as influências do entrevistador nas entrevistas:

Os esforços efetivos e a preocupação dos pesquisadores para estabelecer um clima de cordialidade com os colaboradores informantes podem minimizar a assimetria, mas não a suprimem.

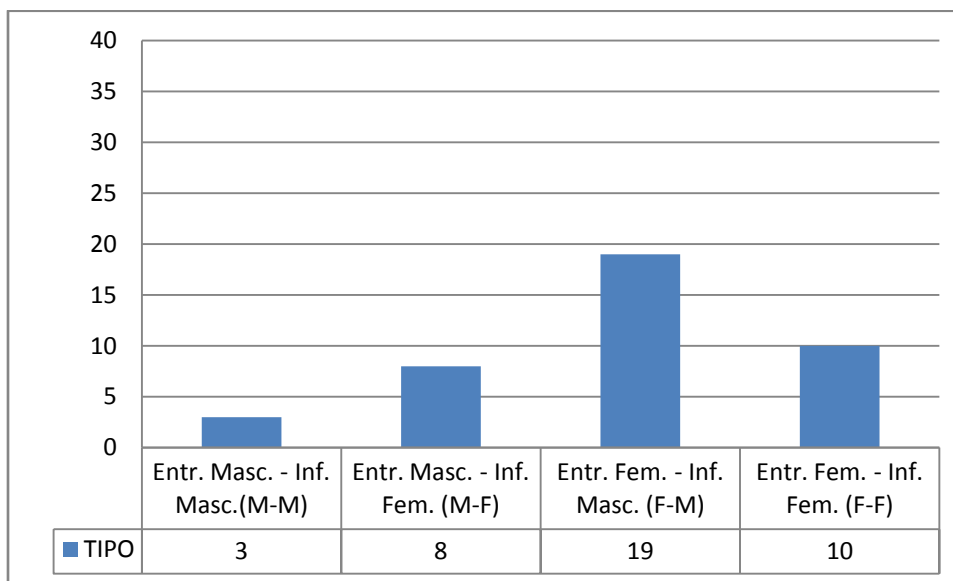
[...], de acordo com as regras do evento, o entrevistador é o interagente dominante que detém mais controle sobre o discurso. (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 245)

Em estudos investigados, este condicionante extralinguístico não foi controlado, sendo assim, postulamos de maneira geral que os informantes homens produzam mais *tipo*, independente do sexo entrevistador. Acreditamos que ocorra menos uso do item *tipo* em entrevistas feitas por entrevistador e informante de sexo masculino por haver menor grau de monitoramento na fala, por serem indivíduos de mesmo gênero, supõe-se maior nível de confiança.

#### 5.2.4.1 Resultados e análise

Do total de 40 dados foram localizados 3 ocorrências para o estilo M-M, 8 para M-F, 19 ocorrências para estilo F-M e ainda, 10 ocorrências para estilo entre F-F.

Gráfico 9 – Frequência de uso segundo o *ESTILO*



Fonte: Elaborado pelo autor

Como vemos temos um percentual de 47,5% de ocorrências para entrevistador feminino e informante masculino (F-M), 25 % para entrevistador feminino e informante feminino (F-F), 20% para entrevistador masculino e informante feminino (M-F) e por último, 7,5% para entrevistador masculino e informante masculino (M-M).

Nossa hipótese geral se confirma já que o item *tipo* é sempre mais frequente e aparece como item mais produzido por informantes homens. Nossa hipótese específica não se confirma, pois podemos inferir que a maior frequência se dá entre entrevistador feminino e informante masculino, seguido por entrevistador e informante feminino, na sequência por entrevistador masculino e informante feminino. Não nos parece ter interferência a alternância de estilo quanto à diferença de gênero /sexo do entrevistador, pois verificamos ocorrência para cada um dos pares (H-M e M-M).

A seguir, na tabela 3, podemos perceber a frequência de uso de *tipo* segundo os condicionadores extralinguísticos controlados nesta pesquisa:

Tabela 3 Frequência de uso de *tipo* segundo os condicionadores extralinguísticos controlados

CONDICIONADORES EXTRALINGUÍSTICOS		TIPO	%
Idade	<b>Criança (C)</b>	30	75
	<b>Jovem (B)</b>	10	25
Sexo/gênero	<b>Homem (M)</b>	22	55
	<b>Mulher (F)</b>	18	45
Escolaridade	<b>Fundamental 1(F1)</b>	20	50
	<b>Fundamental 2 (F2)</b>	10	25
	<b>Superior(S)</b>	10	25
Estilo	<b>Entrevistador feminino Informante masculino(F-M)</b>	19	47,5
	<b>Entrevistador feminino Informante feminino(F-F)</b>	10	25
	<b>Entrevistador masculino Informante feminino (M-F)</b>	8	20
	<b>Entrevistador masculino Informante masculino(M-M)</b>	3	7,5

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme podemos observar quanto à frequência do item *tipo*, traçamos um perfil de usos assim delineado: A idade é favorecida pela maior frequência de uso entre os informantes com menos idade (crianças). No referente a sexo/gênero, a frequência é quase equiparada, com pequena tendência de uso por homens. Os informantes com menos anos de escolaridade são os indivíduos que mais favorecem o uso do item *tipo*. Quanto ao estilo, percebemos que a relação entre Entrevistador feminino e Informante masculino (F-M) foi o que mais se destacou nesta testagem de uso na amostra do PVMPOSC.

## 6. TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DE TIPO

Trazemos aqui uma trajetória de mudança do item *tipo* traçada de forma hipotética, visto que, não foram analisados dados diacrônicos nesta pesquisa. A trajetória de mudança semântica e categorial percorrida por *tipo* não ocorre de modo abrupto, mas gradualmente e o caso de *tipo* é um processo em curso. O deslocamento da categoria original de substantivo para a de MD em alguns contextos de uso confirma esse posicionamento.

Segundo Bittencourt (2000, apud LIMA-HERNANDES, 2005) descreve da seguinte forma a respeito nos níveis linguísticos em que a palavra *tipo* atua:

[...] Bittencourt (2000) observa que a palavra *tipo* passa a atuar nos níveis linguísticos intra-oracional e inter-sentencial, quase sempre em parceria com o advérbio *assim*. No nível intra-oracional, a autora apresenta evidências de que *tipo* funciona como delimitador de tempo, espaço, qualidade, seqüência, faixa etária, dentre outros, manifestando-se sintaticamente como constituinte periférico do SN. No nível intersentencial, por sua vez, são apresentadas evidências de que *tipo* – e muitas vezes *tipo assim* – estabelece conexão entre orações, combinado ou não a outros elementos conectivos. A autora identifica as seguintes noções como vinculadas a essa função conectora: fim, oposição e explicação.

Ainda Bittencourt apresenta exemplos de *tipo* no nível da organização discursiva, ora funcionando como marca introdutora de discurso direto, ora como sinal de prosseguimento ou ruptura tópica do discurso. A autora explica as alterações funcionais recorrendo aos processos de gramaticalização e de discursivização. (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 62-63)

O item parece ter percorrido uma trajetória unidirecional, segundo a qual “os significados lexicais sujeitos à gramaticalização são costumeiramente gerais [...]; os itens lexicais que se gramaticalizam são tipicamente o que se conhece como ‘palavras básicas’” (Hopper e Traugott, 1993, 97, apud Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão, 2007, p. 108).

Ainda Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão (2007), afirmam que existe falta de consenso sobre o princípio da unidirecionalidade. Sobre a falta de consenso Martelotta (2011) também apresenta o seguinte:

O processo de gramaticalização é normalmente caracterizado como unidirecional, no sentido de que elementos representacionais se tornam gramaticais e não o contrário. Esse é um dos pontos mais debatidos da teoria da gramaticalização, tendo alguns autores apresentando argumentos contrários a essa proposta{...} Embora admitam a existência de processos inversos, os estudiosos da



gramaticalização frisam o caráter idiossincrático desses contraexemplos e sua insignificância estatística diante da abundância de casos de gramaticalização. (MARTELOTTA, 2011, p. 106)

Conforme propõe o princípio da unidirecionalidade, adotamos uma concepção de *continuum*<sup>24</sup> que de acordo com o apresentado por Lima-Hernandes (2005), o item *tipo* é caracterizado com traços mais concretos de nome (+ humano, + animado, + concreto), para traços mais abstratos, com função mais conversacional (- humano, -animado, - concreto)

Segundo Lima-Hernandes (2005), a palavra *tipo* apresenta seu registro mais antigo no dicionário de língua portuguesa de Bluteau (1721), e conforme vimos pela definição dicionarizada este vocábulo etimologicamente originou-se no grego e entrou para o idioma português no século XVII. A definição de *tipo* de acordo com os dicionários visto na seção 2 nos mostra uma amplitude de definições do vocábulo, mas todas com características morfológicas marcadas, ou seja, com referências a substantivo. Os contextos inovadores de *tipo*, ainda não são contemplados nos dicionários e nas gramáticas. Esse discreto e gradual deslizamento funcional de *tipo* nos leva a apresentarmos os estágios da gramaticalização, segundo verificamos na amostra pesquisada:

SUBSTANTIVO > ARTICULADOR TEXTUAL > MD		
1º ESTAGIO	>	2º ESTÁGIO
	>	3º ESTÁGIO

1º estágio: o item *tipo* apresenta função morfológica de substantivo. Conferimos isso na ocorrência (73):

<sup>24</sup> Segundo Hopper & Traugott (1993), (apud Gonçalves et al (2007, p. 38), continuum ou cline deve ser compreendidos como metáforas pelas quais os dados se organizam numa linha imaginária. Conforme Gonçalves et al (2007, p. 39), representa o deslizamento de categorias semânticas, passando de um valor temporal para causal (Traugott & König, 1991) ou de valor volitivo para um de futuridade (Hopper & Traugott, 1993), ou de um valor modal para um comparativo (Bisang, 1998)

(73) Entrevistador É mais reuniões de família, encontro com parentes?

Informante: - É, daí a gente faz o que quer né? Quer ir pra um ambiente mais de... ãhm, assim mais... *tipo* de vegetação, mais natural, tu pega, né, se reúne ali numas dez pessoas, ou quatro ou cinco pessoas e vai. Tu quer curtir as vezes uma questão cultural, diferente [...] (PVMPOSC BM4-09)

Na ocorrência anterior podemos perceber o item marcando uma característica de substantivo que reúne as características da vegetação típica que o informante se refere.

2º estágio: o item apresenta uso funcional como articulador textual em contextos conforme vemos em (74) a seguir:

-conjunção comparativa:

(74) Entrevistador: - E como que é a festa de ano novo?

Informante: - É lá em casa. É legal, porque dai também é *tipo* mesma coisa que o churrasco. (PVMPOSC CM1-01)

Nesta ocorrência (74) verificamos a comparação que o informante faz entre as festas de ano novo com a reunião na sua casa em dias de churrasco.

-conjunção causal:

(75)

Informante: [...] Uma vez eu até cobrava mais, né? Via assim, o cara, tipo passando meio-fio com carro, gritava pra ele e buzinava né, e *tipo*, até andei me incomodando assim, de quererem vim brigar comigo e coisa... [...] (PVMPOSC BM4-09)

Em (75) vemos o informante indicando a causa de ter se incomodado com o fato de exigir das pessoas, quanto ao comportamento no trânsito.

-conjunção exemplificativa:

(76)

Entrevistador – Quais as festas que vocês costumam fazer, quanto família?[...] Que tipo de festas vocês se reúnem e o que acontece nessas festas? Poderia falar sobre isso?

Informante: - Como a família do meu pai é muito grande, e eles eram em quatorze irmãos, é difícil reunir toda a família, mas quando reúne o... grupos assim, especialmente pra comemorar um aniversário marcante, *tipo*... Setenta anos, sessenta anos, oitenta anos, eh... Bodas de casamento dos tios também, no ano passado, eu fui numa de cinquenta anos dos meus tios, então são esses tipos de comemorações. [...] (PVMPOSC BF4-11)

A ocorrência (76) apresenta o uso do item *tipo* exemplificando os eventos festivos em que a família se reúne, e introduz a exemplificação com o item *tipo* e define quais são as festas.

3º estágio: apresenta função de MD em contextos de uso como:

-delimitador aproximativo:

(77)

Entrevistador – Qual que é o lugar mais bonito daqui?

Informante: - Que eu acho daqui....ahm... é o parque. Sabe ali o centro? Tem *tipo*, um parquinho e daí, do lado tem uma.... ai.... como que eu posso dizer?...

Entrevistador – É lá no centro, lá perto da catedral que você diz ou não?

Informante: - Catedral?... Éh. (PVMPOSC CF1-04)

Na ocorrência (77) vemos o informante na busca de explicar o lugar que se refere, compara de forma aproximada a um parquinho, denotando um certo grau de imprecisão, ou seja, não é um parquinho mas é quase isso.

- pragmático-interativo:

(78) Entrevistador: - Como que são teus vizinho? Se reúnem, ou não tem mais esse hábito, né?

Informante: - Não. A gente nunca teve o hábito, muito assim de se reunir com os vizinhos. A gente sempre se deu bem com todos, né?

Entrevistador: Mas sem muita intimidade...

Informante: - É. Nunca assim, *tipo*, eu sei que tem ruas em Chapecó que os vizinhos se reúnem e coisa. Mas não vejo isso

como uma tradição da cidade, assim, dos moradores mais antigos [...] (PVMPOSC BM4-09)

Em (78) o item é usado para organizar o que era dito numa tentativa de organizar e explicar o que disse anteriormente, mantendo o turno de fala e a interação com o entrevistador.

-introdutor de conclusão:

(79)

Informante: [...] E daí eu ia até sair da escola. Bem no fim depois, me acalmei um pouco assim, e vi que... *Tipo...* Eu não tava fazendo nada de errado. Por que que eu ia pedir as conta, né? Daí bem no fim eu acabei o ano na escola o diretor teve que me atirar porque por mais que a vaga seja temporária, ninguém pode me demitir. Eu tenho quase que a mesma garantia de serviço, [...] (PVMPOSC BM4-09)

Nesta ocorrência vemos o informante discorrendo sobre uma situação ocorrida em que ele afirma que ia demitir-se e na sequência faz uso do item *tipo* para iniciar, introduzir a conclusão do que está dizendo.

-introdutor de descrição:

(80) Entrevistador- Pé de bocha?

Informante: - É. Não, mas é que assim... A história, eu acho que, é mais antiga do que ele, entendeu? E ele assim, ele tem os pés, que ele não tinha, *tipo*, os dedos dos pés daí ele o pé dele se assemelhava assim, mais redondo, assim. E daí quando eu conheci a história, eles falavam que era dele. Mas hoje, já por pesquisas e por essa publicação de livro, eu já sei que essa história já vinha de antes, né.

Entrevistador – foi só uma associação à figura?

Informante: - É, e talvez, essa história pegou na cidade, por causa da... dessa figura, que ele era um morador de rua e daí todo mundo conhecia...

Entrevistador – Associou então?

Informante: - Isso. Ahã, talvez a história já é mais antiga do que ele e com a figura dele na cidade, né? Ehh, isso...que nem tu fala, associou. (PVMPOSC BM4-09)

Em (80) o item *tipo* é empregado para introduzir a descrição de como era o pé do indivíduo descrito pelo informante, dando características e até justificando o porquê do nome que ele recebia.

- solicitação de esclarecimento:

(81) Informante: - Não.

Entrevistador: - E quanto tu era mais novinha assim, teus pais te contavam histórias?

Informante: - Hum... Não... História *tipo*...?

Entrevistador: - Para dormir.

Informante: - Não. (PVMPOSC CF2- 08)

Na ocorrência anterior o informante não compreende exatamente que histórias o entrevistador está se referindo e retribui a pergunta solicitando mais esclarecimento.

Em nossa amostra verificamos o item *tipo* apresenta maior ocorrência com função de articulador textual, seguido da função de MD. Esses usos inovadores conferem a este item um caráter multifuncional. Neste trabalho não consideramos a associação do item *tipo* com *assim* (advérbio de modo) que em muitos contextos de uso pode ocorrer antecedendo ou precedendo *tipo*, formando uma construção cada vez mais frequente no discurso oral, o que amplia ainda mais o funcionamento do item pesquisado. Portanto, como já dissemos o provável percurso do item *tipo* tenha sido: substantivo > elemento comparativo – exemplificativo - causal > marcador discursivo. Não podemos afirmar categoricamente, para tanto carecemos de um estudo diacrônico para uma testagem real deste percurso.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descritos e classificados os itens segundo as ocorrências encontradas em nosso corpus em situações reais de fala é chegado o momento de tecermos as considerações finais deste trabalho, apresentando os resultados, bem como algumas possibilidades de desdobramentos em trabalhos futuros a respeito dos itens aqui estudados.

Efetuamos um mapeamento dos contextos de uso de *como*, *que nem* e *tipo* na fala de 12 informantes de Chapecó e verificamos os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que atuam na amostra de fala do PVMPOSC. Traçamos uma possível trajetória de mudança semântica e categorial do item *tipo* com base numa perspectiva funcionalista de gramaticalização.

Podemos perceber na amostra investigada, que os itens *como*, *que nem* e *tipo* apresentaram diferenças de uso em determinados contextos. Somente o item *tipo* configurou em nossa análise como um elemento com um novo valor semântico e categorial, a depender do contexto de uso, revelando um possível processo de mudança via gramaticalização.

Nessa perspectiva de estudo de novos contextos, podemos retificar nossa hipótese de que, a exceção dos itens *como* e *que nem*, o item *tipo* atua como MD.

Considerando as ocorrências de uso dos itens podemos conferir que é possível haver formas e funções ocorrendo simultaneamente, isto é, no processo de mudança, as funções podem se sobrepor umas às outras configurando muitas vezes, fato difícil de definir, qual função exatamente está sendo desempenhada e em quais contextos de uso ocorrem. A essa característica de coocorrência de funções, a gramaticalização também contribui com seu aporte, no que diz respeito ao princípio da **estratificação** e da **especialização** dos itens. Segundo Hopper (1991), a **estratificação** é a ocorrência de novas formas funcionais emergirem e coexistirem com as funções antigas. O item *tipo* apresenta função de *substantivo*, *conjunção comparativa*, *causal*, *exemplificativa*, *delimitados aproximativo*, *pragmático-interativo*,

*introdutor de conclusão* *introdutor de descrição* e *solicitação de esclarecimento*. Todas essas funções coexistindo, comprovando nossa análise. Ainda Hopper (1991) define o princípio da **especialização**, quando uma forma passa a ser mais usada que outra, conseqüentemente, quanto mais uso mais gramaticalizada está. Podemos verificar esse princípio também no item *tipo*. Sua ocorrência em todas as funções pressupõe-se que esteja mais adiantado no processo de gramaticalização.

Nossa análise também levou em consideração para aferir o condicionamento de usos dos itens *como*, *que nem* e *tipo* os contextos linguísticos e extralinguísticos. Em relação ao grupo de condicionadores linguísticos, podemos sintetizar da seguinte maneira: o item *tipo* difere pela frequência de uso em todos os condicionadores, sendo, que nos condicionadores de posição de contexto, relação sintática com a estrutura oracional e sequência discursiva incidem em 95% das ocorrências. No condicionador tópico e subtópico frasal temos a ocorrência de 97,6% dos usos para *tipo*. Destes, o item apresenta um percentual de 76% para a posição medial de contexto, 92,8% em relação de independência com a estrutura oracional, 47,6% em sequência discursiva narrativa e 90,4% como mantenedor de tópico frasal.

Quanto aos condicionadores extralinguísticos, também verificamos o uso do item *tipo* com alta frequência de uso em todas as ocorrências, sendo no condicionador idade a ocorrência de 73,6% para crianças, no sexo/gênero, houve 50% do uso por homens, na escolaridade, verificamos 47,3% para o 1º ciclo do Ensino Fundamental e para o estilo/informante é de 42,1% para relação de estilo entre entrevistador feminino e informante masculino (MxH).

Apresentamos alguns pontos que podem ser mais bem analisados em futuros trabalhos:

- ampliar o *corpus* de análise a partir das entrevistas dos demais informantes do Projeto VMPOSC analisando outros caminhos, além dos balizados aqui;

- verificar, em uma análise mais detalhada, outras formas que podem estar concorrendo com o *como*, *que nem* e *tipo*, a fim de descrever com mais exatidão o processo de *gramaticalização*;
- utilizar outros *corpora*, com dados de fala, como o do VARSUL, com o intuito de verificar a ocorrência de outros usos dos itens, bem como de formas concorrentes;
- *examinar* como estão se comportando os itens na escrita, comparando-os com dados de fala.



## REFERÊNCIAS

ALI, Manoel Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

ARAÚJO, A. S.; FREITAG, R. M. K. **Estratégias de interação na fala: funções das perguntas na fala de Itabaiana/SE**. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura, Ano 5. Vol.10, p. 107-120, (2010) 2013.

ÁVILA, A. V. **MARCADORES DEL DISCURSO DE LA CIUDAD DE MÉXICO**. CUADERNOS DE LA ALFAL Nº 5, marzo: p.191-245, 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BECHARA, Evanildo (organizador). **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011b.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAGA, Maria Luiza. Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 4ª. Edição, p. 101-116, 2013.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística Social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Português culto falado no Brasil**. Ed. da Universidade estadual de Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

\_\_\_\_\_. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010

CEZARIO, Maria Moura. **Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática**. In: SOUZA, Edson Rosa de.(org.) **Funcionalismo Linguístico Análise e descrição**, São Paulo: Contexto, p.19-32, 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3ª. edição, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

DA CUNHA, Maria Angélica Furtado; DE OLIVEIRA, Mariangela Rios & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

DAL MAGO, Diane. **QUER DIZER: PERCURSO DE MUDANÇA VIA GRAMATICALIZAÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO**. Dissertação apresentada ao Curso de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC para obtenção do título de mestre em linguística. Florianópolis, 2001.

DIAS, Juliana Regina. **QUE NEM: UM ESTUDO DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO**. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística. Araraquara SP, 2011

ECKERT, P. **Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation**. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 5ª. edição rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRASER, Bruce. An approach to discourse markers. **Journal of pragmatics**, v. 14, n. 3, p. 383-398, 1990.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações**. São Paulo:ALFA: Revista de Linguística, v. 56, n. 3: p 917-944; 2012 .

\_\_\_\_\_ et al. **Gramática, interação e ensino de língua materna: procedimentos discursivos na fala e na escrita de Itabaiana/SE**. Interfaces Científicas-Educação, v. 1, n. 3, p. 71-84, 2013.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins; 1995

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite, Maria Célia Lima-Hernandes, Vânia Cristina Casseb-Galvão (org.). **"Introdução à gramaticalização"**. São Paulo: Parábola Editorial; 2007.

GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: da teoria à prática pedagógica. **Linguística e práticas pedagógicas**. Santa Maria: Pallotti, p. 127-148, 2006.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JUBRAN, C. C. A. S. **Revisitando a noção de tópico** discursivo. Cadernos de Estudos Linguísticos, vol. 48, n. 1: 33- 41, (2006) 2011.

KOCH, Ingedore Grünfield Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez Editora, 1984.

\_\_\_\_\_. **O texto: construção de sentidos**. Organon, v. 9, n. 23, 1995.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 4ª Ed. São Paulo : Cortez, 1996

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva**. Revista Investigações da Universidade Federal de Pernambuco, v. 18, n. 2, 2005.

\_\_\_\_\_. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **A articulação entre orações no texto**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas. v. 28(p.9-18), jan./jun. (1995), 2012.

\_\_\_\_\_. I-Discurso e argumentação. **Letras de Hoje—Estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa**, v. 18, n. 2, 2014.p. 1-10

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Volume 1: Internal factors. Oxford: Blackwell Publishers. 1994

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos**. (tradução: Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre e Caroline R. Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

LIMA-HERNANDES, Maria Celia Pereira. **A interface sociolinguística/gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como sincronia e diacronia.** Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de doutor. Campinas, SP, 2005.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira.**São Paulo: Globo Livros, 2002.

MACEDO, Alzira Tavares de & SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. **Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais**– In: Macedo *et al.* (orgs.), *Variação e discurso.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 11-50, 1996.

MARCON, C. A. **Os articuladores textuais ea construção do sentido em textos dissertativos.** Dissertação apresentada ao Curso de pós- graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC para obtenção do título de mestre em linguística Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Marcadores conversacionais do português brasileiro:formas, posições e funções.** In: CASTILHO, Ataliba T. de (org.). *Português culto falado no Brasil.* Campinas: UNICAMP, 1989, p. 281-321, 1989.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização.In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org.). *Gramaticalização noportuguês do Brasil: uma abordagem funcional.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso.** São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MICHAELIS: **Dicionário prático da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Editora Contexto,4ª. Edição, 2013.

\_\_\_\_\_. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação.** In:MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.**São Paulo: Editora Contexto,4ª. Edição, p. 9-14, 2013.

\_\_\_\_\_. **Relevância das variáveis não linguísticas.** In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Editora Contexto,4ª. Edição, p. 27-32, 2013.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo; SURDI, Mary Neiva. **Um olhar sobre a semântica da comparação**. Working Papers em Lingüística, n. 1, p. 31-54, 1997.

NARO, A. J. **Variação e funcionalidade**. *Revista de Estudos da Linguagem* 7/2,p.109-120. 1998.

\_\_\_\_\_.; BRAGA, M. L. **A interface sociolinguística/gramaticalização**. **Gragoatá**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Niterói, n. 9, 2o. semestre, 2000.

\_\_\_\_\_. **Variação e Funcionalidade**. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul – Porto Alegre: Editora da UFRGS,p. 55-62, 2005.

\_\_\_\_\_. **O dinamismo das línguas**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**.São Paulo: Editora Contexto,4ª. Edição, p. 43-50, 2013.

NASCENTES, Antenor. **DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA**, 1955 disponível em:<https://archive.org/details/AntenorNascentesDicionarioEtimologicoDaLinguaPortuguesaTomol> (consultado em 10 de fevereiro de 2014).

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

PAIVA, Maria da Conceição de.**A variável gênero/sexo**.In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**.São Paulo: Editora Contexto,4ª. Edição, p. 33-42, 2013.

PENHAVEL, E.; GUERRA. A. R.**Sequenciamento tópico e frasal na Gramática Textual-Interativa**. In SOUZA, E.R. de, (org). **Funcionalismo Linguístico Novas Tendências Teóricas**, São Paulo: Contexto, p.201-230, 2012.

PENHAVEL, Eduardo. **Sobre as funções dos Marcadores Discursivos**. Estudos Lingüísticos XXXIV, p. 1296-1301, 2005.

PEREIRA, Ivelã. **MESMO: A MULTIFUNCIONALIDADE DE UM ITEM LINGÜÍSTICO CAMALEÔNICO**. Dissertação apresentada ao Curso de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC para obtenção do título de mestre em linguística. Florianópolis, 2013.

PERINI, Mário A.. **Gramática descritiva do Português**,São Paulo: Editora Ática, 2002.

PEZATTI, Erotilde Goreti. **A gramática Discursivo-funcional e o contexto.** In: SOUZA, Edson Rosa de.(org.)*Funcionalismo Linguístico Novas Tendências Teóricas*, São Paulo: Contexto, p.107-132, 2012.

PINHEIRO, C. L. **O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa.** *Cadernos de Estudos Linguísticos*, vol. 48, n. 1, p. 43-51, (2006) 2011.

RISSO, Mercedes Sanfelice, SILVA, Giselle Machline de Oliveira & URBANO, Hudinilson. **Marcadores discursivos: traços definidores.** In: KOCH, Ingedore G.Villaça (org.). *Gramática do português falado*.vol. VI. Campinas: Editora UNICAMP/FAPESP, p. 21-61, 1996.

\_\_\_\_\_. **Aspectos textuais-interativos dos Marcadores Discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah no português culto falado.** In NEVES, M. H. de M.(org.). *Gramática do português falado. Volume VII: Novos Estudos.* Campinas: Editora UNICAMP/FAPESP p.259-296, 1999.

ROST, Claudia Andrea. **Olha e veja: multifuncionalidade e variação.** Dissertação apresentada ao Curso de Pós- graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC para obtenção do título de mestre em linguística Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, 2002.

ROST SNICHELOTTO, C. A. **“Olha” e “vê”:** caminhos que se entrecruzam. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística. Florianópolis, 2009

\_\_\_\_\_. **CORRELAÇÃO ENTRE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS E MARCADORES DISCURSIVOS DE BASE VERBAL: um caso de variação estilística ou de motivação semântico-pragmática?**in: Görski, Edair M.; COELHO, Izete L.; NUNES DE SOUZA, Christiane M. (org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análises.* Coleção Linguística. V3.Florianópolis: Editora Insular, 2014.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática: teoria e prática.** São Paulo: Atlas; 1995.

TAVARES, M. A. **Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical.** In: SOUZA, Edson Rosa de.(org.)*Funcionalismo Linguístico Análise e descrição*, São Paulo: Contexto, p.33-51, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística.** *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 17, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **THE ROLE OF THE DEVELOPMENT OF DISCOURSE MARKERS IN A THEORY OF GRAMMATICALIZATION**. *ichi XII, Manchester*, p. 1-23, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies**. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 51, n. 1, p. 39-79, 2007.

URBANO, Hudinilson. **Aspectos basicamente interacionais dos Marcadores Discursivos**. In NEVES, M. H. de M.(org.). *Gramática do português falado*. Volume VII: *Novos Estudos*. Campinas: Editora UNICAMP/FAPESP p.195-258), 1999.

\_\_\_\_\_. **Marcadores conversacionais**. In PRETI, Dino(org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH da USP, p. 81-101, 1993.

VARSUL, PROJETO. *Variação Linguística na Região Sul do Brasil: banco de dados*.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; MARVIN I.. HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WIEDEMER, Marcos Luiz. **Sociolinguística: questões teórico-metodológicas fundamentais** in *Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais – Ano 05 No. 08 – v. 2– 2009 ISSN 1809-3264; p.92-100*.

VOTRE, S. J. **Relevância da variável escolaridade** in In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 4ª. Edição, p. 51-58, 2013.